

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

FLÁVIA PADULA



A GLÓRIA DO  
**AMOR**



SÉRIE DAWSON WESTERN LIVRO 3



# **A Glória do Amor**

**SÉRIE DAWSON WESTERN**

**LIVRO 3**

**Copyright© By Flávia Padula 2019**

**A Glória do Amor © Flávia Padula**

**Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da autora. © Flávia Padula 2019**

**CAPA: JÉSSICA MACEDO  
REVISÃO: MORGANA BRUNNER**

**Dedico este livro aos meus filhos Rebeca, Davi e Isaac. E ao meu marido Alessandro.**

**Aos meus leitores que me fazem ser a escritora que sou.**

**Agradeço a Deus pelo dom de escrever.**

*Aquilo que se faz por amor está além do bem e do mal.*

*Frederich Nietzsche*

# SUMÁRIO

[NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Instagram](#)

## **NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO**

Mais uma trilogia que chega ao fim. Escrever a Origem da família Dawson foi uma delícia. Amei e me apaixonei por Bradford Dawson, Robert Clarckson e Jeremiah Clarckson. Sem contar as lindas mulheres e fortes, cada uma do seu jeito: Donna Mae, Beth Lee e Eva. Espero ter conseguido meu intento de entreter você com minhas histórias românticas cheias de aventuras.

Obrigada aos leitores, aos profissionais envolvidos neste lindo trabalho.

Obrigada a Deus pela honra de me dar o dom de escrever.

Gratidão pelo carinho eterno dos meus leitores, sem vocês eu não estaria onde estou.

Com amor,

Flávia Padula.



## Capítulo 1

Eva Joyce estava bordando uma nova fralda. Descobrira seu dom para a costura. Na verdade, sempre gostara, mas não podia demonstrar qualquer predileção em sua antiga vida, diferente de agora, que tinha a oportunidade de ser ela mesma. Uma das costureiras, da Cooperativa de Donna Mae Dawson, estava para ser mãe novamente e possuía pouco enxoval, por isso, decidiu ajudá-la. Bordaria algumas fraldas e faria uns cinco macacões de inverno. O outono havia chegado e com ele o ar frio no fim da tarde e crianças adoeciam facilmente.

Eva não tinha filhos, mas tivera vários sobrinhos. Seus cinco irmãos mais velhos eram todos casados e dois deles estavam entre o quinto e o sétimo filho. E uma coisa para a qual ela havia se atentado era que crianças ficavam doentes nos primeiros anos de vida, por isso, precisavam sempre estar agasalhadas e alimentadas. Pela primeira vez, em mais de um ano longe de casa, ela se perguntou como estariam todos.

Afastando os pensamentos que a levavam ao passado, sorriu e prosseguiu com seu trabalho carregado de capricho. Sentada embaixo da luz do lampião, ela colocava ponto a ponto com uma delicadeza sublime, bordar a fazia se acalmar e pensar sobre a vida. E não pensar em Jeremiah Clarckson, embora estivesse se tornando impossível. A cada batida de seu coração se recordava do beijo dele, da mão forte em sua cintura, do olhar carregado de desejo. Aquele homem deveria saber o quanto sua risada poderia ser letal para a sanidade de uma mulher.

Ela o havia conhecido há poucos dias. Saíra à noite para costurar seu vestido, na Cooperativa, quando ele a surpreendeu e, desastrada como era, Eva conseguiu colocar fogo na cortina e no vestido. Entre ele apagar o fogo e repreendê-la, algo nele chamou sua atenção. Talvez fosse o ardor nos olhos azuis ou aquela personalidade forte e dominadora. Infelizmente, Eva sempre teve uma queda por homens mais possessivos. Não sabia quem ele era, até Jeremiah aparecer, no dia seguinte, com um vestido novo como presente e convidá-la para uma festa. Contudo, não foi isso que a comprou, mas sim a atitude dele de querê-la ao seu lado, sem ao menos conhecê-la. Na delicadeza de escolher uma peça de roupa para substituir àquela que Eva prezava tanto e havia trabalhado muito para comprar. Quando chegaram à sede da fazenda Shepherd, Eva vislumbrou o altar florido, e Jeremiah lhe contou que era o casamento de seu irmão, Robert Clarckson, foi então que ela desvendou todo aquele delicioso mistério que o

envolvia.

Aquele homem alto de cabelos dourados, olhos azuis e barba rala, que tinha o porte de um leão agressivo era o dono daquela fazenda. E havia um pequeno detalhe muito importante: sua família e a de Jeremiah não eram amigas. E não sabia como contar a ele sobre a sua identidade. Como diria a verdade sem causar um grande mal-estar?

Estava sendo covarde e tinha medo de sentir o desprezo dele sobre a própria pele. Todavia, sabia que mais cedo ou mais tarde teria que falar, e quanto mais adiasse, maior a probabilidade de ele ficar com muita raiva quando a verdade caísse em seus ouvidos.

E como um vendaval, Jeremiah entrou na casa de Eva e ela se assustou, furando o dedo na agulha. Não houve tempo sequer que terminasse suas próprias divagações.

— Ai! — reclamou. — Não sabe bater à porta?

Ele parecia um touro bravo enquanto caminhava em direção a ela. Jeremiah colocou as mãos nos braços da poltrona e a prendeu, fazendo-a encolher diante do furor de seu olhar e se abaixou e a encarou bem de perto.

— Quem é você? E por que está em minhas terras?

Eva sentiu um gelo pelo corpo e engoliu em seco. Ele descobrira mais cedo do que ela sequer pudesse imaginar.

— Como descobriu? — Ela tentava ganhar tempo para recuperar o controle de suas emoções e parar de tremer.

— Faz alguma diferença? — devolveu, furioso.

Por isso, não contara. Sabia que ele ia odiá-la, como seus pais se odiaram no passado. Os Joyce e os Clarckson não passavam juntos debaixo da mesma porta. Caso soubesse quem ele era antes de ter aceitado o convite para ir à festa de casamento de Robert Clarckson e Beth Lee Malick, Eva teria fugido dele. Mas apaixonar-se por ele foi tão natural desde o momento em que se viram no barracão, que ela se esqueceu de contar a verdade. Não foi bem um esquecimento, foi um lapso de memória entre o primeiro toque da mão dele sobre a sua e o beijo casto que trocaram.

— Se está aqui com toda essa raiva, é porque descobriu quem eu sou — concluiu, séria e tentando manter a calma.

Não queria brigar com Jeremiah e não desejava trazer seu passado de volta.

— Por que escondeu de mim quem era? — Ele estava com muita raiva.

Ela estava com medo dele. Conhecia os homens muito bem e sabia que podiam ser violentos quando eram contrariados. Seu pai era assim, bem como seus irmãos.

— Quero que se afaste ou está pensando em me bater? — Ela o enfrentou, mas sem se alterar.

Jerry fez uma careta de desgosto e não se afastou um centímetro.

— Nunca precisei agredir uma mulher, senhorita, e não vou começar agora — elucidou com uma frieza bem distante do beijo e os olhares apaixonados que haviam trocado há duas noites. — Agora, responda o que lhe perguntei — exigiu.

— O que quer saber?

— Por que não me contou que era filha de Alan Joyce?

— Porque não sou mais — disse a verdade. — Porque fugi de casa.

Ele franziu o cenho e se afastou, erguendo o corpo.

— Fugiu de casa? Está tentando me enganar?

— Caso duvide, mande um bilhete para um vizinho ou qualquer pessoa próxima ao meu pai e saberá que a única filha do General Joyce desapareceu, deixando uma carta pedindo que não a procurassem mais! — Ela se levantou e andou pela casa para bem longe dele, irritada.

— E por que veio para cá? Justo para Shepherd?

Ela encolheu os ombros e olhou para ele. A verdade é que ela não sabia explicar. Talvez movida pela curiosidade de conhecer a família que seu pai invejava tanto, estar perto da história que pertenceu a uma vida que ela não conhecia. Ou porque, simplesmente, aquele seria o último lugar em que seu pai a procuraria.

— Eu viajei até San Antonio de trem, sem destino. Então, vi no jornal o anúncio de emprego como costureira e não pedia qualificações ou indicação, me pareceu oportuno, porque também oferecia casa e comida — contou. — Tentei a sorte.

Ele fez que não.

— Quer que eu acredite que abriu mão de ser *a herdeira do papai* e veio até a fazenda do homem que ele odeia, apenas para fugir? — questionou, incrédulo.

Ela ficou magoada por ele a chamar de mentirosa.

— Pense o que quiser. Essa é a verdade.

— E por que fugiu? — Ele quis saber.

— Isso não é da sua conta! — censurou.

Jerry cobriu o espaço que os separava.

— Não acredito em você porque se não tivesse nenhum interesse escuso, teria dito a verdade, ou pelo menos, não teria escondido seu sobrenome! — acusou com o dedo em riste.

Ela nunca dissera seu sobrenome porque ele não perguntara e quando descobriu quem ele era, estava apaixonada e não queria causar um mal-estar antes que ele a conhecesse bem e soubesse que era diferente de seu pai e não se importava com aquela rixa ridícula entre as famílias. Todavia, nada do que dissesse o faria acreditar nela, Jeremiah estava com raiva, se sentia enganado. E por mais que também estivesse irritada naquele momento, compreendia a decepção dele.

— Se pensa que sou uma traidora, por que veio aqui? — rebateu, tentando se defender das consequências de sua insegurança. — Simplesmente não precisava mais falar comigo, poderia me ignorar.

Jerry experimentou uma fúria cega por ela não negar as acusações. Sentiu-se traído e enganado. Eva brincou com ele.

— Descobrimos que seu pai tem patrocinado o Bando da Morte. — Ele foi direto. Ela não pareceu surpresa com a notícia. — Sabia disso?

Eva sempre primou pela verdade. Não mudaria agora, mesmo que isso lhe causasse grande vergonha. Uma coisa era omitir, outra mentir.

— Sim, sabia.

— Foi conivente com os crimes de seu pai! — Ele a acusou.

— Entenda como quiser — abraçou o próprio corpo. Sabia de seus próprios pecados e não precisava que ele lhe trouxesse mais tormento.

— Precisamos parar seu pai, Eva! — falou, ríspido. — Sandy Lee e Adam Palmer estão mortos, entretanto, isso não vai deter o general.

Os maiores criminosos do meio oeste estavam mortos? Ela ficou com pena deles. Não eram pessoas ruins, contudo, se corromperam em meio a soberba e a ganância de seus corações.

— Não vai mesmo. — Ela concordou. — A cobiça dele não tem limites.

Jerry ficou pasmo com a frieza de Eva. Como poderia ter se interessado por essa mulher? Uma pessoa tão indiferente as atitudes criminosas de seu pai?

— Mas temos provas contra ele — expôs.

— Provas?

— As cartas que você escreveu para Adam Palmer e enviava a Sandy Lee quando eles roubavam gado... — revelou.

— Pensei que estas cartas estivessem perdidas — comentou, surpresa.

— Errou! — Ele deu um sorriso sarcástico. — E estão assinadas por você. Todas.

Agora, ela compreendia como ele a havia encontrado. *Eva Joyce*. Isso tudo era tão irônico.

— Sim, estão. Meu pai pediu que eu as escrevesse, para que não ficasse nada documentado em seu nome.

— Vai ter que contar isso ao juiz. — Jerry determinou.

Eva ficou pálida como um papel.

— Não pode me pedir isso! Ele é meu pai...

— Pensei que não fosse mais. — Ele usou as palavras de Eva contra ela.

Deu um passo para ele.

— Ouça, Jeremiah, uma coisa é eu me desentender com meu pai, outra é colocá-lo na cadeia para sempre. Ele pode ser condenado à morte!

— Tem ideia de quantas pessoas seu pai tem matado todos os dias por causa desse Bando que ele criou para o proteger de seus crimes? — Ele a desafiou e ela engoliu em seco, não podia negar. — A escolha é sua: ou depõe contra o seu pai, ou juro, que será a senhorita que vai pagar pelos crimes que ele cometeu e garanto-lhe que a prisão não é nem um pouco generosa com a filha de um general inescrupuloso.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela e Jeremiah lhe deu as costas. Não queria vê-la chorar. Ela havia mentido para ele e o enganara, não podia ter pena dela ou se comover com sua dor.

— Tem até o amanhecer para decidir! — Ele foi até a porta e a abriu.

Eva notou que havia homens do lado de fora e escutou Jeremiah falar com eles.

— Vigiem a senhorita Joyce, não a deixem sair — ordenou. — Voltarei amanhã de manhã. — E bateu a porta.

Eva ficou com raiva e deixou as lágrimas cederem uma a uma. Mais uma vez, os erros de seu pai voltavam a assolá-la, mesmo fugindo, o passado parecia persegui-la. E quando pensou que a vida poderia lhe sorrir ao deixá-la ficar nos braços de um homem encantador como Jeremiah, veio o vento do norte e soprou

contra ela, derrubando-a novamente em seus próprios erros.

Sabia que deveria ter-lhe dito sobre seu sobrenome, mas sabia que a reação dele seria aquela: de repúdio e indiferença. No fim, não importava o que acreditasse, a justiça divina sempre era mais forte e não era tardia. Desta vez veio até mais depressa do que esperava.

Pensou em seu pai e no quanto era um homem ruim e sem escrúpulos, capaz de tudo para conseguir o que desejava. Inclusive matar pessoas inocentes. Foi por isso que se afastou de sua família, por causa dos crimes que cometiam e nunca pagavam por eles. Porque estava cansada de ser conivente com as barbaridades que faziam. E por fim, não era como eles, nunca seria. Tinha um coração batendo do peito que clamava por amor e compaixão e acima de tudo misericórdia.

Sim, ela escrevera aquelas cartas. Chorando, com seu pai lhe ditando cada palavra. Muitas e muitas vezes se obrigou a fazer o que ele lhe exigia, apenas em respeito e submissão ao fato dele ser seu pai e lhe prover tudo o que precisava. Até que se cansou e partiu, e soube que ele a havia rechaçado, nunca mais poderia voltar para perto dos Joyce ou rever sua mãe. Seu pai a mataria se fizesse.

Durante a viagem encontrou com Beth Lee Malick. Ela a ajudou a fugir de uns homens que a perseguiam perto de San Antonio, no trem. Eva se lembrava dela, jamais esqueceria daquela mulher forte que fez dois homens implorarem pela vida e mijarem nas calças.

Quando Betty Lee a reconheceu durante a festa de casamento, deveria ter contado tudo a Jeremiah, mas ele a beijou e esqueceu a coragem. E no temor de perder a atenção que ele lhe dava, acabou privando-se da confiança que havia conquistado. O que era muito pior. Reconquistar a credibilidade era praticamente impossível, ainda mais naquelas circunstâncias, quando ele acreditava que ela era uma criminosa como seu pai.

Comprimiu os lábios, angustiada.

Como poderia testemunhar em uma corte contra o seu próprio pai?

Como poderia permitir que pessoas inocentes continuassem morrendo?

Estava perdida.

## Capítulo 2

Eva estava pronta para tomar a decisão mais difícil de sua vida e seu coração se espremeu. Passara a noite em claro, relutando contra sua covardia tão natural e tentando tomar a melhor decisão para si e para os outros. Havia se decidido: ia depor contra o próprio pai em nome de um bem maior. Jeremiah Clarckson tinha razão em uma coisa: o silêncio dela mostrava o quanto era cúmplice com as atitudes abomináveis de sua família. E ela não era. Não mais, por isso, aceitou delatar os Joyce, entregando as cartas que havia recebido de Sandy Lee Malick e Timothy Clarckson, que sempre a deixavam a par de seus assaltos e tudo o que faziam combinado com Alan Joyce.

Contudo, não iria mais falar com Jeremiah Clarckson. Estava magoada pela forma como ele a havia tratado, mesmo tendo suas razões. Sentia raiva dele e isso bastava para não lhe dirigir sequer o olhar. Por isso, antes que o sol amanhecesse, pediu aos homens que a vigiavam para levar um bilhete ao xerife Bradford Dawson.

*Caro senhor Dawson,*

*Por forças maiores decidi ajudar no mistério que ronda o conhecido Bando da Morte. Por isso, preciso falar com o senhor. Agradeço sua atenção.*

*Eva Joyce.*

Ela era boa em escrever, como em outras coisas. Entretanto, deveria ter imaginado que os empregados não levariam o bilhete até o xerife sem antes passar pelo crivo de Jeremiah, que ao ler a anotação, respirou impaciente. Aquela mulher era o demônio!

— Leve até Dawson. — Ele ordenou ao rapaz.

— Sim, senhor.

Jeremiah não havia dormido a noite toda, pensando no que aquela maldita mulher lhe fizera. E quanto mais refletia sobre o papel de idiota ao qual se prestou, mais raiva sentia dela. Condenava-se toda vez que lembrava o quanto a achara admirável, verdadeira, divertida e linda. Era apenas uma fachada para manter-se próxima a ele. Mas com que intuito? Será que Alan Joyce tinha planos contra sua família? Ele precisava descobrir...

Pegou seu chapéu e saiu do escritório. Caroline estava descendo as escadas quando viu o sobrinho abrir a porta e sair do cômodo. Estava com a

roupa do dia anterior amarrotada e a velha senhora compreendeu que aquele assunto acerca da senhorita Joyce havia mexido com ele. Caroline o conhecia desde pequenino e o tinha como a um filho, por isso, sabia exatamente o que estava acontecendo: Jeremiah se apaixonara pela primeira vez na vida e pela mulher errada.

— Bom dia, querido. — Caroline murmurou chamando a atenção dele.

Jeremiah parou de andar e olhou para a tia.

— Bom dia...

— Já vai sair tão cedo? — Ela foi se aproximando dele. — Por que não se arruma e come alguma coisa antes de sair? Um homem de barriga vazia não funciona muito bem, principalmente, para tomar decisões.

— As decisões já foram tomadas, tia. — Ele beijou sua testa com carinho. — Não há mais nada para fazer, a não ser deixar que as coisas aconteçam como deve ser.

— E como deve ser, Jeremiah? — questionou. — Você agindo com raiva? Com a mágoa que se formou em seu coração?

Ele franziu o cenho e comprimiu os lábios. Não estava magoado, e sim irritado. Mágoa era coisa de pessoas apaixonadas e ele não sofria desse mal. Estava apenas com ódio por Eva ter tentando enganá-lo, mas a vida sempre estava a seu favor e ele descobriu a tempo de colocá-la em seu devido lugar.

— Não se preocupe, tia — assegurou com humor irônico. — Não vou matar ninguém...

— Não é isso que me preocupa, Jeremiah — acariciou o rosto dele. — Temo que a raiva o deixe cego e você perca momentos preciosos em sua vida.

Sua tia estava enganada, não havia nada de valioso naquele momento. Eva era apenas mais uma mulher. Como qualquer outra.

— Fique tranquila. Está tudo perfeito — garantiu —, preciso ir...

E antes que ela pudesse impedi-lo, Jeremiah saiu a passos largos, ajeitando o Stetson sobre a cabeça. Montou seu cavalo e saiu em disparada até a casa de Eva. A terra vermelha brilhava com a chegada da luz do sol no horizonte, mais um dia começava em Shepherd e em Crescentfalls. Estranhamente nuvens como tufo de algodão de cores claras e escuras guardavam o céu, e isso significava que mais tarde a chuva chegaria.

Quando chegou, seus homens ainda estavam guardando a frente da simples casa. As mulheres começavam a se dirigir para os galpões e ele achou melhor dispensar os homens para não chamar a atenção. Ele mesmo cuidaria da



senhorita Joyce.

— Jeremiah. — Uma voz feminina o chamou.

Olhou para trás e viu Melissa abaixo das escadas da varanda.

— Algum problema com a senhorita Joyce?

Ficou mal-humorado ao notar que todos sabiam o sobrenome dela, menos ele. Respirou fundo afastando a jaqueta de couro e levando as mãos aos quadris.

— É melhor ir trabalhar. — Ele a cortou, impaciente.

Odiava mulheres bisbilhoteiras, principalmente, as amantes possessivas. Ele encontrava-se com Melissa de vez em quando e a pagava por isso. Não havia laços sentimentais ou gestos de carinho, era apenas a forma primitiva que o fazia buscar por satisfação sexual com uma mulher apazível e que estava disposta. E a última coisa que precisava era que ela se achasse dona dele. Ninguém o dominava, era livre para fazer o que desejava e beijar quantas bocas quisesse.

Virou-se e entrou na casa, batendo a porta. Eva revirou os olhos enquanto terminava de arrumar a própria mala. Sabia que era Jeremiah, nunca um homem educado como Bradford Dawson entraria em sua casa sem bater e agindo como o macho dominador. Suas mãos começaram a tremer e ela franziu o cenho tentando se concentrar no que fazia e não ouvir os passos determinados se aproximando do quarto. Era incrível como ela o reconheceria mesmo se estivesse vendada. Ou pelo andar, ou pelo perfume, ou simplesmente porque sabia que ele estava próximo a ela, simples assim.

A melhor forma de não se importar com ele, era ignorá-lo.

Jerry parou à porta do quarto e ergueu uma sobancelha.

— Está pensando em fugir? — perguntou, ríspido.

Ela continuou em silêncio, seu coração batendo apressado enquanto se aproximava do guarda-roupa e tirava mais um vestido.

— Estou falando com você, senhorita Joyce. — Ele falou, irritado.

Eva foi até sua mala e dobrou o vestido, cuidadosamente. Olhou para o armário e parou. A única peça de roupa que sobrara foi o vestido que ele lhe dera. Jeremiah olhou na mesma direção e viu o vestido verde que a deixou a mulher mais linda do mundo. Ainda se recordava da pele macia do ombro quando ele a tocou, e dos lábios deliciosos quando a beijou. Ficou irritado por se sentir excitado com lembranças tão insignificantes. Ela não merecia tanto.

Ficou esperando para ver o que ela ia fazer. Mas o orgulho falou mais

alto e Eva fechou a mala, deixando o vestido para trás. Pegou a mala e foi em direção à porta, mas ele não se moveu para que ela passasse, ficou servindo de bloqueio.

— Com licença — pediu, nervosa, sem conseguir levantar o olhar para encará-lo.

— Aonde pensa que vai? — Ele indagou.

Não era da conta dele e precisava passar. De forma impensada, ela bateu a mala sobre a barriga dele e ele se desequilibrou. Entretanto, Jerry segurou a mala para não cair e acabou que todos foram ao chão. A mala se abriu e as roupas caíram, bem como um monte de papéis. Eva não podia acreditar que aquilo ocorrera e se ergueu, andando de gatinho para pegar suas coisas e jogar dentro da mala.

Jeremiah sentou-se e olhou ao redor.

— Que papéis são esses? — Ele esticou a mão para pegar, mas ela bateu na mão dele.

— São minhas coisas, não ouse tocar! — ameaçou com dedo em riste.

— Ou vai fazer o quê? Me bater com a sua sombrinha? — debochou. Ele tentou novamente pegar outro papel, mas ela bateu com mais força. Isso o deixou furioso. — Como ousa me bater?

— Sua mãe não lhe ensinou que é feio mexer nas coisas dos outros? — Ela o censurou pegando depressa o que podia.

— Deve ter ensinado, mas não me recordo — assegurou e pegou um papel que estava fora do alcance de Eva.

Ela foi para cima dele, mas Jerry foi mais rápido e levantou se afastando. Ela o perseguiu e ele ergueu o papel no alto. Eva pulou, mas ele era maior e era impossível pegar.

— Devolva-me! — exigiu, brava.

Um sorriso surgiu nos lábios bonitos, ele não conteve o fato de que ela ficava linda quando estava brava e perdia toda aquela classe e educação que a rondava o tempo todo.

— Não. — Ele respondeu. — O que ainda está escondendo?

— Coisas que você não vai querer saber! — Ela respondeu e se afastou cansada.

Jeremiah ficou sério e olhou para o papel. Era uma carta. A porta foi aberta e Dawson surgiu. Com seus olhos azuis argutos, o xerife olhou de um

para o outro e toda aquela bagunça no chão. O amor tinha daquelas coisas, Brad ponderou. Ele e Donna Mae brigaram por tanto tempo antes de finalmente se entregarem ao amor. Sentia que com seu cunhado não seria diferente.

— Bom dia — aproximou-se de Jerry. — Vim o mais depressa que podia. Está tudo bem?

— Está. — Jerry olhou para Eva que continuava de costas. Não queria, mas sentiu-se mal por vê-la enxugando as lágrimas e então ela se voltou para eles, refeita.

— Está sim, xerife, que bom que veio. — Ela se abaixou para pegar o restante dos papéis. Dawson se abaixou para ajudá-la. Terminaram e se ergueram. — Estes papéis são tudo o que precisa para colocar meu pai atrás das grades. — A voz dela desapareceu pela dor de trair o próprio pai, mesmo que fosse por um motivo honrado. Pegou o papel da mão de Jeremiah e colocou na mão de Dawson — pronto.

Dawson pegou os papéis e ajeitou para que não caíssem. Jeremiah não discutiu porque sabia que mais cedo ou mais tarde teria acesso aqueles malditos papéis que ela não queria mostrar para ele.

— Obrigado — agradeceu. — Provavelmente, teremos que ir até Austin e fazer a denúncia. A diligência deve chegar em alguns dias para buscar o corpo de Adam Palmer, poderemos seguir com eles.

— Claro. — Ela concordou. — Talvez seja melhor que eu fique na pensão — explicou a Dawson. — Acredito que agora que sabem que sou filha de Alan Joyce, e tudo o que há nesses documentos, não há clima para que eu fique na Cooperativa.

Doía pensar que voltaria a Austin. Sentiria falta de Shepherd e de seu trabalho e a independência que adquiriu. Entretanto, voltar para casa, para o lugar que envergonhara e onde seu nome estava na boca suja das fofoqueiras de plantão lhe causava repulsa.

— Talvez seja melhor falar com Donna Mae. — Dawson a aconselhou.

— A senhorita não vai sair daqui! — Jerry falou se aproximando dela. — Não vai fugir!

Ela ergueu a postura e o enfrentou. Não ia permitir que aquele homem a destratasse na frente de quem quer que fosse.

— Não é meu dono! — Ela deu um passo para ele. — Não é nada meu, senhor Clarckson! — colocou o dedo em seu peito. — Posso ir para onde desejar, e não há nada que me impeça! — olhou para Brad. — Ou há xerife?

— Não. O fato de ser testemunha de um caso não a faz uma criminosa!

Jerry comprimiu os lábios e praguejou:

— Não vê que ela está agindo de má fé? — Jeremiah se voltou para Dawson. — Não podemos confiar nela!

Brad o fitou com paciência. Seu cunhado tinha o orgulho ferido e ele sabia que era difícil para um homem lidar com isso. Ainda mais quando o alvo de seu ódio era a mulher que desejava.

— Pode vigiá-la! — Brad recomendou.

— Farei isso!

— Oh! — Eva ofendeu-se. — Não quero que fique perto de mim! Na verdade, preferia não o ver novamente.

Jerry estreitou os olhos azuis.

— Não vai fugir de mim! — avisou. — Não vou deixar que saia ilesa dessa situação.

— E o que vai fazer? — Ela o enfrentou e Brad achou melhor sair. Aquela briga era muito pessoal. Ele já tinha o que precisava, ia verificar os papéis e depois entrava em contato com Eva.

— Caso tente fugir, eu a amarrarei ao pé da cama! — Jeremiah ameaçou sem notar a saída do cunhado.

— Ouse encostar um dedo em mim e eu... — Ela não queria falar algo muito feio, na verdade, não sabia o que dizer e nada lhe vinha à mente.

— O que vai fazer? — Ele a desafiou se aproximando mais.

Eva sentia a respiração próxima da sua e não conseguia pensar em mais nada que não fosse naqueles lindos lábios sobre os seus.

— Eu vou... — ficou nervosa. — Vou...

— O quê? — Jerry murmurou e fitou os lábios rosados e entreabertos. Ele não deveria ter olhado! Mas agora era tarde demais, a única coisa que conseguia pensar era no sabor deles se espalhando por seu corpo.

— Vou... — Eva sussurrou, mas sua voz mal saiu por entre os lábios.

Os mesmos lábios que Jeremiah tomou com uma volúpia indecente. Jovens feitas para casar não deveriam ser beijadas daquela forma, ele sabia disso, ela sabia também. Contudo, aquele sentimento era mais forte do que eles, o desejo os dominava, a necessidade de estarem juntos era arrebatador.

Eva nunca sentira a língua de um homem dentro de sua boca e seu corpo

derreteu quando Jerry tocou a sua, primeiro levemente, depois apaixonado e faminto. Ela mal sabia beijar daquela forma indecente, pecaminosa e deliciosa, mas deixou se levar, era o que desejava, não era? Segurou-se nele com medo de cair, pois seus pés pareciam sair do chão. Jerry a havia agarrado pela cintura e a trazido para junto de seu corpo, erguendo-a.

Ele a beijou com uma fome desenfreada. Era um homem acostumado a nunca domar suas paixões e ali estava ele, vivendo a mais intensa delas. Jeremiah gostou da forma como Eva cabia perfeitamente nas curvas de seu corpo, como se fora moldada para isso. Ele a apertou mais, a beijou mais, mesmo diante da inexperiência dela, ele enlaçou sua língua a dela, fazendo-a gemer levemente.

Aquele simples som o arrebatou. Poderia ter passado a vida toda sem ouvir aquilo que sua vida seria a mesma. Mas aquele gemido fez com que sua ereção doesse e clamasse por mais, por ir em frente, por fazê-la sua e mostrar que ele podia ser um amante perfeito para ela, e arrancar-lhe mais gemidos como aquele e até gritar. Ele queria que ela dissesse seu nome quando ele lhe proporcionasse o primeiro orgasmo.

O que ele estava fazendo? Pensando em ir para a cama com a mulher que o traía?

Soltá-la foi um momento tenso, lento e torturante. Ele não queria ficar longe dela e Eva também não queria que acabasse. Abriu os olhos lentamente enquanto ele a colocava no chão, estavam perdidos sem saber o que dizer ou fazer.

Eva foi a primeira a se recompor. Deu um passo para trás se livrando daquele poderoso abraço. Engoliu em seco e abaixou o olhar para as mãos, sentindo o rosto queimar de vergonha. Não pelo que ocorrera, mas por perder a compostura tão facilmente quando o assunto era Jeremiah.

Jerry não disse nada, não podia. Estava certo de que não a desejava, mas aquele momento provara o contrário. Com raiva de si por ser tão fraco, ele se virou e foi em direção à saída. Ia dizer qualquer coisa, ameaçar, contudo, não achou prudente, o desejo que sentia ainda estava pungente em seu sangue. Tinha certeza que se abrisse a boca a única coisa que faria era implorar para que ela se entregasse a ele.

Apenas saiu e bateu a porta.

## Capítulo 3

Eva optou por ficar na Cooperativa. Não apenas porque Donna Mae pediu que ela prosseguisse com seu trabalho nos dias que restavam para a sua partida, mas também porque não tinha dinheiro para hospedar-se na pensão de Bennet. Caso fizesse isso, ficaria sem nada para a viagem e sua estadia em Austin e ela precisava pensar como uma trabalhadora e não como a filha de um homem rico.

Estava exausta. Trabalhara mais que o normal para dar conta de tudo. Não queria deixar trabalho para trás ou pensar em seus problemas. Contudo, ao colocar os pés dentro do silêncio de sua pequena casa, ela se recordava que sua vida estava prestes a mudar, radicalmente. De filha desaparecida para uma filha traidora. Não apenas seu pai ficaria decepcionado, como também seus irmãos e sua mãe. Havia aprendido desde pequena a importância de defender todos de sua família, não importasse o quanto estivessem errados. E durante muito tempo, ela esteve agarrada a essa regra. Sempre acreditou que mesmo o pai sendo um criminoso, ela deveria ficar ao lado dele e compreender que tudo que ele fazia era para o bem de sua família.

Até que Eva descobriu que ele poderia ser impiedoso até mesmo com ela, obrigando-a a se casar com um velho amigo, James Sunders, um viúvo de setenta anos, ex-senador e pai de filhos mais velhos que a própria Eva. E tudo para ter ajuda política e financeira quando precisasse. Eva preferia a morte a se casar com um homem que tinha idade para ser seu avô e lhe causava grande repulsa.

O dia que aquele homem tentou tocar seu corpo, ela sentiu vertigens e uma vontade imensa de vomitar e, quando soube que o casamento estava marcado, pegou suas coisas e fugiu de casa sem olhar para trás. Deixando uma carta dizendo ao pai que não a procurasse e que se o fizesse, ela poderia acabar com a vida dele e de todos que o cercavam.

Eva respirou fundo e soltou um suspiro dolorido. Tudo que tinha contra seu pai e seus comparsas estava nas mãos de Dawson, inclusive segredos que poderiam abalar a estrutura dos Joyce e dos Clarckson. Coisas que faria Jeremiah odiá-la ainda mais. E se era difícil conviver com a paixão e a indiferença que sentia por ele, ter seu ódio era o pior dos pesadelos.

Vencida pelo cansaço, ela se jogou na cama e olhou para o teto. Não

demorou muito a dormir e sonhar. Inesperadamente, ela sonhava com Jeremiah novamente, como nos outros dias desde que o conheceu. Desta vez, o sonho era mais vívido, ele estava deitado em sua cama, e acariciava seu rosto, seu pescoço, lhe provocando cócegas e ela ria, batendo na mão dele. Jerry arrancou o chapéu e ela estranhou quando ele acariciava a gola de seu vestido e a barra também! Como ele conseguia fazer isso ao mesmo tempo?

Movida por uma ansiedade irracional, ela abriu os olhos e soltou um grito aterrorizante ao ver várias cobras em cima de sua cama, subindo sobre seu corpo. Ela levantou-se e saiu gritando do quarto e seu corpo se chocou com o de alguém e ela caiu, não conseguindo parar de gritar. Tinha horror a cobras.

Jeremiah agachou e a segurou pelos braços.

— O que houve?

Eva apontou para o quarto sem conseguir falar, ainda podia senti-las andando sobre seu corpo. Abraçou seus joelhos e começou a se balançar para frente e para trás, nervosa. Escutou um tiro e depois outro. Uma delas Jerry esmagou com o pé e teve que atirar na quarta cobra. Abriu as janelas e as jogou para fora.

Alguém colocara aquelas cobras venenosas no quarto de Eva, não era típico que entrassem nas casas e em grupos. Ninguém tocava em Eva, e ao pensar que alguém podia estar tentando matá-la, sentiu a fúria cegá-lo. Jerry voltou para perto dela e a segurou pelos braços.

— Olhe para mim, Eva. — Ele pediu e ela levantou o olhar cheio de lágrimas. Jeremiah nunca pensou que fosse capaz de sentir tanto ódio ao vê-la sofrer daquela forma. — Alguém de sua família sabe que está aqui, falou com alguém sobre seu pai ou que vai depor contra ele?

Ela fez que não e continuou se balançando.

— Odeio cobras! — murmurou com a voz carregada pela angústia. — Elas estavam andando em mim! — O nojo era pungente em sua voz. — Não gosto de cobras, Jeremiah!

Ela não merecia sofrer daquele jeito e ele faria pagar quem tivesse lhe causado tamanho mal.

— Viu alguém rodeando sua casa? Ou entraram aqui? — Ele a questionou quando um de seus homens entrou na casa e Jerry se voltou para ele.

— Nada ao redor, senhor. — O homem disse, ofegante.

Jerry olhou para Eva.

— Tente ficar calma e se lembrar de algo diferente no seu dia. — Ele

pediu com uma paciência que estava longe de sentir.

— Nada. — A voz dela tremeu e respirou fundo se recuperando do susto.  
— Trabalhei o dia todo, cheguei em casa e me deitei. Não vi nada...

— Desculpe-me pela intromissão, senhor. — O homem falou chamando a atenção do patrão. — Mas um dos homens disse que uma das costureiras veio trazer uma encomenda para a senhorita Joyce.

Não foi necessário mais nenhuma palavra. Jeremiah levantou-se devagar como um caçador que espreita a caça, como se estivesse controlando seu pior lado, impedindo que o monstro que o habitava viesse à tona.

— Fique com a senhorita Joyce! — Sua voz soou impassível e fria.

Eva se libertou de sua histeria e se levantou.

— Aonde você vai, Jeremiah?

Jerry não respondeu e saiu da casa a passos largos. Chovia naquele momento e ele sequer notou as gotas frias que molhavam sua roupa. Atravessou a sequência de casas brancas que pertenciam às costureiras, até a última do outro lado, tudo iluminado por lampiões nas varandas. A casa de Melissa. Ele subiu as escadas pulando os degraus e deu um soco na porta, abrindo-a.

Melissa estava diante do fogão quando ele surgiu e ela soube que ele descobrira o que fizera. Jeremiah era a visão do anjo vingador e ela sentiu um medo profundo.

— Fora daqui! — Ele ordenou caminhando para o guarda-roupa dela e arrancando as roupas dali.

— O que pensa que está fazendo? — Melissa tentou segurá-lo, mas ele se livrou dela com violência.

— Não ouse bancar a inocente comigo! — Jerry colocou o dedo em riste.  
— Não sou o tipo de homem que tolera atrevimentos. Quero que pegue suas coisas e suma de Shepherd e Crescentfalls ou juro que vai para a cadeia!

Ela soube que havia perdido a batalha para Eva Joyce. Jeremiah não a perdoaria por ter se intrometido na vida dele. Pegou suas coisas jogadas no chão e olhou para ele:

— Pensei que gostasse de mim...

— Gostar de estar com alguém não é o mesmo que ter algum apreço por ela — deferiu com desprezo. — Já deveria saber disso toda vez que deixei o dinheiro na cabeceira de sua cama!

Ela ergueu o queixo com orgulho ferido. Não ia chorar por ele. Fora



apenas um amante e não o homem da sua vida.

— Ela merece tanto? — questionou em um fio de voz.

— Ela merece respeito! — deu um passo ameaçador e Melissa retrocedeu. — Eva poderia ter sido picado por aquelas cobras e ter morrido!

— Que morresse! Pouco me importo! Sou mais interessante que ela! — gritou e saiu correndo da casa, então se deparou com Eva, encharcada pela chuva e parada à porta. — Eu a odeio! — falou por entre dentes e correu pela chuva.

Jeremiah se aproximou da porta e olhou para Eva.

— É melhor voltar para casa — ordenou passando por ela.

— Não sei se notou, mas não obedeço às suas ordens! — colocou as mãos na cintura. — E exijo que me explique o que houve aqui!

Mulher dos infernos! Era tão mais fácil se ela cumprisse o que sua aparência oferecia: uma mulher meiga, gentil e submissa. Mas não. Ela era atrevida e insuportável.

— O que quer saber? — Ele se voltou para ela.

— Primeiro, o que estava fazendo na porta da minha casa?

— Eu avisei que ia vigiá-la! — recordou.

Ela fez que não, indignada. Jerry fez menção de se retirar.

— Ainda não terminei! — avisou.

Jeremiah revirou os olhos, impaciente.

— Segundo: por que aquela mulher colocou as cobras em meu quarto e saiu no meio da noite, desesperada?

Ele viu naquele momento a oportunidade de colocá-la em seu devido lugar.

— Primeiro, o nome dela é Melissa. — Ele começou a falar.

— Sei disso. — Ela falou cruzando os braços.

— Segundo, era minha amante.

— Ah... — Ela descruzou os braços, decepcionada. — Agora entendo — passou por ele e o fitou por cima do ombro. — Espero que seu harém não deseje me matar — falou com ciúme e desceu as escadas.

Jeremiah sorriu ao vê-la com dor-de-cotovelo.

— Ainda não terminei! — A seguiu pela chuva.

Eva se voltou para ele. Agora, a chuva caía sobre eles forte, mas estavam tão envolvidos, que não notavam a força das gotas contra seus corpos.

— E o que mais tem a dizer? — perguntou vendo a luz do lampião bater contra o sorriso sarcástico de Jeremiah.

— Ela fez isso porque pensa que somos amantes! — provocou.

— Oh! — Eva se ofendeu. — E por que ela pensaria isso?

— Porque ela viu quando nos beijamos outra noite... E mulheres decentes não ficam beijando homens na porta de suas casas...

O tapa ecoou e ela perdeu a cabeça.

— É o homem mais insuportável que já conheci, Jeremiah Clarckson! E saiba que seu beijo é horrível!

Ele passou a mão pelo próprio rosto que queimava pelo tapa e a fitou através da sombra do chapéu.

— Mal sabe beijar — devolveu. — Aliás, tenho certeza que fui o primeiro. Esse mérito é meu...

Eva queria gritar com ele até perder a voz, mas soaria mais infantil do que já estava sendo. Era verdade, mas ela não cederia, nunca!

— Pode ter certeza, Jeremiah, que jamais voltarei a beijá-lo enquanto eu viver! — Ela falou com o dedo em riste, tremendo de frio.

Virou-se e foi em direção a casa, mas lembrou-se de algo e voltou.

— Ter aquelas cobras na minha cama foi mais agradável do que o seu beijo!

Ela lhe deu as costas e escutou a risada dele.

— Ora, seu...

Jeremiah a enlaçou pela cintura, a puxou contra o seu corpo sólido e segurou os cabelos molhados, levando seus lábios contra os dela, obrigando-a a beijá-lo, a subjugá-la. Ele a fez abrir a boca, senti-lo, até que um gemido rouco escapou dos lábios delicados e ele se afastou. Eva mal compreendia o que havia acontecido. Ela ia xingá-lo, mas acabou perdida naquele tormento de desejo e prazer. Jeremiah era a própria tempestade. Então, o ouviu dizer:

— Se queria um beijo, não precisava ter feito um escândalo desses... — A voz dele soou carregada de malícia.

— Ora...

— Cuidado. — Ele disse sem soltá-la. — Ou vou beijá-la mais...

Uma ameaça estonteante, mas ela não estava disposta a tentá-lo.

— Eu o odeio! — falou e comprimiu os lábios.

Eva se livrou dele com fúria e dessa vez tropeçou duas vezes no próprio vestido. Na terceira vez, caiu de quatro escutando a risada dele ao fundo. O barro respingou em seu rosto na queda. Com o pouco de dignidade que lhe restava, ela se ergueu e tomando uma postura ereta caminhou para casa e não ousou olhar para trás para que ele não soubesse que havia um sorriso em seu rosto e ela havia adorado ser beijada outra vez.

Jeremiah a viu entrar em casa sem conseguir deixar de sorrir. Jamais conhecera uma mulher tão desastrada como Eva. Recordou-se de algumas noites atrás quando a conheceu. Estava saindo da casa de Melissa quando viu alguém entrando no galpão da Cooperativa de Couro que pertencia a sua irmã, Donna Mae. Entrou armado esperando render um ladrão perigoso e o que encontrou foi uma linda mulher sentada à máquina de costura, segurando um simples vestido...

*O fogo da vela alastrou pelo tecido que segurava. Desesperada, ela bateu o pano no chão para apagar a chama, mas ao invés de conseguir seu intento, acabou colocando fogo também na cortina. A moça de cabelos dourados gritou de novo soltando o tecido que queimava, afastou e tropeçou, caindo sentada. Jerry franziu o cenho e abaixou a arma, devolvendo-a ao coldre, antes que aquela mulher se aproximasse dele e causasse um estrago maior. Era uma desastrada. Ao mesmo tempo, ele abriu a janela, jogou o tecido e a cortina, saltando para fora e batendo tudo contra a terra até apagar o fogo.*

— Oh! — Ele ouviu o murmúrio. — Graças a Deus!

*Olhou para trás e a intrusa desastrada estava parada à janela. A maldita era bonita com aqueles olhos verdes grandes, que pareciam duas joias, os cabelos loiros estavam cheios de fios soltos, parecia uma pintura da renascença que Jerry vira em uma exposição em Nova Iorque.*

— Obrigada, senhor. — Ela disse com voz agradável.

*Jerry sentiu aquela estranha sensação que sempre o assolava quando era muito jovem: quando encontrava algo de valor inestimável.*

— Obrigada? — Ele se aproximou de forma agressiva. — O que está fazendo esta hora da noite dentro do barracão e quem é você?

*Ela deu um passo para trás diante daquele homem alto e forte que ameaçava atacá-la.*

— Eu poderia fazer a mesma pergunta, senhor. — Ela levou a mão ao peito chocada com a falta de bons modos dele. — Afinal, eu nunca o vi antes!

*Ele ficou irritado com a petulância dela.*

— Sou o dono de tudo isso aqui...

*Ela riu dele.*

*— Não é mesmo! — fez que não. — Donna Mae é a proprietária. Agora, com licença!*

*Fechou a janela com muita força e o vidro mal colocado, soltou e caiu, quebrando. Ela arregalou os olhos tão assustada, que Jeremiah não aguentou o riso. Ela se afastou ofendida, ajeitou a postura e lhe deu as costas, caminhando na escuridão do barracão.*

*— Ai! — Ele ouviu um grito.*

*Jerry riu novamente ao ouvir outra exclamação de dor. E outra em seguida. Apressou-se para a frente do barracão e quando ela abriu a porta e saiu, ele disse:*

*— Deveria ter saído pela janela — provocou. — Teria sido menos perigoso para sua vida!*

*Ela o fitou com desdém.*

*— Eu saio por onde eu quiser — respondeu mal-educada, fechando a porta. — E o senhor deveria cuidar da sua vida, por sua causa queimei meu melhor vestido! — acusou.*

*— Eu? — apontou para si, incrédulo que ela o acusasse. Ela havia invadido o galpão e ele estava errado?*

*— Sim! Entrou como se fosse um assaltante, apontando essa arma enorme para mim — reclamou, constrangida e começou a se afastar dele.*

*— Onde pensa que vai? — Ele inquiriu surpreso com a tempestade que aquela pequena mulher era.*

*— Vou dormir! — falou magoada com lágrimas nos olhos. — E chorar pelos trinta dólares que está perdido! O senhor não tem ideia de quanto tempo levei para juntar o dinheiro e comprá-lo! Boa noite!*

*Ela se despediu e atravessou o pátio e foi em direção às casas, pisando duro. Jeremiah riu dela outra vez, há muito não encontrava uma mulher tão desequilibrada e encantadora. Seu sorriso desapareceu quando se virou e viu Melissa parada a varanda de sua casa assistindo a cena. A última coisa que ele precisava era de uma amante ciumenta. Ele a ignorou por completo, montou em seu cavalo e partiu.*

*Jeremiah lhe comprou um vestido verde novo e a levou ao casamento de Bob. E a beijou. O beijo casto daquela noite rompeu todas as barreiras que ele tinha erguido para se precaver dos encantos femininos. Os atrativos de Eva foram como o sopro do perfume da primavera.*

Então, descobriu suas mentiras.

Havia decidido mantê-la longe, mas quando estava pronto para dispensar seus homens e passar a madrugada vigiando a porta da casa dela como fizera nas últimas duas noites e ouviu o grito dela, algo arrebentou dentro dele. Enquanto caminhava pela chuva em direção ao seu cavalo, sentiu raiva de si mesmo por não conseguir controlar aqueles estranhos sentimentos que ela lhe despertava. Ela não era apenas filha de Alan Joyce, o inimigo de sua família. Eva era mentirosa e o havia enganado. Precisava se apegar a isso e não no poder dos beijos dela sobre sua alma e vontade.

E os beijos de Eva eram diferentes, mesmo que não quisesse admitir. Era insano, mas os lábios macios provocavam nele algo inesperado, quente, tentador. Que o fazia desejar mais e mais. Quantas mulheres beijara em sua vida? Mas nenhuma delas lhe provocara a ansiedade por mais. Como se o empurrasse a beira do abismo e ele estivesse pronto para cair e se perder.

Montou seu cavalo e um raio cruzou o céu.

Tiraria Eva de seus pensamentos custasse o que custasse. Para sempre. Era isso ou nada.

## Capítulo 4

Eva não viu Jeremiah nos dias seguintes até a chegada da diligência. Entretanto, sabia que ele passava as noites escondido nas sombras do barracão observando a sua casa. Abraçada ao próprio corpo, ela se recordava de todas as emoções vividas ao lado daquele homem nas últimas semanas, da paixão ao ódio. Deixar de pensar nele ficava cada vez mais difícil. Tudo relacionado a ele era diferente, era intenso, mesmo que ela se recusasse a aceitar, apagasse o lampião com raiva e se deitasse sem conseguir conciliar o sono. Abraçada ao travesseiro, suspirava como uma tola apaixonada.

Era óbvio que as costureiras fofocariam sobre a partida de Melissa. Eva escutou comentários maldosos sobre a amante de Jeremiah e o que houve. Nunca havia prestado atenção em Melissa ou em nenhuma outra. Desde que chegara a Shepherd e fora aceita para trabalhar na cooperativa, sua vida era fazer seu trabalho e voltar para casa e descansar, nunca se atentara às fofocas. Mas desta vez, ela estava no olho do furacão e as más línguas diziam que Melissa era a ex-mulher de um pistoleiro procurado pela polícia montada e pelos Rangers, um tal de Billyboy. E que era tão perigosa quanto o antigo namorado. E Eva não duvidava disso, afinal, a moça colocou cobras em sua cama e não para assustá-la e sim para matá-la. Depois do episódio, passou a trancar portas e janelas e sacudir os cobertores para se certificar que não havia essas surpresas terríveis.

Não queria ficar com ciúme, mas toda vez que pensava que Jeremiah tinha Melissa e tantas outras mulheres como amantes, uma estranha raiva a consumia. Não apenas por querê-las longe dele, mas a súbita necessidade de provar que ela era bem melhor que todas elas. Todos aqueles sentimentos eram novos e teria que aprender a lidar, já que não havia futuro para eles. Foi uma tola ao pensar que se Jeremiah se apaixonasse por ela primeiro, não se importaria em saber que ela era filha de Alan Joyce.

Olhou para si mesma no espelho que ficava atrás da porta. Talvez essa jovem deveria ter se casado com o amigo de seu pai e todo aquele transtorno lhe teria sido poupado. Contudo, ela não teria conhecido a paixão e também não saberia que beijos podem ser asas para o paraíso e que podiam fazer seu coração saltar pelos campos dos sonhos como um cavalo selvagem livre. Ela estava com medo de conhecer mais do amor, por isso, sabia que quando fosse para Austin, jamais voltaria para Shepherd e teria que esquecer Jeremiah para sempre.

E se era a melhor solução, por que não estava feliz?

Batidas à sua porta a assustaram e ela ajeitou o vestido simples e atravessou o cômodo para abri-la. Deparou-se com Bradford Dawson.

— Senhor Dawson. — Ela o cumprimentou com educação e abriu mais a porta e então viu que Jeremiah estava junto com ele. Apertou a maçaneta com força até os nós de seus dedos ficarem brancos. O convite educado para que o xerife entrasse desapareceu de seus lábios para que não se estendesse a qualquer *outra pessoa*.

— Senhorita Joyce. — Dawson tirou o chapéu. — Vim lhe informar que a diligência partirá amanhã de manhã.

— Oh, sim! — Eva lembrou-se que teria que partir e ficou decepcionada. Será que ela veria Jeremiah apenas naquele momento e nunca mais? — Arrumarei minhas coisas.

— Jeremiah se prontificou a acompanhá-la até a cidade para que possa partir conosco. — Dawson avisou.

— Não é necessário — respondeu depressa.

— Claro que é. — Jeremiah a cortou sem alguma cortesia e a fitou com uma frieza mordaz. — Ou vai a pé?

Eva estreitou o olhar. Não queria discutir na frente do xerife, ela apenas iria ignorá-lo como se a carona que ele lhe daria fosse a coisa mais normal do mundo. Homem insuportável!

— Como quiser — fingiu indiferença e Jeremiah se surpreendeu. — Estarei pronta amanhã de manhã.

— Perfeito. — Brad olhou de um para o outro. — Aguardarei por vocês, amanhã. Com licença.

Dawson desceu as escadas, Eva aproveitou a deixa para fechar a porta, mas Jeremiah a segurou.

— Não atrase — avisou, sério.

— Está bem! — concordou, deixando-o desconcertado por ela não responder com raiva ou desprezo. — Mais alguma recomendação?

Ele a fitou de cima abaixo.

— Não.

— Boa noite, senhor Clarckson. — Ela disse com uma candura inegável. Estava fechando a porta, quando a abriu novamente. — Ah, esqueci de dizer, se sentir muito frio de madrugada enquanto me vigia, ou fome, pode se aquecer no meu fogão.

O queixo dele caiu. Como uma mulher podia ser tão louca? Uma hora lhe batia no rosto e o enganava. No instante seguinte, era fria e indiferente e, agora, parecia a mais educada de todas? O que ela queria, afinal? Ele não ia cair no jogo dela.

— Não preciso de nada — respondeu, seco.

— Muito bem. Boa noite. — E fechou a porta e levou a mão à boca para rir da expressão pasma que não saiu do rosto bonito do cowboy quando ela decidiu virar o jogo e ser educada. Notou que mais fácil que sentir raiva dele, seria enlouquecê-lo.



Voltara a chover e de forma torrencial. Ela sabia que Jeremiah estava à varanda guardando a porta de sua casa, vira quando ele atravessou o pátio para se esconder da chuva. Seria a última noite perto dele e um sentimento de tristeza a tomou. Apesar de tudo, não queria partir para longe dele. Todavia, já que era necessário, queria que ele não ficasse com a pior impressão sobre ela. Tolicie ou não, era assim que se sentia. Preparou biscoitos e um café quente, pegou seu cobertor, deixou sobre o velho sofá e saiu a varanda.

Ele estava sentado no banco estreito, era uma ofensa um homem daquele tamanho se encolhendo daquela forma. Eva se perguntava o motivo pelo qual Jeremiah insistia tanto em ficar ali se poderia deixar um de seus homens vigiando-a. Jerry sentiu a presença dela e a fitou pelo canto do olho e depois virou o rosto sem conseguir deixar de contemplar sua beleza. Eva se perguntou se um dia outro homem lhe despertaria o calor no corpo apenas com o olhar. Tímida, aproximou-se dele.

— Deve estar com frio, aqui — comentou.

— Não se preocupe. — Ele ajeitou o frágil cobertor que segurava sobre os ombros.

— Sei que nossa relação não é das melhores e que tem seus motivos para me detestar — observou com calma para que sua voz não a traísse. — Mas pode ficar lá dentro, onde está mais quente, há um sofá velho perto do fogão. E fiz café e biscoitos.

Ele não respondeu. Eva achou que ele a estava ignorando. Ressentida, ela



se virou para entrar.

— Biscoitos? — Jerry perguntou ao vê-la se afastar.

De todas as mulheres que conhecera na vida, Eva Joyce era a mais surpreendente. Nunca saberia o que esperar dela: biscoitos ou um caldeirão com água quente para jogar em cima dele.

— Sim — olhou para ele e um sorriso propiciou no canto de seus lábios e ela o achou o homem mais bonito do mundo, de novo.

Ele se ergueu.

— Gosto de biscoitos.

Eva não queria sorrir. Esfregou as mãos com força e segurou o sorriso o máximo que pôde, mas seus lábios traidores acabaram cedendo à felicidade dele ter aceitado o convite.

— Vamos entrar — convidou.

Esperou que ele entrasse e fechou a porta. Jeremiah tirou o casaco de couro molhado e colocou sobre a cadeira solitária. Eva apontou para o sofá de couro rasgado.

— Sente-se, por favor.

Ele o fez e seus olhos se prenderam no corpo delgado que brilhava sob a luz fraca do lampião. Eva trouxe a xícara de café e um prato com biscoitos e ofereceu a ele.

— Obrigado — agradeceu e comeu. — Hum — gemeu —, são bons, realmente.

— Achou que eu não soubesse cozinhar? — Ela o desafiou com a mão livre na cintura.

— Tendo uma irmã como Donna Mae, a gente descobre que nem todas as mulheres tem aptidões domésticas — explicou. — É mais fácil domar um cavalo selvagem do que Donna aprender a acender um fogão.

Eva não conteve o sorriso. Tinha que admitir que ele tivesse razão, Donna Mae não parecia ser uma mulher muito prendada. Jerry tomou do café quente e pegou mais um biscoito, admirando o sorriso bonito que ela lhe ofereceu. Daria muita coisa em troca de mais sorrisos como aqueles.

— Não precisa ficar me vigiando. — Ela encolheu os ombros. — Não vou fugir...

Ele a fitou com tanta intensidade que ela estremeceu. Não era apenas vigiar, era por protegê-la.

— Não quero que nenhum mal lhe aconteça — admitiu. Eva não sabia o que fazer ou o que dizer em resposta e seu coração bateu mais rapidamente e ela já não sentia mais frio causado pela chuva. Ali dentro estava ficando cada vez mais quente. — Não vai se sentar?

Ela olhou para o espaço físico. Embora o sofá fosse de três lugares, Jeremiah havia ocupado o meio, então, para qualquer lado que fosse, estaria sentada bem ao lado dele. Se ele podia estar ali, em um momento de trégua, ela também poderia ser educada. Nervosa, sentou-se ainda segurando o prato com biscoitos, tentando ficar o mais longe possível, mas o calor dele parecia estar sugando toda a energia dela. Era estranho que sentisse como se ele a abraçasse.

Talvez, fosse o desejo que ela sentia de que Jerry a abraçasse.

Jeremiah pegou mais um e mastigou lentamente.

— Muito bom — elogiou outra vez. — Pensei que herdeiras ricas não gostassem de cozinhar.

— Sei fazer de tudo um pouco — explicou. — Fui criada para ser uma boa esposa.

— E por que não está casada?

A pergunta saiu tão naturalmente, que ele não pôde evitar a curiosidade. Não era um homem de arrepender-se de pequenas coisas, mesmo as mais constrangedoras e aguardou resposta. Os lindos olhos de Eva caíram sobre o prato e subiram para ele, tristes.

— Foi por isso que fugi de casa. — Um sorriso amargo surgiu em seus lábios.

Não foi difícil que deduzisse o que ocorreu.

— O noivo não era atrativo? — tentou trazer menos tensão para a conversa.

— Nenhum pouco — fez que não. — Conhece o senhor James Sanders?

— O senador? — devolveu, perplexo.

— Ele — falou com vergonha. — Meu pai queria uma aliança política forte, que o resguardasse de qualquer coisa e viu nesse casamento a chance de se proteger se algo viesse à tona.

Jeremiah não podia acreditar que *sua* Eva estaria casada com um velho com o triplo de sua idade. Entendia porque nunca gostara de Sanders e agora o despreza e se ele tentasse chegar perto de Eva, não sabia do que seria capaz.

— Fez bem. — Jerry pegou mais um biscoito.

— Não fiz. — Ela fez que não. — Envergonhei minha família quando fugi. Tenho a honra manchada.

— Você teria sido infeliz se tivesse ficado — comentou, sério.

— Mas não é para isso que as filhas servem? Fazerem a vontade de seus pais? Se submeterem a casamento horrendos para não morrerem sozinhas ou, como no meu caso, beneficiar sua própria família?

Ele assentiu.

— Parece que sim. Mas não concordo. Não deixaria Donna Mae se casar com Dawson se não fosse por amor. — Ele a encarou. — Não deixaria minha filha ser de um homem que lhe causa desprezo.

Um soluço sufocou Eva e no instante seguinte, ela estava de pé, o prato com biscoitos quebrados no chão e ela caminhou para longe dele.

Jerry se ergueu, não compreendendo a atitude intempestiva dela.

— Eva...

— Não. — Ela se voltou para ele enxugando as lágrimas. — Não diga nada ou vai piorar as coisas!

— O que eu disse de errado?

— Tudo! — Ela se alterou andando de um lado para o outro. Então parou e deu um passado em direção a ele. — Conheci você no pior momento da minha vida, Jeremiah! — Ela se controlou. — Daria tudo para que as coisas tivessem sido diferentes, mas nunca vão ser. Não podemos... — Não teve coragem de completar.

Ele ficou em silêncio. Pensava da mesma forma. Queria dizer tantas coisas para Eva, tanto quanto queria ouvir tudo o que ela precisava falar. Mas não era a hora certa, jamais teriam um momento certo para eles. Infelizmente. Teriam que conviver com aquele sentimento e esquecê-lo para sempre.

— Você é o homem mais honrado que já conheci — disse com tristeza.

Jerry ergueu a mão para tocar o rosto dela e o polegar desenhou o queixo delicado. Eva sentiu o corpo queimar outra vez. Queria que ele a beijasse e a abraçasse para que esquecesse de todo o resto, inclusive quem eram. Queria que seus sobrenomes não fossem importantes e que o passado deixasse de existir.

Mas o preço a se pagar depois era muito alto, e ela não estava disposta a ser mais uma das amantes de Jeremiah. Quebraria seu coração. Deu um passo para trás e se afastou do contato delicioso.

— É melhor descansar e aqui dentro é mais confortável. — Ela retomou

o controle de suas emoções. — Vou me deitar, boa noite.

Jerry estendeu a mão para segurá-la, mas desistiu. Eva entrou no quarto e fechou a porta. Ele praguejou, se jogou no sofá e ainda olhou para a porta do quarto dela, esperando que ela a abrisse e corresse para os braços dele. Contudo, Eva era a mulher mais sensata que conhecera e sabia que não podiam ir mais além, mesmo que seus corações desejassem o contrário. Que o que sentissem estivesse há muito tempo fora do controle.



Eva não tinha um vestido melhor para se arrumar para a viagem, mas usou o seu azul claro, com suas únicas luvas brancas e a sombrinha, e pegou sua mala para partir. Queria estar bonita, já que era a última vez que ela e Jeremiah se veriam. Saiu do quarto e encontrou o cobertor dobrado, o prato quebrado havia sido recolhido e nenhum sinal dele. Olhou ao redor e despediu-se das paredes com as quais conviveu e foi feliz.

Saiu da casa e encontrou Jeremiah parado à varanda. Ele se voltou para ela com aquele olhar morno que a fazia ter vontade de pular em seu colo e beijá-lo novamente. Ter dado uma trégua na noite anterior, tirou aquele olhar de ódio do rosto masculino. Ele parecia tão acessível, que ela podia jurar que se realmente pulasse no pescoço dele, ele a abraçaria e lhe beijaria até perderem-se para sempre. Mas segurou sua mala com firmeza e se aproximou dele. Acima do orgulho estava seu amor próprio e a última coisa que precisava era ser rechaçada e ter o coração partido.

— Bom dia — falou com uma emoção singular na voz. Como quem se despede para sempre.

— Bom dia. — Ele respondeu sem tirar os olhos de seu rosto.

Ele abaixou-se para pegar a mala e suas mãos se tocaram. Eva desceu o olhar para as mãos unidas e seu coração disparou ao mesmo tempo que se recordava da primeira vez que ele tocou sua mão e a beijou. Fechou os olhos e engoliu em seco. Como iria viver sem isso? Deveria estar ficando louca por permitir que aquelas sensações tomassem conta de seu corpo todo com um simples toque, que seus pensamentos ficassem incoerentes e não conseguisse formular um pensamento. Mas era mais forte do que ela, era inexplicavelmente

poderoso.

Jeremiah tocou a mão dela de propósito. Estava preso atrás das grades de seu orgulho e Eva estava do outro lado. Não podia tê-la por completo, mas não conseguia evitar tocá-la, olhá-la e querê-la. Era incoerente e insuportável. E começava a notar que o céu que o recebera se transformava em inferno e vice-versa. Compreendia que talvez dali cinco minutos ele a odiaria por isso, mas preferia algumas impulsividades a nada.

A mão de Eva era tão pequena e frágil, ele a apertou mais atraindo os olhos dela para seu rosto. Gostava de vê-la lutando contra os próprios sentimentos e a timidez. Sabia que nada se comparava ao impacto de estar perto dela e senti-la.

Ela tirou a mão e a mala caiu em cima de seu pé. Seria surpresa para Jerry se nada de desastroso acontecesse. Deu uma risada e pegou a mala enquanto ela reclamava de dor. Desceu as escadas e jogou a mala na parte detrás da carroça e a esperou para ajudá-la a subir. Eva olhou para a mão estendida e a aceitou e subiu, murmurando um agradecimento tímido. Jerry deu a volta e subiu pegando as rédeas e fazendo os animais se movimentarem.

— Deveria ter comido antes de sair. — Ele quebrou o silêncio. — Está pálida.

— Não consigo comer... — respondeu, surpresa por ele se ater a esse detalhe.

Jerry franziu o cenho, preocupado.

— Não pode ficar sem comer. Não vai mudar a situação dessa forma.

— Ela não vai mudar mesmo que eu coma — retrucou.

— Está com medo do seu pai?

Muito maior que o pavor que tinha de decepcionar o pai mais uma vez, era nunca mais ver Jeremiah. Entretanto, jamais diria isso a ele.

— Não é medo. Vou decepcioná-lo e isso não é bom. Ninguém gosta de decepcionar a quem ama.

— Vai fazer justiça e salvar vidas. — Ele justificou.

— Já tentou se colocar em meu lugar? — Ela quis saber.

Ele a fitou rapidamente, antes de voltar a atenção para a estrada de terra que os levava à cidade.

— Não — respondeu, sincero.

— Pois deveria fazer isso! — Ela cruzou os braços, irritada.

— Não tenho ideia do que está passando, Eva, porque eu jamais poderia ser conivente com as atitudes ruins de meu pai — falou, mordaz.

O dia que começara ensolarado e feliz acabara de se tornar frio e nublado. Ela sabia que aquela falsa paz não duraria muito tempo.

— Você se acha muito bom, não é? Acima de todos...

— Quando descobri que Timothy roubava gado de nossa fazenda, eu o coloquei para fora — contou, sério. — Não o mandei sentar e conversamos sobre o assunto ou fingi não ver.

Ela não suportou aquela crítica.

— Está falando de seu irmão! Uma pessoa que nunca teve poder sobre você! — Ela fez que não. — Não é a mesma coisa. Ele era meu pai, você o conhece? Sabe o quanto ele pode ser violento quando quer? E embora, eu não concordasse com nada, o que queria que eu fizesse? Deixasse que ele infligisse qualquer coisa contra mim ou minha mãe?

Não queria falar sobre aquelas coisas, não desejava suscitar a compreensão ou a piedade em Jeremiah. Mas estava cansada de ser julgada o tempo todo. Ela iria embora, nunca mais se veriam e ele ainda queria ter razão? Maldito homem orgulhoso!

Jeremiah sentiu raiva de si mesmo por não ter imaginado que aquilo era bem possível e que Eva fizesse tudo por submissão ao pai execrável. Conhecia Alan Joyce e sabia do que ele era capaz. Respirou fundo para controlar seu mau humor. Olhou para ela e a viu com o rosto virado para a paisagem, sabia que ela estava chorando novamente. Por causa dele. Porque mais uma vez deixara sua raiva falar mais alto e não se controlara.

Seu humor sempre piorava quando Eva estava chorando. Queria abraçá-la e confortá-la. Dizer que jamais outro homem voltaria a infligir violência e que ele a protegeria. Porém já entendera que seu orgulho era mais forte. E não ia pedir desculpas. Nunca. Preferia que sua língua caísse do que ter que pronunciar que estava arrependido de qualquer coisa acerca de Eva. Abraçou o silêncio até chegarem a cidade e ele parou a carroça e ela desceu, caindo como era esperado.

Eva se perguntou por que tinha que ser tão desengonçada. Mãos fortes a ajudaram a se erguer, contudo, não era Jeremiah e sim um jovem alto, forte e muito atraente. Seus cabelos eram escuros e os olhos verdes sorriam para ela.

— Está bem, senhorita? Machucou-se?

— Oh, não. — Ela limpou o vestido, constrangida. — Eu...

— Meu nome é Raymond Shawn. — Ele se apresentou.

— Eva Joyce... — estendeu a mão e Raymond a tomou e a beijou delicadamente. E embora ela não sentisse nada, sabia que Jeremiah estava parado às suas costas olhando tudo aquilo com ira.

Ele merecia uma lição depois do que lhe dissera e por não lhe pedir desculpas. Merecia vê-la em um flerte com um jovem bonito e interessado.

— É um prazer, senhorita Joyce. — Ele lhe deu um sorriso charmoso. — Acredito que vai viajar conosco? Dawson disse que vai na diligência.

— Disse? — perguntou, surpresa.

— Sou um Texas Ranger...

Jeremiah revirou os olhos e saiu a passos largos em direção a delegacia.

— Texas Ranger. — Ele imitou o rapaz. Ficou irritado ao ver Eva se derretendo para o desconhecido.

O tal e Shawn que pegasse a mala dela e carregasse. Olhou para trás ao ver o moço fazer isso, cheio de sorrisos para uma Eva que também sorria feito uma boba. Praguejou e entrou na delegacia falando sozinho.

— Está tudo bem? — Robert quis saber ao vê-lo.

— Está. — Jerry parou diante dele e de Dawson. — Prontos para a viagem?

— Você vai? — Brad perguntou, surpreso.

Ele não ia, mas agora, ao ver Eva se derretendo pelo outro, achou melhor acompanhar a situação de perto, mesmo que não fosse problema seu. Ela poderia seduzir o tal homem com seus biscoitos deliciosos e seu olhar singelo e, então, fugiria. Jeremiah queria estar por perto para se certificar de que ela faria o combinado. Ainda não confiava nela até que estivesse diante de um juiz e contasse todos os crimes que o pai cometera.

— Claro — respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Vou aproveitar e tratar de negócios.

Dawson e Robert se entreolharam.

— O que foi? — Jerry perguntou, impaciente.

— É melhor ir mesmo. — Dawson comentou de propósito. — Porque quando Joyce descobrir o que ela fez, vai cortar o pescoço dela, pode apostar.

— Eu o mato antes. — Jerry respondeu sem pestanejar, sentindo a raiva acometê-lo com aquela simples suposição.

Dawson e Robert explodiram em uma risada.

— Qual é a graça? — Jerry não estava com paciência para brincadeiras ou piadas.

— Nada. — Robert se aproximou dele. — Mas tenho certeza que toda a corporação dos Texas Rangers não poderia protegê-la como você pode.

— Por que está dizendo isso? — Ele não compreendia qual era o motivo da graça.

— É melhor irmos. — Dawson se ergueu detrás de sua mesa. — Quero viajar depressa e voltar.

— Donna Mae. — Jerry concluiu.

Dawson aproximou dele e bateu em suas costas.

— Sim — sorriu, maldoso. — Mas é melhor ficar de olho na senhorita Joyce — insistiu. — Não sabemos do que a família dela é capaz.

Jeremiah jamais deixaria que algo de ruim acontecesse a Eva. Mesmo que ela não merecesse tanta consideração da parte dele, o simples pensamento de que alguém poderia feri-la o deixava fora de si. Dawson e Robert saíram rindo da delegacia e ele não compreendeu nada e os seguiu.

Seu olhar caiu sobre Eva rindo para o Texas Ranger e ele estreitou o olhar. Havia um único modo de afastar abutres da carniça e ele sabia muito bem qual, pensou vingativo.



## Capítulo 5

Eva não sabia se ficava feliz ou triste com o fato de Jeremiah ter seguido viagem com eles. Raymond estava sendo tão cordial com ela que por alguns instantes se esqueceu que estava a caminho de Austin para denunciar seu pai e o culpado era Jeremiah Clarckson. Entrou na diligência e então viu o dono da fazenda Shepherd se aproximar do grupo de cinco Texas Rangers, junto de Robert Clarckson e Bradford Dawson. Tudo isso para levar o corpo de Adam Palmer para Austin.

O olhar pesado de Jeremiah caiu sobre ela. Todo aquele bem-estar da noite anterior havia evaporado como água no deserto, voltavam a ser como dois estranhos que se desprezavam. Ela desviou o olhar para o outro lado e o ignorou e fez isso por toda a longa viagem.

Fizeram apenas uma pequena parada, em Nicholsonbridge. Eva desceu da diligência para esticar o corpo e olhou para Raymond que desmontava. Ele a viu e um sorriso formou em seus lábios e ela correspondeu. Mas, de repente, como se lembrasse de alguma coisa ele parou e seu sorriso desapareceu. Ele a fitou como se tivesse uma doença contagiosa, deu as costas e se afastou depressa.

Ela olhou na mesma direção que Raymond e encontrou o olhar severo de Jeremiah. Ele a vigiava de longe e sentiu uma raiva imensa. Algo lhe dizia que havia dedo nele na súbita indiferença do rapaz. Eva lhe deu as costas e Robert se aproximou lhe oferecendo algo para comer.

— Não, obrigada, senhor Clarckson. — Ela forçou um sorriso.

— A viagem ainda é longa, chegaremos de madrugada em Austin. — Ele recomendou. — Coma alguma coisa.

Ela aceitou o que ele lhe oferecia e comeu um pedaço.

— Obrigada.

Bob se recostou na diligência e a fitou.

— Não deve estar sendo fácil ir contra o seu pai — comentou.

— Não é. — O sorriso desapareceu do rosto dela.

— Senti isso quando reencontrei Beth Lee. — Ele se abriu com ela, inesperadamente. — Apesar de amá-la, eu sabia que se ela fosse uma fora da lei como a irmã, teria que prendê-la.

Eva ficou surpresa com a confissão e o deixou falar.

— Mas eu tive sorte, ela estava apenas tentando salvar a irmã e protegendo Benjamin — respirou fundo. — Saiba, senhorita Joyce, que se precisar de ajuda, qualquer uma, independente das diferenças entre nossas famílias, poderá contar comigo e Beth Lee, sempre.

Ela ficou emocionada com as palavras dele.

— Obrigada — comprimiu os lábios. — Pensei que me odiariam pelas coisas que meu pai fez.

— Odiar é fácil, senhorita. Aceitar que todos somos passíveis de erros, é outra história.

— Acredita que o que meu pai fez tem perdão? — perguntou por simples curiosidade.

— Não para mim — falou, sincero. — Mas para quem o ama, talvez tenha. É mais fácil compreender quando há sentimentos fortes.

Ela comeu mais um pedaço do pão e assentiu. Bob se afastou e ela ficou pensando no que ele dissera. No amor havia perdão.

Jeremiah viu o irmão se afastar de Eva e ficou curioso para saber o que conversaram e como ele a convenceu a comer. Notou que o veneno do ciúme o corroía mais do que qualquer outra coisa. Nunca fora assim. Jamais se importou com uma mulher daquela forma doentia. Merda! Não se conteve e se aproximou dela. O que deveria dizer? Não sabia ao certo, somente queria estar perto dela.

— Que bom que resolveu comer — foi tudo o que disse.

Ela ouviu a voz de Jeremiah e sentiu que tudo estava ruim. Ficou irritada, cruzou os braços e o encarou com raiva.

— O que foi que disse ao senhor Shawn que o faz me olhar como se eu tivesse lepra?

Jeremiah teve que controlar o riso.

— Nada — encolheu os ombros. — Não tenho culpa se ele percebeu que você é uma caixa de problemas. Quer dizer, isso foi antes dele falar sobre o seu mau hálito... — segurou para não rir.

Havia dito diretamente ao rapaz para ficar bem longe porque Eva era sua.

— *Gostou da senhorita Joyce?* — Jeremiah perguntou no início da viagem, emparelhando seu cavalo ao de Raymond.

*O rapaz sorriu, malicioso.*

— *Sim.*

*Jeremiah queria lhe dar um soco e derrubá-lo do cavalo e bater nele para que nunca mais sorrisse ao pensar em Eva.*

*— Então, tire os seus olhos dela. — Ele mandou sem rodeios. — Ela é minha garota e se ousar se meter com ela, não ligo de descarregar minha arma em sua cabeça!*

*Raymond o fitou, perplexo.*

*— Não sabia que ela é sua garota! — desculpou-se. Não por covardia. Mas Raymond não era o tipo de homem que brigava por causa de uma mulher, ainda mais uma desconhecida.*

*— Ela tentou te usar para me fazer ciúme — explicou. — Sempre faz isso — respirou como se estivesse cansado das atitudes dela. — E como sou muito ciumento, prefiro deixar tudo claro, antes que eu faça uma grande besteira.*

*— Fique tranquilo. — Raymond encolheu os grandes ombros. — Já perdi o interesse.*

*Ele jamais contaria isso a ela.*

*— Ora... — Ela se controlou para não perder a cabeça. — Tem horas que eu me pergunto por que cruzamos o caminho um do outro?*

*Ele deu um passo para ela e Eva retrocedeu.*

*— Não foi o que me disse ontem à noite... — murmurou.*

*Eva ergueu a mão para bater no rosto bonito, mas desta vez ele estava preparado e segurou o braço.*

*— Se me bater vou ter que colocá-la sobre meu colo e lhe dar algumas palmadas... — ameaçou.*

*Os olhos dela se arregalaram, ofendidos.*

*— Você não faria isso...*

*— Talvez não. — Ele sorriu, maldoso. — Mas o prazer em ver o seu constrangimento é impagável. Pague para ver — desafiou.*

*Eva não teve coragem de enfrentá-lo. Jeremiah era uma caixa de surpresas e ela morreria de vergonha se ele lhe infligisse qualquer castigo como se ela fosse uma criança, na frente de todos aqueles homens. Livrou-se da mão dele.*

*— Eu o odeio! — disse por entre os dentes e entrou no veículo batendo a porta com força e ainda escutou a risada dele.*

*Foram quase dezesseis horas de viagem e quando chegaram ao hotel, em*

Austin, ela estava tão exausta, que não percebeu nada. Moveu-se de forma mecânica até chegar ao quarto e cair sobre a cama confortável. Recordava-se apenas de Dawson lhe dizendo que voltaria, no dia seguinte, para falar com ela.

Eva ficou escondida naquele quarto por dois longos dias até que a denúncia foi feita e ela foi depor contra o pai. Naquele primeiro momento, não o veria. Permaneceria escondida até que finalmente Alan Joyce fosse preso e levado à julgamento por seus crimes. Ela chorou um dia todo, sem conseguir comer ou falar com alguém. Sempre notava sombras por debaixo da porta de seu quarto, mas ninguém veio falar com ela. Podia jurar que sonhou que Jeremiah esteve em seu quarto velando por ela, mas sabia que ele jamais faria isso.

Não haviam se falado nos últimos dias e ela não fazia ideia de onde ele estava.

Na manhã seguinte, recebeu três enormes baús. Ficou nervosa quando os empregados do hotel entraram e deixaram tudo em seu quarto. Entretanto, se surpreendeu ao ver o envelope endereçado a ela e com a letra de sua mãe.

*Querida Eva,*

*Como vai, meu amor? Este seria seu espólio, o que lhe caberia quando se casasse. Encontrará suas joias, roupas, pertences e tudo o que é seu. Mesmo que seu pai e seus irmãos digam o contrário, você continua sendo minha filha legítima, uma verdadeira Joyce. Você tem mais coragem que todos eles juntos. Honre o meu sangue e esqueça os Joyce, seja feliz, minha querida. Vá embora e nunca mais volte ao Texas. Eu me orgulho de você. Quem sabe um dia nos encontraremos em circunstâncias melhores e mais agradáveis. Não se preocupe comigo, estou bem. E ficarei bem melhor a partir de agora. Cuide-se.*

*Para sempre,*

*Mamãe.*

Eva beijou a carta e a abraçou como se pudesse sentir sua mãe consigo novamente. Enxugou as lágrimas e abriu os baús: no primeiro havia roupas, no segundo seus pertences e no terceiro estava lotado de dinheiro até transbordar. Ela não podia mensurar o valor que sua mãe havia lhe mandado. Levou as mãos aos lábios e ofegou. Céus! Era muito dinheiro! Como Norma Joyce conseguiu tirar aquilo tudo de dentro de sua casa sem que seu pai visse? Provavelmente, Alan estava viajando e Judson não estava em casa, já que o filho mais velho morava com a família na mesma casa que o pai.

Andou de um lado para o outro e respirou para se controlar, era melhor levar tudo para o banco. Era arriscado que alguém notasse, ainda mais desastrada como era. E aquele entra e sai de funcionários do hotel no quarto. Não demorou para que a camareira lhe trouxesse o café da manhã e logo viesse buscá-lo. Eva mal tocou na comida, ainda estava tomada pela ansiedade e parecia ter uma pedra na garganta, era difícil respirar ou comer, tamanha a sua ansiedade.

— Deixaram este bilhete para a senhorita na recepção. — A moça lhe entregou. — E o senhor Dawson e o senhor Clarckson a aguardam no restaurante do hotel.

— Obrigada. — Ela agradeceu.

A moça saiu e ela revirou os olhos enquanto abria o pequeno envelope. Tudo bem que Bradford Dawson a esperasse para discutirem sobre a denúncia contra o seu pai ou que ela teria que fazer dali para frente. Mas o que Jeremiah ainda poderia querer com ela? Não estava em seus planos reencontrá-lo. A viagem dele até Austin já fora uma surpresa, mas compreendeu que ele agiu assim como uma forma de ter certeza que ela não mudaria de ideia e fugiria no último momento, deixando Alan Joyce livre.

Tinha minutos que ela queria pegar Jeremiah Clarckson pelo pescoço e... Beijá-lo! Não! Matá-lo! Uma parte dela queria fugir dele, mas a outra queria se jogar intensamente sobre ele. Ela o encontraria e mal falaria com ele, da forma como havia prometido a si mesma.

Respirou fundo, sorrindo de sua tola inconstância quando o assunto era aquele homem. Abriu o bilhete e seus olhos se arregalaram e soltou um grito de horror.



Jeremiah Clarckson entrou no restaurante do hotel e olhou ao redor a procura de seu cunhado Bradford. Encontrou-o sentado em um canto, terminando um uísque aquela hora da manhã, enquanto fumava um charuto. Jerry fez sinal para que o garçom levasse uma bebida à sua mesa.

O cowboy loiro de olhos azuis jamais passaria despercebido onde quer que fosse. Alto e charmoso, possuía uma luz natural, algo que atraía mesmo a mais distraída das mulheres. Muitas torciam o pescoço para acompanhar o

homem de andar determinado e seguro que caminhava como se o mundo lhe pertencesse.

E pertencia.

Não havia o que Jeremiah Clarckson não pudesse ter ou comprar. As mulheres se jogavam aos seus pés, os homens o invejavam. Desde que tomara a frente da fazenda Shepherd muita coisa havia mudado. Deixara de ser aquele cowboy que ganhava na mesa de pôquer e apostava em cavalos, para se tornar um homem influente, fazendo seu sobrenome sinônimo de poder e status.

— Bom dia — cumprimentou Brad e se sentou de frente para ele.

O garçom se aproximou da mesa, entregou o uísque.

— Deixe a garrafa. — Jerry ordenou e o rapaz obedeceu.

— Mais alguma coisa, senhor Clarckson?

— Não, obrigado.

— Com licença.

Dawson olhou para a garrafa e depois para Jeremiah.

— Noite longa?

— Bob ronca como um porco, ainda bem que ele foi embora. Não sei como Beth Lee vai sobreviver a uma vida toda dormindo ao lado dele — debochou e riram.

— O amor opera milagres. — Dawson assegurou.

Jerry virou a bebida de uma vez e encheu mais o copo e completou o de Dawson.

— O que o deixa ansioso? — quis saber.

— Não sabe da notícia?

— Qual? — Brad franziu o cenho.

— Alan Joyce se matou esta manhã — contou, sério. — O governador me mandou um recado. Aconteceu tem umas duas horas, ele se matou dentro do escritório da própria casa e quem o encontrou foi a esposa. E ele deixou uma carta...

— Tem certeza? — Dawson perguntou, perplexo.

— Sim. Na carta, ele assume toda a culpa sobre todos os crimes e isenta os filhos ou qualquer outra pessoa. — Jerry explicou.

Dawson tomou do uísque. Isso mudava tudo.

— Será um escândalo!

— Não vai ser! — Jerry assegurou. — O governador vai emitir uma nota dizendo que Alan Joyce teve um ataque do coração e morreu. Querem preservar o tempo que ele serviu ao governo e a imagem de bom moço que ele sempre passou para todos.

— Por que fariam isso? — Dawson quis saber.

— Acredito que há muita gente importante que se envolveria nesse escândalo, Brad — comentou —, a morte de Joyce foi providencial. Ninguém se machuca, todos saem ilesos e fica tudo bem — ironizou.

— Céus! — Brad não conseguia acreditar. — Nunca pensei que ele poderia se matar.

— Nem eu.

— Eva já sabe?

— Pedi a camareira que avisasse que a aguardávamos aqui. — Ele disse, sério. — Não poderia entrar no quarto dela e dar a notícia assim, friamente.

— E vai dar no meio de um restaurante? — questionou, incrédulo pela falta de tato do cunhado.

— Pensei que podia dizer a ela que íamos ao tribunal e eu contaria tudo dentro do coche...

— Não é a melhor das ideias, mas não vejo um modo positivo de dar uma notícia dessa. — Dawson comentou. — Provavelmente, vão arquivar o caso.

— Mesmo tendo Eva como testemunha?

— Se tudo vai ocorrer como diz, não vão ter interesse em prosseguir com o caso sem o principal envolvido, ainda mais com a carta em que ele assume tudo — explicou.

— Espero que os filhos não ajam como ele. — Jerry sibilou.

— Por enquanto vão ficar quietos, o problema é quando a poeira abaixar! Merda! — praguejou. — A morte deste homem vai deixar muita gente ruim solta por aí!

— Acha que ele se matou para poupar outros?

— Tenho certeza que não foi pelos filhos — assegurou com ironia. — Aquele homem não pensava em nada além de si mesmo. — Brad apoiou os braços na mesa e falou em tom mais baixo. — Há algo que você precisa saber — frisou.

— Qual é a bomba, agora?

— Li as cartas que Eva me entregou.

— E? — perguntou com seu jeito impaciente.

O barulho de uma bandeja caindo interrompeu a conversa. Jeremiah e Dawson olharam para a entrada do restaurante e viram a jovem bonita que causara o acidente com o garçom: uma transtornada Eva Joyce. Jeremiah sentiu o sangue ferver e se levantou depressa. Ela olhava ao redor procurando por alguém e então o viu.

Seu lindo rosto estava marcado pelas lágrimas e desespero, ela havia bebido um pouco da garrafa de uísque que encontrou em seu quarto. Não tinha o costume de beber, por isso, estava completamente embriagada.

Com raiva de si mesma e de Jeremiah, ela foi em direção a ele, esbarrando nas pessoas e nas mesas, empurrando quem estivesse em seu caminho, sem tirar os olhos daquele homem odioso. Dawson também se levantou e os frequentadores do restaurante estavam em silêncio aguardando o desfecho daquela trágica cena. Todos viram a linda jovem se aproximar do homem importante. Mas ao invés de esbofeteá-lo, ela pegou o copo cheio de uísque e jogou no rosto dele.

— A culpa é sua! — Ela gritou. — Você me obrigou a isso! — Seu choro era dolorido. — E eu o matei! Eu o matei!

Quando ela se virou, desequilibrou e caiu. Jerry pegou o lenço no bolso de sua calça e enxugou o próprio rosto. Aquilo não era humilhação para ele, jamais seria. Ele era Jeremiah Clarkson. Mas era humilhante para Eva Joyce, a filha de um general assassino e suicida. E mesmo que todos ali não soubessem do acontecido, logo entenderiam e ele não queria que falassem dela. Não desejava que o nome de Eva estivesse na boca pequena.

Dawson fez menção de ajudá-la, mas Jerry se adiantou, colocando-a de pé. Eva chorava copiosamente e isso afligiu o coração de pedra daquele homem muito mais do que poderia sequer imaginar um dia.

— Eu o matei! — Ela sussurrou para ele. — Eu o matei!

Não era culpa dela ou dele. Mas ela não estava em condições de discutir isso agora. Estava bêbada e desesperada.

— Shhh! — Ele a estreitou contra seu peito largo. — Vamos sair daqui!

Ela sequer poderia caminhar até o próprio quarto, então, ele a pegou no colo, saindo do restaurante que parecia um sepulcro, de tão silencioso. Sabia exatamente onde ela estava hospedada, porque ele estava no quarto ao lado. Além disso, zelara pela segurança dela todos aqueles dias, chegando a entrar no



quarto dela durante a noite para saber se estava tudo bem e vigiando seu sono que estava intranquilo naquelas noites tristes e solitárias.

Porque era assim a vida de Eva: solitária. Sem o amor da família para acolhê-la quem Eva possuía que se importasse verdadeiramente com ela, além dele? E ele, mesmo que não quisesse admitir, se importava.

Ela continuava chorando quando chegaram ao quarto e ele a depositou sobre a cama e a cobriu. Acariciou os cabelos dourados e viu a garrafa de uísque caída no chão, alguns vasos quebrados e uma série de baús abertos, um deles repleto de dinheiro. Franziu o cenho, aproximou-se e deu um assovio antes de fechá-lo. Mais tarde, quando ela se recuperasse da ressaca, teria que explicar a origem daquele dinheiro.

Voltou para perto da cama. Ela havia parado de chorar e sentou-se olhando para ele, confusa.

— O que foi? — perguntou, preocupado.

Não houve tempo para resposta. Ela vomitou nas calças de Jeremiah.

— Merda! — Ele praguejou.

Aquela mulher era a catástrofe em pessoa.

## Capítulo 6

Eva acordou com uma dor de cabeça insuportável. Era como se estivesse presa na torre da igreja e vinte sinos ressoassem ao mesmo tempo. O que será que havia acontecido? Estava doente ou o trem em que estava havia descarrilhado?

Deveria estar doente, porque ao abrir os olhos, viu Jeremiah Clarckson sentado na poltrona, ao lado da cama. Ele a fitava de forma impassível. Estava lindo sem o Stetson, os cabelos bagunçados como de quem dormiu mal, mas acordara como se o mundo brilhasse para ele. Arregalou os olhos, não se lembrava de tê-lo convidado para o seu quarto. Não depois do quinto copo de uísque. Nunca havia bebido na vida, e na primeira vez, extrapolou todos os limites. Entretanto, o pior era não se recordar de nada.

— O que aconteceu? — Sua boca estava seca e com gosto de sola de sapato. Nunca havia comido a sola de um sapato, mas imaginava que deveria ser assim.

— Não se recorda de nada? — inquiriu apoiando os cotovelos nos joelhos e a encarando. Ela fez que não, constrangida. — Por que acha que estou em seu quarto?

Ela olhou ao redor, não havia bagunça, estava tudo perfeito. Esforçou para se lembrar e nada lhe vinha à mente. Sentiu um aperto no peito. E se tivesse perdido sua honra nas mãos de Jeremiah Clarckson e não se recordasse? Já seria um escândalo que ele estivesse em seu quarto, mesmo que fosse sentado naquele sofá! Mas ao encará-lo, soube que ele poderia desprezá-la, mas jamais a desonraria, em momento algum. Ele era um homem digno, por isso se apaixonara por ele.

— Não faço ideia — confessou com vergonha.

— Você deu um escândalo no restaurante do hotel — contou. Ele poderia ter prolongado com a tortura, mas ela estava tão pálida, que ele não ousaria deixá-la ainda pior.

— Eu dei um escândalo? — devolveu, apertando o cobertor contra o corpo.

— Sim, e gritou comigo diante dos hóspedes! — prosseguiu.

— Oh, meu Deus!

— Não...

— Não?

— Antes, você derrubou o garçom e jogou uísque em meu rosto — relatou. — Aí sim você gritou e caiu histérica. — Ele dramatizou de propósito para torturá-la.

Eva não podia acreditar. Levou a mão à cabeça e fechando os olhos, suspirando lentamente.

— Sinto muito — fez que não e o olhou. — Perdi a cabeça quando recebi a notícia sobre o meu pai. Não é do meu feitio agir assim.

— Tenho minhas dúvidas. — Ele devolveu.

Ela virou de costas para ele. Estava arrasada pela morte do pai. Não queria que Jeremiah sentisse pena dela, aliás, não o queria ali.

— Agradeço sua gentileza comigo, mas gostaria de ficar sozinha.

A última coisa que ele faria era deixá-la sozinha.

— Sinto muito, Eva — falou sem se levantar.

Eva o fitou por cima dos ombros. Vê-la com os olhos cobertos de lágrimas doloridas foi um soco no estômago.

— Não sente! Você não gosta de mim e nem o conhecia!

— Tem razão. Não sinto por seu pai, mas por vê-la tão triste. — A voz dele soou macia como o veludo, fazendo-a desejar um abraço. — A culpa não é sua!

Ela o encarou antes de enxugar as lágrimas. Jerry se levantou naquele tenso silêncio da atração que os unia. Eva assombrou-se quando viu o colchão afundar com o peso dele. Jeremiah ergueu a mão e tocou o rosto triste. Eva não precisava de suas ironias, de sua raiva ou até mesmo do desejo que sentia por ela, o que necessitava era de conforto e isso ele poderia lhe dar.

— Não quero brigar, Eva. Vamos deixar isso para depois? — propôs. — Juro que mais tarde eu a colocarei em seu devido lugar — falou com um toque de humor. — Mas agora, vou ficar aqui com você, mesmo que não queira. E vou abraçá-la mesmo que não deseje isso...

E ele a abraçou.

Eva sentiu as grandes mãos deslizarem por suas costas e a puxarem contra o corpo sólido. Não queria ceder, mas naquele momento a única coisa que precisava era de um abraço que a confortasse pela perda. Seu pai morrera magoado com ela, tirara a própria vida pela vergonha da denúncia que ela fizera.

Não havia como não se sentir culpada. Acomodou-se contra a segurança do corpo de Jeremiah, deixou que o calor a tomasse e as lágrimas rolassem por seu rosto em busca de um consolo impossível de sentir perante a morte.

Ele a trouxe de encontro ao seu peito e encostou os lábios nos cabelos dela. Ter o corpo frágil contra o seu era uma tortura, mas naquele momento, a única coisa que conseguia pensar era que ela precisava dele. Podiam chamá-lo de muitas coisas, mas nunca de injusto. Jeremiah sabia exatamente como era perder alguém que amava, mesmo que a pessoa em questão não merecesse qualquer consideração.

Enquanto o corpo de Eva relaxava contra o seu, ele pensou no irmão, Timothy, e recordou de como foi horrível vê-lo morrer em seus braços, depois de Dawson ter atirado nele, para salvar a vida de Jeremiah. Tim roubava a própria família e mesmo assim, Jerry o perdoou segundos antes dele parar de respirar, no chão daquela cabana perdida, no alto da montanha. Nunca deixara de amar o irmão, nem agora, depois de anos.

Eva se culpava pela morte do pai e levaria um tempo até ela se esvaziar dessa culpa. Ele entendia de fardos, durante muito tempo também achou que poderia ter salvado o irmão de si mesmo. Contudo, a vida o fez entender que algumas coisas eram impossíveis de mudar e uma delas era o destino.

Recostou-se na cabeceira da cama e trouxe Eva. Ela se aninhou a ele de forma íntima e tinha certeza que se alguém entrasse ali, pensaria que eram um casal apaixonado. Não eram, quer dizer, de certa forma. Mas não era isso que o preocupava e sim o bem-estar dela. Eva chorou até sua cabeça doer e ela não encontrar mais motivos para seguir abraçada a Jeremiah, embora o momento fosse delicioso e perfeito e quebrá-lo fosse um pecado. Soube que passar a vida daquela forma não seria nenhum um pouco penoso.

Afastou-se para encará-lo. Eva estava descabelada, o nariz vermelho, os olhos inchados, entretanto, Jeremiah tinha certeza que jamais conhecera uma mulher que o encantasse tanto.

— Sabe se vão enterrá-lo em um cemitério ou será na propriedade de minha família?

Ele acariciou o rosto dela.

— O governador emitiu uma nota dizendo que ele morreu após um ataque do coração, portanto, terá um enterro solene como um militar que serviu o exército norte-americano — explicou.

— Certo... — Ela assentiu. — Talvez, eu consiga assistir o enterro, mesmo à distância.

— Se você quiser estar de frente para o caixão, saiba que nada vai impedi-la de estar lá. — Ele falou tão sério que ela acreditou.

— Não acredito que meus irmãos me queiram por perto! — ponderou.

— Não interessa o que eles querem, Eva. — Jeremiah disse com uma determinação que a surpreendeu. — Um pedido seu e eu lhe garanto que vai ser do seu jeito.

Sua boca secou e seu coração ameaçou pular do peito. Será que ele era sempre assim, determinado? Capaz de passar por cima de todo mundo para conseguir o que queria? Jeremiah enfrentaria seus irmãos para agradá-la? Por que tinha certeza que sim?

— Já fiz estragos demais — fez que não. — Não quero mais problemas...

— Ninguém lhe causará problemas, prometo.

— Você não conhece meus irmãos...

— Você não conhece a mim, Eva. — Ele a cortou. — Ninguém pode mais do que eu, garanto-lhe. Não estou me gabando, isso é um fato indiscutível. E seus irmãos não tem moral para me impedir de levá-la ao enterro. Mesmo com tudo o que seu pai sacrificou para limpar o nome de sua família, não supera em nada o poder que eu tenho.

Ela ficou olhando para ele, tensa. Respirou lentamente absorvendo cada palavra dita por ele e compreendendo que Jeremiah Clarckson não era apenas um fazendeiro bem-sucedido, ele era mais. Talvez, ela realmente não soubesse até onde ia o poder dele.

— Agradeço sua atitude, e entendo que enfrentaria quem quer que fosse. Mas piorar uma guerra, não é um bom plano.

— Acha mesmo que eles podem fazer qualquer coisa contra você? — Ele a questionou.

— Você não os conhece — disse com pesar. — São como o meu pai, ou talvez pior. E se acredita que acabar com meu pai irá pará-los, está completamente enganado.

Ela se ergueu, afastando-se do calor daquele corpo feito para ela. Era uma vergonha ter que dizer aquilo. Todavia, os irmãos gostavam da vida que o pai lhes proporcionara e não duvidava que seguiriam o mesmo caminho sem lei. Mas não diria o óbvio a Jeremiah.

— É melhor você ir. — Ela considerou. — Não pode ficar aqui o resto da vida bancando a babá de uma moça complicada e com a honra manchada.

— Vou ficar — respondeu sem rodeios, sem dar oportunidade a ela de mandá-lo embora.

— Estou bem — assegurou se voltando para ele.

— Não está, Eva.

Era horrível que ele tivesse razão. Ficar perto dele era uma tortura.

— Você sempre é tão teimoso?

— Não sou teimoso, sou um homem de convicções — corrigiu com um sorriso charmoso no canto dos lábios.

Ela o fitou com carinho.

— Você é um vendaval, Jeremiah Clarckson, uma tempestade...

— Tudo isso porque decidi ficar? — Ele perguntou e a segurou pelo braço quando ela fez menção de se afastar. — Não sou um homem que costuma questionar a vida, Eva. Quero ficar aqui com você e ajudá-la no que precisar, simples.

— Não compreendo. Até alguns dias, você queria me dar umas boas palmadas. — Ela lembrou-o.

Ele deu uma risada. Aquela não era uma hora boa para rir, mas Eva conseguia tirar o melhor dele ou o pior. Dependia do momento e ele queria ser bom para ela. Jeremiah a soltou e se afastou, saindo da cama.

— Aonde você vai? — perguntou sem pensar.

— Vou deixá-la sozinha para se recompor enquanto peço o jantar.

— Não estou com fome — comentou fazendo uma careta.

— Não perguntei se quer jantar comigo, senhorita Joyce. — Ele a cortou indo em direção à porta. — Vou pedir algo para nós e você vai comer, se não quiser que eu a obrigue.

— Por que com você tudo tem que ser na base da ameaça? — perguntou, impaciente.

— Porque sim — respondeu debochado como faria com uma criança e saiu batendo a porta.



Logo Jeremiah retornou ao quarto e a encontrou recomposta, esperando por ele. Ela colocara um vestido novo, dourado e o cabelo estava trançado. Não conteve a fantasia de segurar aquela trança enquanto a beijava. E se não fosse o luto, ele faria isso sem problemas para saciar a ânsia de tê-la em seus braços. Sentia que enquanto não o fizesse, ela não deixaria de povoar seus pensamentos mais secretos.

Duas moças entraram atrás dele segurando bandejas, as colocaram sobre a mesa e saíram sem dizer uma palavra. Jeremiah podia ser bonito como um anjo, mas ele conseguia intimidar as pessoas como o demônio e Eva notou isso na atitude das camareiras que apesar de o fitarem pelo canto do olho, saíram de cabeça baixa.

— Não deveríamos jantar no restaurante? — Ela o questionou. — Não acha que podem falar do fato de você estar em meu quarto?

Jerry tirou o chapéu e o colocou sobre o móvel, antes de voltar-se para ela. Ajeitou os cabelos como pôde e ela teve vontade de também passar as mãos pelos cachos loiros que pareciam macios, tocar a barba dele... Céus, ela estava se convertendo em uma louca por causa daquele homem. Ela cortou os próprios pensamentos e focou no que conversavam.

— Para uma moça que abandonou o noivo e partiu sem olhar para trás, decidiu ficar preocupada com sua própria reputação? — questionou com sarcasmo.

— A última coisa que preciso é de mais cobras em minha cama — replicou, mordaz.

— Não tem com o que se preocupar. — Ele puxou a cadeira para que ela sentasse e ela aceitou e agradeceu. — Minhas amantes não estão em Austin — provocou e sentou-se de frente para ela.

Ela o fitou contrariada e pegou o guardanapo, o sacudiu e o enfiou em cima de seu colo com raiva.

— Não quero saber nada sobre elas — garantiu. — Apenas as mantenha longe de mim!

Ele sorriu e se serviu, notando que ela mal colocara comida no prato. Ele compreendia a raiva que ela sentia. Jerry também não gostara de ver o Texas Ranger se engraçando com Eva. A diferença foi que colocou o rapaz em seu devido lugar e sabia que nunca mais ele se aproximaria dela. E faria isso com todos os outros, com o mundo inteiro se fosse necessário.

— Tem que comer, Eva. — Ele observou depois de alguns minutos que

ela mal tocara na comida.

— Meu estômago está embrulhado — justificou, levando a mão à barriga. — Parece que tenho uma pedra bem aqui...

— Eu sei como é — Ele disse enquanto comia. — Também fiquei assim quando perdi meu irmão. A diferença é que não tive ninguém para me apoiar. Meu pai sofreu um ataque quando descobriu que Tim roubava gado da fazenda e piorou depois que soube que ele havia morrido. Tive que tomar a frente de tudo e ser forte e isso dói mais que qualquer outra coisa.

O queixo de Eva caiu. Não esperava ouvir tudo isso de um homem que sempre aparentou tanto poder e frieza. Seu coração se enterneceu ao imaginá-lo tão sozinho em um momento difícil de sua vida. Queria abraçá-lo, mas preferiu apertar a saia do vestido.

— Sinto muito...

— Não foi ruim, me fez mais forte e me impulsionou a chegar onde estou — falou orgulhoso de si. — A gente aprende com a dor. — Ele a fitou rapidamente e antes que enxergasse o carinho nos olhos dela e o aceitasse, desviou o olhar para o prato. — Por isso estou aqui, não quero que se sinta sozinha. Depois que tudo isso passar, eu vou embora, prometo.

Ela queria se sentar no colo dele, abraçá-lo e esquecer as diferenças. Um beijo cairia muito bem naquele momento, mas ele mantinha distância e isso a assustava. E também não queria que ele partisse.

— Eu... — Ela gaguejou. — Não sei como agradecer sua gentileza...

— Pode começar me dizendo por que há tanto dinheiro dentro daquele baú? — Ele apontou com o garfo para o baú aos pés da cama.

— Aquilo? — perguntou sem graça.

— Exatamente. — Ele parou de comer e prestou atenção a ela.

— Bem — encolheu os ombros. — Minha mãe me enviou hoje de manhã, disse que era meu espólio.

— Sua mãe é uma mulher muito generosa — comentou com sarcasmo. — Tem ideia de quanto há ali dentro?

— Não. Eu pensei em contar ou ir até o banco e pedir a ajuda de um gerente — explicou. — Mas logo em seguida recebi um bilhete dizendo sobre a morte de meu pai e me esqueci de tudo.

— Recebeu um bilhete? De quem? — questionou, curioso.

— Não faço ideia. Era endereçado a mim, dizia sobre o suicídio de meu



pai, mas não estava assinado... — olhou ao redor a procura dele. — Não sei onde o deixei.

— Deve estar junto com as outras coisas que a arrumadeira pegou no chão depois de limpar o seu quarto.

— E por que ela limparia o meu quarto no meio do dia?

— Você vomitou em mim e em tudo que estava ao seu redor — contou.

Ela ficou vermelha de vergonha. Jerry achava incrível como ela começava a ficar vermelha no pescoço e a onda de constrangimento subia para o rosto. Era inevitável, ela não conseguia controlar.

— Nunca mais vou beber na minha vida — lamentou.

— Espero que não — concordou.

Eva estreitou o olhar.

— Sempre tem uma crítica mordaz sobre mim?

— Sempre — admitiu com bom humor e continuou o assunto: — Amanhã eu a levarei ao banco e resolveremos isso — decidiu.

— Eu não vou! — provocou. Contudo, não conteve a risada ao vê-lo estreitar o olhar. O som da risada de Eva era um bálsamo para ele. — Perdoe-me, mas eu não pude me contentar, tive que provocá-lo.

— Estava me provocando? — Ele se ergueu se aproximando dela com aquele olhar de quem não admite ser contrariado, mas havia um sorriso lindo em seus lábios.

— Sim. — Ela parou de rir se acalmando. — Você fez uma careta tão feroz, como se eu não pudesse ousar desafiá-lo.

— E não pode — parou diante dela.

— Não espere que eu vá obedecê-lo toda vez que mandar — retorquiu olhando para cima a fim de encará-lo. — Lembre-se que não sou submissa, fugi da vontade de meu pai.

— Gosto tal como é — declarou.

De repente, o silêncio caiu entre eles e o olhar de Jeremiah deslizou no rosto bonito de Eva. Ela o deixava confuso, sabia que não deveria se aproximar, mas queria estar perto. Sabia que não deveria ficar dizendo aquelas coisas, mas as pronunciava. Sabia que não deveria segurar a mão dela e fazê-la se levantar e se aproximar mais. Todavia, já tinha feito. As grandes mãos seguraram o rosto dela e ele fitou os lábios entreabertos e lembrou-se do sabor e da maciez, fazendo o corpo dele inflamar de desejo. Eva também sentia, recordava e queria.

Os lábios dele roçaram os dela, lentamente. Eva fechou os olhos e segurou-se nos cotovelos dele, perdendo totalmente a sanidade. Deveria estar chorando por seu pai e não beijando Jeremiah Clarckson dentro de um quarto de hotel. Ele lhe deu um beijo e afastou os lábios, para fitá-la com os olhos semicerrados e beijá-la outra vez, e outra vez. Até que ela apertou o braço dele, pedindo por mais. Jerry a beijou com mais ímpeto e paixão e ela correspondeu com ardor.

E como havia fantasiado, ele tocou a trança de seus cabelos. E era sedosa como havia imaginado. Jeremiah desejava beijá-la até que ela cedesse e ele a colasse sobre aquela cama e se subjugasse ao prazer que queria sentir junto aquele frágil corpo. Mas não era hora e nem lugar. O pai dela acabara de morrer e Eva merecia mais que uma noite de prazer, ela merecia um amor que ele não podia lhe dar. Ele o tinha, mas dar a ela era um preço muito alto que não estava disposto a pagar. Afastou-se lentamente, se sentindo um covarde. Poucas vezes foi acometido daquele sentimento, mas agora, era profundo: estava fugindo de Eva.

— É melhor descansar. — A voz soou rouca e vibrante.

Eva sentiu algo diferente. Seu corpo estava queimando de ansiedade por estar nos braços de Jeremiah, e o ardor entre suas pernas era algo que nunca tinha experimentado antes. Teve dificuldade para respirar ao notar que queria que ele continuasse com o beijo e a tocasse ali onde tudo estava diferente. *Era uma devassa*, pensou enquanto o via dar um passo para trás.

— Amanhã virei aqui e a levarei ao banco. — Ele mudou de assunto completamente, deixando-a aturdida. — Falarei com Donald Billey e abriremos uma conta em seu nome.

Como ele conseguia fazer isso? Beijá-la, fazê-la arder de desejo e logo em seguida, falar sobre conta em banco. Aquele homem era feito de pedra e estava brincando com ela. Ela se afastou séria e irritada. Não podia seguir com aquela situação, como se fosse uma boneca que ele beijava quando queria e depois a maltratava, fazendo do coração e da cabeça dela uma confusão de emoções e sentimentos.

— Está tudo errado! — Ela o interrompeu com angústia.

— Por quê? — Ele franziu o cenho.

— Aceitarei sua ajuda e apoio, Jeremiah Clarckson. Mas nosso envolvimento termina aí — salientou. — Não vou aceitar que fique me beijando dessa forma quando não temos um compromisso e não vamos ter — frisou. — Apesar de ter uma má reputação por ter abandonado a casa de meus pais, não

pretendo ser amante de ninguém!

Ele não esperava por tamanha sinceridade. Eva deu um passo para ele e colocou o dedo em seu peito.

— Por isso, a partir de agora, mantenha suas mãos longe de mim!

Ela foi para a porta e a abriu.

— Caso não se importe, nos falaremos amanhã. — Ela o fitou com firmeza. — Vou me deitar, minha cabeça dói e preciso dormir.

Jeremiah estava indignado com a falta de educação dela. Ele só queria ajudar e ela também gostara do beijo, mas não ia implorar por nenhum outro ou voltar a tocá-la. A passos largos foi até o móvel, pegou seu chapéu e saiu do quarto. Parou e olhou para a porta fechada:

— Louca! — murmurou e foi para o seu quarto.

Deveria não se importar com essa maluca. Voltar para Crescentfalls e esquecê-la para sempre. Respirou fundo lançando o chapéu sobre a cama do outro lado do quarto e tirando seu paletó. Sua razão sabia que o melhor era esquecer Eva Joyce. Mas deixá-la sozinha naquele momento não estava em seus planos. Mesmo que ela tivesse a língua afiada e o colocara em seu devido lugar.

Acabou sorrindo para si mesmo.

Aquele jeito doido dela o deixava louco de raiva. Mas o encantava. Era fato. E o fazia desejá-la cada vez mais. Olhou para a parede do quarto e imaginou ela do outro lado, deitada olhando para o teto, pensando no beijo. Tinha certeza que se ele não conseguia esquecer, ela também não. E isso lhe causou uma satisfação inesperada, tão forte que ao deitar-se naquela noite sonhou com o corpo nu de Eva contra o seu, entregando-se, experimentando do prazer que ele lhe proporcionava. Ele passava a língua na pele macia, os seios alvos e entumecidos que se exibiam para ele. Os olhos dela estavam semicerrados e ela entreabriu os lábios para soltar um gemido e dizer o nome dele.

Jeremiah acordou no meio da madrugada suado. Levantou o cobertor e não podia acreditar. Tivera uma ejaculação noturna. Isso não ocorria desde a sua adolescência, e ficou surpreso. Levou as mãos à cabeça e riu de si mesmo. Gozara ao sonhar com Eva Joyce. Ia enlouquecer!

## Capítulo 7

Com a influência de Jeremiah não foi difícil abrir a conta para Eva. Ela precisou apenas assinar alguns papéis e os homens do banco levaram o baú e contaram novecentos e setenta mil dólares. Uma quantia mais do que exorbitante para que ela se mantivesse por uma vida toda. Ela não precisaria mais trabalhar de costureira em Shepherd ou em qualquer outro lugar. Poderia comprar vestidos de mais de trinta dólares e se vestir como uma rainha.

Contudo, sabia que se soubesse cuidar do dinheiro poderia triplicá-lo. Durante toda a vida foi Eva quem cuidou dos gastos da família, desde os pessoais até os investimentos externos. Sabia exatamente como calcular cada centavo e de como isso fazia diferença ao fim, no saldo.

Ninguém que a visse com aquela aparência frágil de moça ingênua e desastrada, não imaginaria que ela era o às da matemática. Era boa em achar erros e solucioná-los. E também sabia maquiar livros caixa, como seu pai costumava fazer para esconder suas falcaturas. Para o bem ou para o mal, ela sabia fazer. Mas, ultimamente sabia o preço alto de agir com má fé. Teria tempo para procurar um emprego e fazer algo útil em sua vida. O exemplo de Donna Mae a incentivava a ser diferente, a trilhar um caminho maior do que ser uma simples dona de casa submissa, cuidar dos filhos e do marido.

Ela podia mais.

Saiu do banco se sentindo um pouco melhor em relação ao mundo que a cercava. Por um instante, distraiu-se caminhando pela calçada e pensando em seu pai e a forma triste que ele deixou essa vida. Talvez Jeremiah tivesse razão e tudo foi apenas fruto dos próprios atos dele e a culpa não era dela. Mas a certeza de que se não o tivesse denunciado ele ainda estaria vivo ainda queimava em seu peito. E a culpa era inevitável. Parou e olhou para a porta do banco.

Jeremiah saiu e colocou o Stetson, o vento bateu contra ele e os cabelos dourados balançaram e ele sorriu não para ela, mas para a vida, como sempre fazia. Era natural para ele ser atraente, não o fazia de propósito e ela suspirou com inveja da mulher que roubasse seu coração e o levasse até o altar. Não que ela o quisesse como marido, a convivência entre eles era insuportável demais para isso, mas se todas as noites pudesse se deitar no peito largo e dormir, não precisaria de mais nada nesta vida.

Ele a fitou com um sorriso, satisfeito por ter conseguido ajudá-la. Seu olhar se prendeu ao dela, e ele se perguntou como uma mulher conseguia ficar tão bonita mesmo com uma roupa tão simples. Como um sorriso podia devastar seu peito e ele ter vontade de beijá-la mesmo depois dela tê-lo rechaçado e deixando claro que não o queria por perto. Ele a queria bem perto, de preferência debaixo dele e nua, como no sonho que ainda estava vívido em sua memória e em seu corpo.

Um cavalo que trotava pela rua movimentada, empinou derrubando o cavaleiro e soltou um forte relincho, indo em direção à calçada, desgovernado. Jerry escutou o agudo som e sua atenção se desviou para o animal. Ele previu o desastre que estava por vir e correu para cima de Eva. Ela não notou o que estava acontecendo, até que Jeremiah pulou em cima dela e girou o corpo, caindo de costas, com Eva em cima dele. O cavalo passou por eles como um louco e homens correram atrás para segurá-lo e evitar uma tragédia.

Ninguém notou o casal caído no chão enquanto olhavam o garanhão enlouquecido. Mas Eva notou as mãos que seguravam seu antebraço e suas delicadas mãos espalmadas no peito largo. O corpo quente e rijo sob o seu era delicioso. E havia mais coisas rijas e ela sentiu um constrangimento sem igual, o rosto queimou de vergonha, outra vez. *A respiração dele estava ofegante pela corrida ou pelo desejo?* Ela se perguntou. Era uma aproximação deliciosamente tentadora.

— A senhorita está bem? — A voz de um cavalheiro interrompeu aquele simples flerte.

Pela primeira vez, Jeremiah queria que o mundo fosse para o inferno e seu bom-senso também. Queria beijá-la de novo e quebrar a promessa que havia feito de não se aproximar mais e mostrar a ela que não podia dizer a ele o que fazer.

Relutante, Eva saiu de cima dele e ao virar-se depressa, caiu de costas na calçada. A mão masculina do desconhecido surgiu diante dela e ela a aceitou, ficando de pé e por pouco, não perdendo o lindo chapéu que usava.

— Obrigado. — Ela agradeceu e fitou o homem que a ajudara. — Marck?

O homem alto e bonito sorriu, charmoso.

— Eva Joyce? — Marck riu e segurou a mão dela com firmeza. — O que faz perdida em Austin?

— Eu...

— Eva? — A voz de Jeremiah soou interrogativa, exigindo sua atenção.

Jerry não gostou daquele *almofadinha* que segurava a mão de Eva com tanta intimidade. Olhou para as mãos unidas e ela notou e, desconcertada soltou a mão de Marck.

— Marck Andrews, este é Jeremiah Clarckson. — Ela os apresentou.

Jeremiah apertou a mão de Marck com raiva e força. Detestou que ele tocasse Eva e não gostou em nada do tal conhecido de Eva.

— Agora que está em Austin. — Marck olhou para a mão dolorida. — Poderia nos fazer uma visita. Claro, depois que tudo isso passar. Sinto muito por seu pai, Eva.

— Obrigada, Marck. — Ela sorriu para ele. — Logo que puder farei uma visita a sua família. E como estão todos?

— Meus pais estão em Nova Iorque, algo sobre os negócios de meu irmão, você sabe — disse com uma intimidade que fez o sangue de Jeremiah ferver. — Mas quando retornar, ela ficará muito feliz em vê-la. Está com sua mãe?

— Não. Estou em um hotel. — Apenas respondeu. Não queria explicar toda a situação ao velho amigo, mas acreditou que ele compreenderia. Afinal, não era segredo para ninguém que ela fugira de casa.

— Claro — falou educado. — Mas poderiam jantar comigo esta noite. — Ele estendeu o convite para Jeremiah.

— Sim... — Eva respondeu.

— Não. — Jerry fez que não. — Não poderemos.

Eva o fitou, chocada.

— Claro que posso! — retrucou, indignada e olhou para Marck. — Será um prazer jantar em sua casa.

Marck sorriu percebendo a tensão entre o casal.

— Então, vejo vocês mais tarde! — Marck beijou a mão de Eva e se voltou para Jeremiah. — Foi um prazer conhecê-lo, Clarckson — acenou com o chapéu e se foi.

Eva ficou olhando o amigo se afastar com um sorriso nos lábios. Marck era como um irmão e ela o adorava.

— Vai mesmo se encontrar com aquele potro assanhado? — Ele a questionou, indignado.

Eva teve vontade de rir. Marck não era um potro e nem assanhado. Era

um grande amigo de sua família, por quem ela possuía um imenso apreço. Eram amigos desde a infância. Além disso, Marck tinha preferência por rapazes, seria mais fácil ele dar em cima de Jeremiah, do que flertar com ela. Contudo, ela jamais contaria esse segredo a ninguém.

— E o que me impede?

— Seu pai acabou de morrer e vai jantar na casa de um homem? — Ele a reprovou.

— Oh, é verdade! — Ela levou a mão ao peito chocada com sua falta de atenção. — Fiquei tão feliz em revê-lo que esqueci desse detalhe, que estou em luto.

— Se quiser, posso fazer isso por você e desmarcar o encontro. — Ele se ofereceu.

Eles começaram a caminhar pela calçada, lado a lado.

— Agradeço sua gentileza, mas posso escrever um bilhete sozinha! — Eva não havia se esquecido que tinha que manter distância de Jeremiah. Agora, que ele a ajudara com o banco, não precisava mais ficar perto dele.

Atravessaram a rua e na quadra seguinte estavam na porta do hotel.

— Obrigada pela ajuda. — Ela se despediu.

— Tenho algumas coisas para resolver — avisou. — Eu a encontrarei no jantar.

Ele acenou e se foi. Eva ficou irritada por ele se despedir como se fosse dono dela. Ficou olhando para as costas largas enquanto ele desaparecia em meio às pessoas. Desde que deixara a casa dos pais, aprendera a se virar sozinha, sem a ajuda de ninguém e embora estivesse agradecida pela gentileza dele em ajudá-la, não seria sua refém. Não ficaria sentada dentro do quarto do hotel esperando-o voltar, como uma tola. Ainda mais porque não eram nada um do outro.

Decidida, entrou no hotel e foi até a recepção. Deu seu melhor sorriso para o jovem recepcionista.

— Em que posso ajudá-la, senhorita?

— Preciso que envie uma mensagem para mim e precisarei de um coche — informou. — Por favor. Talvez daqui uma hora. — Seria tempo suficiente para que ela arrumasse tudo e partisse.

— Sim, senhorita.

O rapaz lhe entregou uma caneta e papel para que escrevesse o recado.

— E poderia fechar a diária do meu quarto? É o 218.

O rapaz pegou a ficha e a olhou atentamente.

— Sua estadia já está paga, senhorita. — Ele informou devolvendo a ficha ao lugar. — Até o fim do mês.

— Fim do mês? — Ela estranhou. — E quem pagou isso?

— Não sei, senhorita.

Mas ela sabia de quem se tratava. Era óbvio que Jeremiah estava arcando com tudo e isso a ofendeu, profundamente. Não era a amante dele para que fizesse tal coisa. Soltou a respiração lentamente, controlando seu mau humor.

— Obrigada.

Agradeceu e começou a escrever o bilhete, decidida mais do que nunca a desaparecer da vida daquele homem arrogante e insuportável que pensava ser o dono do mundo.



Jeremiah mal entrou no hotel, já no início da noite, quando foi avisado que Dawson o aguardava no saguão. Estava de mau humor. A conversa com o governador não fora das mais agradáveis. Philip queria que ele fosse seu genro de qualquer forma, mas o fazendeiro não tinha pretensão de desposar a filha dele, Laura. Aliás, Jerry não queria se casar e estar preso a uma pessoa. E no momento, ele tinha coisas mais importantes com as quais se preocupar.

Porém, Phillip o fez prometer que depois que retornasse de Dallas, participaria de uma festa na casa dele. Concordou em participar, mas os planos de Jerry era retornar direto para Shepherd após esta viagem de negócios. O governador e a filha sobreviveriam a gafe dele de não comparecer à festa, pensou satisfeito.

Encontrou o cunhado parado perto das escadas e ao lado dele havia uma mala.

— Já vai partir?

— O caso de Joyce foi encerrado como era de se esperar, vou partir. Crescentfalls precisa de seu xerife — comentou, sério.

— Imagino que não tem nada a ver com minha irmã — ironizou.



Dawson não conteve o sorriso.

— Um homem nunca expõe seu ponto fraco — aconselhou e tirou um escrínio de dentro do casaco e entregou a Jerry.

— O que é isso?

— As cartas que a senhorita Joyce me entregou e mais alguns documentos. É melhor lê-las. Tem coisas importantes que deve saber.

— Não vai me adiantar nada? — perguntou guardando tudo em seu casaco.

— E perder a oportunidade de deixá-lo curioso? Não... — zombou. — Preciso ir, o trem sai para San Antonio em uma hora e não posso perder.

Eles se despediram e Dawson se foi. Jerry subiu para o próprio quarto. Pensou em falar com Eva, mas a curiosidade de saber o conteúdo das cartas foi maior. Depois falaria com ela, saberia se estava tudo bem e a levaria para jantar. Tirou as cartas do casaco e as jogou em cima do móvel e se serviu de uma generosa dose de uísque. Sentiu-se solitário como nunca antes. Construíra um império seguindo os caminhos de seu pai. Sua família era sinônimo de prosperidade e a fazenda Shepherd era a maior produtora de carne bovina do país. Há muito tempo pensava em arranjar um bom casamento. Talvez isso aplacasse sua solidão.

Pensou nas pretendentes. Consultou seu relógio de bolso, um presente do governador. Pensou em Laura, em sua beleza morena quase latina, já que a mãe era mexicana. Ela era linda, meiga, inteligente, e agradável, como tantas outras que ele conhecera. Definitivamente, não era a mulher com quem gostaria de passar o resto da sua vida e o governador teria que aceitar isso. Jeremiah jamais desposaria uma mulher apenas por status ou alianças.

E os pés dela não eram pequenos e delicados. Ela não era loira e desastrada, não possuía o perfume dos lírios do campo, não o fazia rir à toa ou o levava à loucura em questão de segundos. Laura não o excitava apenas com o olhar ou fazia da sua vida um inferno. E Laura não mentiu para ele ou o enganou. *Ela também não era filha de Alan Joyce e foi parar em sua propriedade se passando por uma simples costureira, quando na verdade era uma herdeira rica, que chorava por um vestido de trinta dólares, mas que agora poderia comprar um dez vezes mais caro!*

Ele apertou o copo com uísque, e praguejou. Eva mentira para ele, o enganara, o beijara com ardor e, agora, se fazia indiferente. Jerry que sempre fora vivido e esperto, caíra no conto da moça inocente. Fechou os olhos e lembrou-se daquele maldito beijo que parecia impregnado em suas entranhas,

mais do que a fome depois de um dia todo na lida.

Respirou pesadamente e olhou para as cartas em cima do móvel. Quem sabe naquelas cartas encontrasse todas as respostas para os mistérios que cercavam sua família e os Joyce. Era algo interessante para se distrair e não pensar em Eva nua gemendo em seu ouvido. Serviu-se de uma boa dose de uísque e pegou as cartas, para se sentar na poltrona, perto do castiçal aceso. Desatou o laço que unia as cartas e as colocou sobre seu colo.

A primeira carta muito amarelada datava de mais de trinta anos.

*Meu querido Alan,*

*Estou grávida, meu amor. Tenho certeza disso. Logo teremos nosso primeiro filho, fruto de todo bom sentimento que temos um pelo outro. Entretanto, não quero que se preocupe com nada. Compreendo perfeitamente a nossa situação e saiba que eu jamais o obrigaria a não cumprir com os deveres para com sua família. Contudo, tive que ajeitar a circunstância para que não ficasse desonrada. Por isso, fingi que passei a noite com John Clarkson, o pretendente de minha irmã, Caroline. Com a ajuda de meu pai, nós o embebedamos e arrumamos a cena. Meu pai fingiu flagrante e nos obrigou a casar. Ele era o único homem que visitava nossa casa e eu não podia perder tempo.*

*Meu pai agradece o dinheiro que nos enviou e será bem usado. Logo, nosso Timothy estará entre nós como sempre sonhamos, lembra-se? Ele terá o nome de seu pai como sempre me disse que desejava. E um dia ele terá orgulho de ser seu filho.*

*Com amor,*

*Amanda.*

Jeremiah releu a carta. Timothy era filho de Alan Joyce? E o que esta carta fazia junto com as de Sandy Lee? De repente, o medo o assolou. Será que ele também era um bastardo? Irmão de Eva? Pegou a próxima carta e a abriu.

*Minha Amanda,*

*O orgulho é meu companheiro neste momento. Sonho em conhecer meu filho e espero um dia poder chamá-lo assim. Sinto por ter se casado com este homem desprezível. Espero que ele morra logo...*

Jerry não conseguiu ler o resto. Sua mãe tivera um caso com Alan Joyce e casara com seu pai grávida de Timothy! Levantou-se furioso derrubando os demais papéis no chão. Não ia ficar lendo aquela sujeira de como enganaram Tia Caroline e seu pai uma vida toda. Mas havia uma pessoa que poderia lhe revelar

o conteúdo daquelas cartas. Saiu de seu quarto e bateu na porta do 218. Eva não atendeu, por isso, abriu a porta e entrou. Surpreendeu-se ao encontrar a camareira terminando de ajeitar a cama. Olhou ao redor e notou que os baús de Eva não estavam mais ali.

— Onde está a hóspede? — Ele quis saber.

— Deixou o quarto, senhor, por isso me mandaram arrumar — explicou. Ele praguejou.

Para onde ela teria ido? Como ousava deixar o hotel sem falar com ele? Desceu as escadas correndo e foi até a recepção. O rapaz franzino, sorriu com cordialidade.

— Em que posso ajudá-lo, senhor?

— Quero saber para onde a senhorita Joyce pediu o coche — exigiu.

O rapaz pigarreou, sem graça. Afinal, ele não conhecia Jeremiah e não podia lhe dar informações confidenciais.

— Senhor, nós não podemos dar informações sobre...

Jerry o segurou pela casaca e o trouxe para cima do balcão.

— Eu quero, agora! — exigiu.

Um outro homem se aproximou e tocou no ombro de Jeremiah. O cowboy o fitou por cima do ombro como um lobo selvagem pronto para atacar, mas não soltou o colarinho do recepcionista.

— Sou Thomas Simpson, senhor. Sou o gerente do hotel, em que posso ajudá-lo?

Jeremiah soltou o rapaz e se voltou para o gerente.

— Quero saber para onde a senhorita Joyce foi — explicou sem paciência.

O gerente olhou para o rapaz.

— Diga ao senhor Clarckson para onde a senhorita Joyce foi, por favor, Antony.

O rapaz ficou sem saber o que fazer.

— Ela não disse, senhor.

— Não? — Jerry franziu o cenho. — Mas como ela saiu aqui com três baús pesados?

— O senhor Marck Andrews veio buscá-la, senhor. — Ele respondeu com a voz trêmula.

Jerry não precisava ouvir mais nada. Como ela ousava partir com aquele potro empolado sem falar com ele antes? Eva estava levando a paciência de Jeremiah ao limite e ele não ia admitir que ela saísse de sua vida assim, sem dar explicações e quando quisesse!

— Consiga o endereço da família Andrews! — Jeremiah mandou com a voz carregada de frieza.

O gerente e o recepcionista correram para atendê-lo.

Eva tinha que lhe dar muitas explicações antes de sair da vida dele.

## Capítulo 8

A propriedade da família Andrews ficava ao norte de Austin. Era uma daquelas granjas construídas pela tradicional família inglesa que ajudou a colonizar o meio oeste, toda branca com grandes pilastras que pareciam algumas mansões dos estados do sul. Os Andrews além de descendentes de aristocratas, eram excêntricos e não precisavam se preocupar com dinheiro, já que a maior controladora das minas de carvão era a Andrews Corporation, administrada por Ralph, o irmão mais velho de Marck.

Além disso, Ralph expandira os negócios para as ferrovias e seus olhos argutos estavam direcionados para as criações de veículos para as famílias, em grande crescimento na Europa. O americano Oliver Evans estava estudando um protótipo que poderia revolucionar a história de veículo automotor, e Ralph estava intensamente envolvido nisto, sempre pensando em um modo de enriquecer mais sua família. E enquanto Ralph nascera para administrar, Marck era o bon-vivant, que como os pais, usufruía dos benefícios de ser rico e ter quem trabalhasse para ele.

E Eva os conhecia desde a infância, cresceram em Austin. Ralph sempre foi distante, frio, sisudo. Marck era o irmão simpático que todos queriam ter por perto. Nenhuma festa acontecia, em Austin, sem que Marck fosse convidado, e suas opiniões acerca de qualquer coisa eram sempre bem-vindas e viravam status. Caso ele gostasse, todos gostariam. Mas se Marck colocasse defeito em qualquer um, o status da pessoa cairia por terra e não seria mais bem vista em Austin.

E Marck seria a única pessoa que poderia receber a difamada Eva Joyce, em sua casa, sem manchar sua reputação. Ninguém diria nada a ele, ao contrário, passariam a ver Eva com outros olhos e a aceitariam porque Marck fizera isso, então era bom.

Eva e Marck eram como irmãos, almas gêmeas. E ela sabia que Marck era a única pessoa em quem poderia confiar de olhos fechados. E ela estava agradecida por ele acolhê-la por alguns dias até que o pai fosse enterrado e ela resolvesse o que fazer com a própria vida. Poderia ter ficado no hotel, mas quando descobriu que era Jeremiah que estava pagando sua estadia, ficou imensamente ofendida.

Quem ele pensava que era? Como ele pôde agir como se ela fosse uma prostituta a quem ele pagava os serviços prestados? Ela realmente não queria vê-lo outra vez. Já bastava as vezes em que ele tocou seu corpo e a beijou sem qualquer iniciativa de compromisso. Não que ela quisesse ficar presa a ele, não era isso.

Entretanto, Eva não podia deixar que qualquer homem a tocasse. Mesmo que o homem em questão a fizesse suspirar e ter pensamentos pecaminosos. Como por exemplo, às vezes ela ficava deitada na cama e imaginava Jeremiah deitado ao seu lado. Ele a beijava e sua grande mão percorria a barriga de Eva e descia... E descia...

Ela realmente não queria vê-lo. Jeremiah lhe fazia mal, a deixava fora do eixo, confusa, inconstante. Mesmo com aquele sorriso charmoso que inflamava seu coração, sabia que as consequências podiam ser desastrosas e sempre a mulher seria malvista, nunca o homem que a seduzira!

Sentada ao piano, ela tocava uma música enquanto Marck cantava com sua voz de barítono e, seu amigo, Richard, um também rico fazendeiro, os ouvia, admirado.

Richard e Marck eram apaixonados um pelo outro. Contudo, sabiam que tinham que viver aquele romance na clandestinidade, já que a sociedade jamais os aceitaria. Fingiam ser ardilosos libertinos e esbanjadores. Passavam as noites nos clubes para homens, gastando com mulheres e no fim da noite, terminavam no mesmo leito, mantendo o segredo trancado na madrugada. E Richard estava noivo e se casaria no próximo verão com a senhorita Madeleine Lower. Marck aceitava tal situação por saber que jamais poderia ser diferente. Ambos tinham um nome a zelar e famílias a quem dar satisfação.

Eva os compreendia e não os julgava. Aprendera que era impossível julgar alguém a quem se amava, mesmo que não concordasse, como era o caso de seu pai. E ela jamais condenaria o amor de Mark e Richard. O verdadeiro sentimento jamais poderia ser controlado. Acabou se recordando das palavras de Robert Clarkson.

Eles terminaram a música e aplaudiram e riram, no mesmo instante em que a porta explodiu, abrindo como o sopro de uma tempestade do deserto. Um furioso Jeremiah Clarkson entrou procurando por Eva com os olhos chispando fogo. Os dois cavalheiros se adiantaram em uma atitude de assegurar a integridade da dama. E embora fossem dois, não eram páreo para o cowboy acostumado a laçar boi bravo e cavalos selvagens.

Jeremiah olhou para os homens que impediam sua passagem.

— Minha conversa é com a senhorita Joyce — avisou sem paciência.

— Como vai, senhor Clarckson? — Marck manteve a calma.

Era evidente que Jeremiah estava apaixonado por Eva e não faria mal a ela. Entretanto, o cowboy estava nervoso demais e Marck sabia como esfriar os ânimos. Era bom nisso, aprendera com seus pais e nunca dava errado.

— Que bom que aceitou o meu convite e resolveu se juntar a nós para o jantar. — Ele olhou para além de Jeremiah. — Simon, por favor, coloque mais um prato à mesa...

— Sim, senhor Andrews...

— Eu não vou... — Jerry tentou falar.

— Eva! — Marck não o deixou completar a frase e se voltou para a amiga. — Como foi displicente! Deveria ter me avisado que o senhor Clarckson viria. — Ela abriu a boca para falar, mas ele também não deixou. — Não precisa ficar receosa, não nos importamos de receber pessoas que são especiais para você! — Eva não notou o sorriso de cumplicidade do amigo. Ela estava de pé, os olhos presos em Jeremiah.

Marck se voltou para o cowboy.

— Deixe-me apresentá-lo. — E mostrou o homem alto e moreno. — Este é Richard Klain, acredito que já se conheçam.

Jeremiah finalmente notou a presença de Richard e sua expressão anuviou. Eram amigos e já haviam feito grandes negócios.

— Como vai, Richard? — estendeu a mão e o cumprimentou.

— Tudo bem, Clarckson — apertou a mão. — Não sabia que estava na cidade.

— Cheguei há alguns dias.

— Isso é bom, porque eu ia mandar um recado para você, na fazenda — deu um passo para ele. — Aceita um uísque?

— Sim, aceito.

— Eu sirvo. — Marck se adiantou vendo que seu plano dera certo e o cowboy havia relaxado e esquecido o motivo de estava ali. Olhou para Eva que continuava parada. Notou que o amor entre aqueles dois era complicado, afinal, ela estava abaladíssima com um simples reencontro. Entregou a bebida aos homens e se aproximou dela. — Toque alguma coisa para nós, querida.

Ela assentiu e se sentou. Não esperava ver Jeremiah tão cedo. Seria tolice de sua parte perguntar como ele a descobrira ali. Um homem como ele conseguia

tudo o que queria, inclusive, um simples endereço. Sentiu as mãos tremendo e respirou fundo, tentando se recompor e tocar com excelência. Fazia apenas algumas horas que se despedira dele no hotel, e parecia que não o via há tanto tempo. Desviou o olhar para as teclas e começou a tocar.

Richard falava com Jeremiah, mas ele não ouvia uma só palavra. Seus olhos estavam presos em Eva. Ela estava linda com aquele vestido branco bordado de flores pretas, com um delicado decote que deixava o pescoço e os ombros à mostra. E ela tocava piano divinamente. A música era tão delicada quanto ela e parecia saída do mais profundo de sua alma. Ele sabia que ela tocava pela tristeza de ter perdido o pai da forma como aconteceu. Levaria tempo até que se recuperasse.

Sem notar, Jerry se afastou dos homens e se aproximou do piano, hipnotizado pela melodia. E por ela. Richard e Marck se entreolharam, satisfeitos, e se retiraram sem fazer barulho.

Não querendo que ela parasse de tocar, Jerry se aproximou bem devagar. Passaria a vida toda tentando explicar o motivo que o fizera ficar encantado com aquela mulher e daquela forma arrebatadora. Por mais que sentisse raiva, no instante seguinte, ele a desejava e tudo se transformava em um bem querer desgraçado.

Caso alguém lhe perguntasse qual era o símbolo de seu paraíso, ele não hesitaria pensar em Eva. E se lhe questionassem a acerca do inferno, daria a mesma resposta. Mesmo que seu orgulho o mantivesse trancafiado naquele limbo de sensações e sentimentos, não conseguia sair disso. Estava terrivelmente confinado, como se não houvesse chaves para libertá-lo. E se perguntou se queria estar livre disso. Com certeza, não. Aquela estranha sensação de estar perto de Eva lhe fazia bem e queria sentir. Apenas isso.

Encostou-se ao piano de cauda branco e ficou olhando-a e imaginando que se sentasse ao lado dela, poderia deslizar seus dedos sobre as teclas e tocar a mão feminina, roçar sua perna à dela. Sentir o perfume deliciosamente feminino quando seu nariz roçasse pela nuca delicada e beijar o pescoço, o ombro, o colo.

Ela ergueu os olhos azuis carregados de emoção. Respirou fundo ao encará-lo. Estar apaixonada por Jeremiah não estava nos seus planos e ter que esquecê-lo também não. Sentiu a presença dele enquanto tocava e demorou para conseguir olhar e ter certeza que estava completamente louca por aquele homem. A música acabou e eles ficaram parados presos no silêncio de suas emoções.

— A senhorita toca muito bem. — A voz soou rouca. Ele tentou não transparecer o desejo que sentia, mas foi inevitável. Pigarreou e ajustou a



postura.

— Acredito que a maioria das moças sabem. — Ela ficou tímida diante do elogio.

O olhar carregado de cobiça a fez estremecer. Seu coração batia rápido a cada passo que ele dava em sua direção.

— Deveria conviver mais com Donna Mae e acharia seu comentário um disparate — ponderou.

— Ela toca tão mal assim? — inquiriu sentindo os pensamentos embaralharem quando ele se sentou ao seu lado.

— Se bater em todas as teclas ao mesmo tempo com fúria for tocar bem. — Ele ironizou e passou os dedos pelas teclas do piano.

Eva olhou para os longos dedos que tocavam as teclas e ergueu o olhar para ele.

— O senhor toca?

— Pensei que já havíamos passado do estágio da formalidade. — Ele pontuou. Notava que toda vez que Eva ficava nervosa com ele, o tratava diferente.

— Sim — hesitou sem conseguir pensar por ele estar próximo demais. — É a força do hábito.

— Sua educação foi muito rigorosa — observou tocando a outra tecla.

— Sim, sou mulher e fui obrigada a me ater aos deveres sociais e o bom nome de minha família — comentou. — A educação é o único dever da mulher, é o que dizem.

Ele apertou outra tecla e seu braço roçou o dela. Jerry sentiu o desejo aumentar e Eva respirou com dificuldade.

— Embora, agora não exista mais um bom nome. — Ela completou.

Jerry tocou mais uma tecla e sua perna roçou a dela como ele havia fantasiado. Virou seu rosto e a encarou, bem próximo.

— Famílias são complicadas — afirmou e ela concordou balançando a cabeça.

— As nossas, principalmente. — Ela mirou aqueles olhos azuis e compreendeu tudo. — Leu as cartas, não foi?

Ele fez que sim e tocou algumas teclas aleatoriamente.

— Temos o mesmo irmão. — Ele afastou a mão do piano. — Ou melhor,

tínhamos. Por que não me contou, Eva?

Havia decepção em sua voz e ela se sentiu mal.

— É tão difícil falar dessas coisas — confessou. — Descobri quem você era apenas no casamento de Robert — explicou. — Ficou tarde dar explicações.

— Nunca é tarde para dizer a verdade. — Ele consertou.

— Nesse caso era. — Ela o encarou, triste.

Ele franziu o cenho e sentiu uma angústia inexplicável.

— Não me diga que somos irmãos!

— Não. — Ela apressou-se em dizer. O alívio dele foi um alento para o seu frágil coração.

— Então, qual é o motivo? — insistiu em saber.

Eva levantou e foi para perto da janela. Como diria a ele que havia se apaixonado? Não era óbvio?

Mãos quentes tocaram seu ombro e ela fechou os olhos. Perdera todo o raciocínio com aquela aproximação, a cabeça girou e ela só conseguia pensar no quanto seria bom estar nos braços dele, novamente. Jerry não queria se levantar, mas sentiu aquela intensa necessidade de ouvir as palavras engasgadas naquela linda garganta.

Eva era toda irresistível. A pele macia o atraía, o perfume, os cabelos que ele queria segurar por entre os dedos. Tocar aqueles ombros nus foi sua perdição. Era melhor do que sequer um dia pudera conceber.

— Vamos nos arrepender. — Ela murmurou encostando seu corpo ao dele.

O contato entre eles era perfeito. Jeremiah apertou os dedos contra a pele e beijou a pequena orelha e ela se curvou mais contra o corpo dele, entreabrindo os lábios, a respiração pesada, o corpo lânguido pela necessidade insana de ser tocada por aquele homem mais e mais. A língua tocou a orelha e desceu pelo pescoço, arrastando a boca pelo rosto, virando-a devagar em uma tortura deliciosa, beijou-lhe a face, o canto dos lábios e Eva fechou os olhos e gemeu, involuntariamente. Até que os lábios se encontraram. Apaixonados.

Dessa vez, ela sabia exatamente o que fazer e abriu os lábios para recebê-lo. Respiraram o desejo que despertou desde o primeiro instante em que se encontraram, há algumas semanas. Os lábios sentiam e exploravam, nada na vida se comparava aquele momento. A cada encontro, a cada beijo, queriam mais. Jeremiah apertou o tecido do vestido, deixando o ombro nu. Afastou-se para

substituir as mãos pelos ávidos lábios. A pele de Eva possuía um sabor indescritível e ele a saboreou com a língua, enquanto os gemidos dela o enlouqueciam cada vez mais.

Ela se agarrou a ele, seus joelhos cederam, fazendo seu corpo encostar-se ao dele, pesadamente. Jerry tocou o pescoço, o colo macio e subiu novamente até os lábios que clamavam por mais. Ele a apertou contra si, perdendo totalmente a sanidade e o controle. Seus dedos enredaram pelos cabelos e o penteado se desfez, fazendo com que uma cascata de cachos dourados caísse pelas costas até a cintura.

— Eva... — Ele murmurou de encontro aos lábios dela.

Estava pronto para dizer que não suportava mais aquela situação, que precisava dela, quando a porta foi aberta, de repente. Eles se afastaram depressa, ofegantes. O que havia acontecido ali? Que magia era aquela que os envolveu a ponto de perderem a cabeça? Jeremiah sabia que se não tivessem sido interrompidos, ele teria abaixado mais aquele maldito vestido e experimentado partes do corpo feminino que se escondiam para ele, mas que o faziam gemer apenas por pensar em cada detalhe. Se antes o desejo era insuportável, agora ele estava disposto a tudo para vivê-lo.

Balançou a cabeça, recuperando o bom senso e a razão. Fora ali para tirar satisfações com aquela maldita mentirosa e não para ficar beijando-a com ardor e paixão que o consumia. Era para lutar contra aqueles sentimentos e não ceder como um jovem tolo. Fitou Eva, ela estava com os lábios marcados pelo beijo, o cabelo desfeito, o vestido fora do lugar. Era insuportável aquela situação, tinha que se afastar dela. Eva o fazia perder a cabeça. Ela o tirava do eixo e isso não era bom.

— O que mais esconde de mim? — perguntou, hostil.

— O quê? — Devolveu a pergunta, confusa.

Ele a havia beijado de uma forma inesquecível que a fez quebrar todas as promessas que fizera de ficar bem longe dele. Como ele podia desconfiar dela depois de tê-la beijado daquela forma impetuosa? Eva entendeu tudo. Ele usou do beijo para fazê-la ceder, para torná-la sua amante. Para ter certeza que ela não lhe escondia mais nada e depois descartá-la como uma qualquer. Como fez com Melissa.

O tapa ecoou e Marck e Richard fizeram uma careta de dor. Jerry sentiu o rosto queimar e Eva deu um passo para ele, furiosa.

— Vá para o inferno, Jeremiah Clarckson! Nunca mais me procure! — Eva se alterou e saiu do salão pisando duro, passando pelos amigos sem coragem

de fitá-los.

Eva subiu para o quarto de hóspedes batendo a porta com força. Jamais voltaria a falar com aquele homem. Nunca voltaria a beijá-lo ou pensar nele. Jeremiah era um pesadelo, mesmo que beijasse bem, mesmo que ela soubesse que na manhã seguinte estaria com saudades.

## Capítulo 9

O enterro de Alan Joyce reuniu personalidades importantes do Texas e região. Ele recebeu todas as honras militares. A senhora Joyce recebeu da mão do governador, Phillip Stewart, a bandeira dos Estados Unidos da América. Norma estava muito abalada com a morte do marido, e o filho mais velho, Judson a amparava. E os outros filhos estavam presentes: Stephen, Noah e Taylor, juntamente com suas respectivas esposas e filhos.

O dia estava triste, nublado e uma fina chuva caía.

Eva observava tudo de longe. Vestida com seu traje de luto, ela viu a mãe e os irmãos diante do caixão, que desceu a cova sob o som da marcha fúnebre. Ela enxugou as lágrimas e segurou com firmeza sua sombrinha, tentando se manter escondida por trás das árvores para não causar nenhum mal-estar a ninguém. Viera sozinha. Não dissera nem mesmo a Marck que compareceria. Não queria que ninguém a visse daquele modo: desesperada e com todo peso da culpa nas costas.

Por um longo momento interminável, ela aguardou que a cova fosse fechada e a família recebesse as condolências, se despedissem e então partissem. Apesar de não ser um exemplo de caráter e honestidade, ele era seu pai e Eva o amava e lhe devia respeito. Aguardou que todos realmente partissem em suas carroças e ela se aproximou do túmulo do pai. Chorou ao jogar a rosa vermelha, a flor que ele gostava de dizer que era o símbolo da vida. Despedir-se dele poderia parecer injusto depois do que ela lhe fizera, mas ela precisava dizer adeus.

— Perdoe-me — sussurrou. — Não tive escolha.

Ela poderia ter fugido se quisesse. Contudo, conviver com a morte de mais inocentes seria pior para sua consciência.

— Não queria sua morte — confessou baixinho. — Queria que tudo fosse diferente, juro.

Eva daria tudo para abraçá-lo e ouvi-lo dizer que a perdoava.

— O que faz aqui?

Ela engoliu em seco, antes de voltar-se para Judson Joyce. Ele era como seu pai: grande, grosseiro e ignorante. A diferença era apenas a idade e o fato de

Judson ser mais perigoso e desumano.

— Perguntei o que está fazendo aqui. — Ele agarrou o braço da irmã e a sacudiu.

— Se não a soltar, o próximo a ter uma cova será você! — A voz soou profunda e mordaz.

Eva tremeu e fitou Jeremiah parado há alguns metros, todo vestido de preto e com seu inseparável Stetson. O que aquele homem fazia ali? Judson iria matá-lo!

Nem mesmo Jeremiah saberia responder o que o fizera ir atrás de Eva. Há duas noites, quando deixou a casa dos Andrews, jurou que não voltaria a vê-la. Arrumou suas coisas para partir e não conseguiu sequer chegar aos limites da cidade. Já estava cansado de tentar controlar seus próprios impulsos e lutar contra o seu orgulho. Ainda mais quando o assunto era Eva Joyce. Essa maldita mulher estava impregnada em sua mente, e decidiu parar de questionar seus atos e apenas agir. Estava ficando impossível ser racional.

Seu instinto de proteção a queria por perto. Sabia que teimosa como era, ela iria sozinha ao enterro, e diante das circunstâncias era arriscado. Eva não apenas mexera com o ego de sua família, mas envolvera gente mais importante nessa história. Pessoas que encobriam as atitudes de Alan Joyce e lucravam com isso. Pessoas que não hesitariam em tirá-la do caminho se sentissem ameaçados.

Porém, não estava em seus planos se aproximar. Mas vê-la sofrer era uma agonia para ele. Ficou de longe, até vê-la se aproximar do túmulo e chorar, copiosamente. Ele tinha a necessidade de enxugar suas lágrimas, estreitá-la contra seus braços e dizer que ia ficar tudo bem. Eva despertava nele um instinto protetor feroz. Era capaz de tudo para vê-la bem e em segurança. O pensamento de que daria sua vida pela dela o assustou.

Porque era isso que faria: mataria por Eva sem pestanejar. Ninguém a tocava, se não fosse ele. Nenhum homem poderia tratá-la com hostilidade sem conhecer o lado sombrio e perigoso de Jeremiah Clarckson.

E Eva sabia que seu irmão não valia nada e que Jeremiah estava disposto a tudo para protegê-la, por isso, antes que fosse causadora de mais uma tragédia, soltou-se das mãos de Judson.

— Não se preocupe — fitou o irmão com desprezo. — Eu já estava de saída.

Jeremiah ficou encarando Judson até que Eva passou por ele, pegou sua mão e o puxou para junto dela, caminhando sem parar. Ela foi em direção para

detrás do cemitério, por onde entrara e se voltou para aquele homem louco.

— O que está fazendo aqui? — questionou, furiosa. A chuva engrossou e ela sabia que aquela sombrinha não a protegeria, por isso, a fechou e continuou andando depressa.

Ele a alcançou e a segurou pelo braço. Eva se livrou dele.

— Disse para ficar longe de mim! — tentou bater a sombrinha contra ele, mas Jerry segurou o objeto, o arrancou da mão dela e jogou longe.

— Sei exatamente o que disse, Eva! E sei também que desde a primeira vez em que a vi, não consigo parar de pensar em você — declarou com a chuva aumentando sobre suas cabeças. — Não consigo e não quero ficar longe de você!

Ironia ou não, eles pareciam adorar brigar debaixo da chuva torrencial.

— É loucura, Jeremiah! Nós nascemos para odiar um ao outro, não para... — Não teve coragem de terminar.

— Consegue esquecer? — Ele deu um passo para ela. — Consegue deixar de pensar em mim todos os dias como penso em você?

Ela não conseguia, estava acima de suas forças, era mais forte que respirar.

— Acha que eu não tentei partir e deixá-la para trás? — Ele segurou seu rosto entre as mãos. — Quanto mais tento desprezá-la, mas a sinto aqui — apontou para o próprio peito.

Eva se derreteu ao ouvir aquilo.

— Você me tira do eixo. — Ela confessou. — Acabo fazendo coisas que estão além da minha compreensão e isso não é normal!

— O que é normal, Eva? — Ele questionou acima do barulho da chuva.

O pior era que ele tinha toda razão. Nada com ele era normal.

— Por que sinto que vou odiá-lo para sempre? — falou, insegura.

Ele acariciou o rosto dela.

— Não me importo se é amor ou ódio. Quero estar com você como jamais desejei estar com alguém antes. — Ele a puxou pela nuca e a beijou.

Eva se entregou e nem a chuva fria foi capaz de aplacar o calor daquela paixão. Agarrou-se a ele como se sua vida dependesse disso.



Eva nunca saberia dizer como chegou a casa dos Andrews. Lembrava-se vagamente de mergulhar naqueles olhos azuis perturbadores, enquanto a chuva caía sobre seus corpos. Jeremiah a beijou consumindo todo o seu ser, sua existência. Caso existisse alguma dúvida do que ela sentia por ele, desapareceu quando o seu corpo o reconheceu.

Entraram no coche e ele voltou a beijá-la, transformando-a naquilo que ela mais temia: uma mulher carregada de paixão e luxúria. Os lábios dele percorriam seu pescoço, o decote sóbrio do vestido.

— Quero você, Eva. — Ele confessou de encontro a pele macia. — Quero você como jamais quis alguém.

— Jeremiah... — Ela tentava raciocinar, mas era impossível.

As mãos desceram pelo corpo feminino, acariciaram os seios macios sob o tecido do vestido, a cintura fina. Os lábios percorreram a delicadeza de seu pescoço e voltaram a beijá-la incendiando todo o ambiente. Ela se agarrou à camisa dele, sentindo o próprio corpo diferente, intenso, querendo mais. Jeremiah lhe despertou instintos primitivos e ela entendeu porque diziam que o beijo era algo próximo ao pecado.

Ela era a pecadora e Jeremiah a tentação. Quando a língua dele tocou a sua, ela sentiu o mundo girar. Novamente, aquele formigamento entre suas pernas a acometeu e ela a apertou, gemendo. Os dedos de Jeremiah desentrelaçaram os primeiros botões de seu vestido e ele beijou o colo, lentamente. Deixou que ele seguisse com as carícias, poderia ter parado, dito não. Contudo, ela queria. Ele depositou um beijo na parte alta de seu seio e ela gemeu fechando os olhos.

De repente, a carruagem parou. Mas Eva não notou até que Jeremiah se afastou e a encarou com os olhos semicerrados, carregados de luxúria. Ele fechou novamente os botões do vestido e passou o polegar pelo queixo de Eva e depois pelos lábios inchados por causa dos beijos.

— Tenho negócios a tratar. — Ele a encarou, sério.

Ela fez que sim. Sua voz perdeu entre os beijos e levaria algum tempo para que pronunciasse qualquer coisa coerente.

— Eu irei vê-la mais tarde — avisou beijando-a novamente. Eva



concordaria com qualquer coisa naquele momento.

— Sim.

Ele a beijou com paixão, mordeu o lábio dela, levemente. Jeremiah controlou os próprios instintos e antes que perdesse a cabeça, saiu do veículo. Eva o fitou pela portinhola e o viu olhar para trás e piscar para ela. O coche se colocou em movimento e ela ficou olhando para ele até perdê-lo de vista.

Estava sonhando, suspirou e se recostou no estofado de veludo. Meia hora depois, entrou na casa de Marck como se pisasse em nuvens. O dia chuvoso se transformara em algo lindo e maravilhoso. Simon abriu a porta e ela agradeceu como se ele houvesse lhe dado uma flor. Ela encontrou Marck na sala principal.

— Querida Eva. — Ele pegou suas mãos. — Deveria ter-me deixado acompanhá-la. Como se sente?

— Muito bem — respondeu com um sorriso.

Ele franziu o cenho e estranhou, afinal, ela acabara de enterrar o próprio pai e sorria como se o sol brilhasse num dia de verão.

— Por acaso encontrou-se com Jeremiah Clarckson?

— Por quê? — Ela se fez de desentendida e se afastou nele para mexer distraidamente em um vaso de flores.

— Acabou de voltar do enterro de seu pai e é como se houvesse atravessado o arco-íris!

Ele não a estava repreendendo. Porém, tinha razão. Sentou-se no sofá e suspirou. Estar nos braços de Jeremiah a fez esquecer-se de tudo. Como isso era possível?

— Jeremiah apareceu por lá — contou. — Judson foi ríspido comigo e ele me defendeu. Eu o mandei embora, mas começou a chover...

Marck se aproximou dela.

— Por que não aceita que você o ama? — Ele a questionou.

— Eu não o amo. — Ela fez que não. — O que sentimos é desejo, não é amor!

— Tem certeza?

— Não! — admitiu levando as mãos ao rosto, horrorizada com a confusão de seus sentimentos. — Jeremiah me deixa confusa. Eu o odeio e eu o ... — Mais uma vez as palavras ficaram presas na garganta. — Quero que ele desapareça e, no instante seguinte, quero abraçá-lo como se minha vida

dependesse disso. Entende?

— Em partes. — Ele se sentou ao lado dela. — Não costumo ficar confuso quando quero estar com alguém.

— Ele me beijou várias vezes.

— Reparei isso, naquela noite em que ele esteve aqui!

— Mas a cada momento tudo vai ficando diferente...

— Diferente como?

Eva respirou fundo e encarou o amigo.

— Diferente a ponto de me fazer ter certeza que jamais vou querer ser beijada por outro homem!

Marck arregalou os olhos diante das palavras atropeladas e riu. Eva levou as mãos aos lábios e riu também. Não acreditava que havia dito aquilo em voz alta.

— Isso é amor, minha querida. — Ele disse com carinho.

— Será?

— Tem alguma dúvida?

Ela encolheu os ombros.

— Jeremiah é um homem magnífico. — Ela se ergueu e andou pela sala. — E pode ter a mulher que desejar. E não a filha do inimigo de seu pai.

— Você é uma mulher esplêndida, também pode ter o pretendente que quiser — ergueu sua estima.

— É essa a questão, Marck — voltou para perto dele.

— Não compreendo.

— Jeremiah vai querer ficar ao lado de uma jovem que não tem família, que foi deserdada e tem a honra manchada?

— Ele está louco por você e vejo que não está preocupado com o que os outros vão pensar — defendeu Jeremiah.

— Ele é um homem importante, embora não se importe com isso. Ele vai precisar de alguém ao seu lado que não o envergonhe! — falou triste. Mas era a realidade.

Marck se ergueu e fez que não.

— Não diga isso, Eva! — Ele a repreendeu. — Clarkson a ama e não se importa com esse tipo de julgamento!

— Como pode ter certeza que ele me ama? — questionou, insegura. — É

muito cedo para que eu tenha certeza disso.

— Se precisa de mais certezas sobre o que sentem um pelo outro, então, ele não é a pessoa certa.

Ouvir aquelas palavras doeu, profundamente. Eva queria que ele fosse a pessoa certa.

— Além disso, não pode decidir por ele sem antes conversarem. Não é justo! Fale com ele. Não tome qualquer decisão baseada apenas porque tem medo do futuro — aconselhou sabiamente.

— Tem razão. — Ela cedeu. — Ele virá me ver esta noite e conversarei com ele.

— Não faça nada precipitado, Eva. — Ele se aproximou e beijou-lhe a testa. — Você é como uma irmã para mim e a última coisa que preciso é ter meu ombro molhado por suas lágrimas.

Ela deu um meio sorriso.

— Obrigada, Marck. Por tudo.

Marck a abraçou e a convidou para almoçarem. Ela estava sem fome, mas se obrigaria a comer alguma coisa. Ansiosa, pensou na noite que viria. Seu destino e de Jeremiah estava prestes a ser decidido e isso a deixava aterrorizada, com medo que se perdessem para sempre longe um do outro.

## Capítulo 10

Eva recebeu vários buquês de flores, ao longo do dia. Todos enviados por Jeremiah. Ela sorria e cheirava cada flor e as deixava na sala de música da mansão. Acariciou as pétalas das flores como se fossem um tesouro, queria guardar aquela sensação na lembrança para sempre.

Quando ele chegou, colocou o vestido que ele lhe dera de presente. De forma proposital. Queria que ele soubesse o quanto aquele ato foi importante para ela e que jamais se esqueceria do primeiro beijo que haviam trocado. Usar aquele vestido significava tantas coisas, o quanto aquele homem era importante em sua vida.

Jeremiah estava parado ao pé da escada, quando ela surgiu. A surpresa se estampou no rosto barbeado, os cabelos dele estavam penteados para trás e muito bem vestido para a ocasião. Ele lhe ofereceu seu sorriso mais charmoso e ela também sorriu, sabendo que aquela não seria uma simples noite.

Ele segurou a delicada mão e a beijou demoradamente quando ela parou no último degrau. Eva não sabia como havia conseguido descer aquelas escadas sem causar um desastre, já que suas pernas estavam bambas e tremia.

— Está linda! — Havia carinho em sua voz e em seus olhos.

— Obrigada — respondeu, nervosa.

Ele lhe ofereceu uma única rosa vermelha.

— Outra? — sorriu, tímida e a pegou para cheirá-la.

Ser mimada daquele jeito era uma novidade para ela. E estava adorando. Eles ficaram se encarando, deixando que o silêncio falasse mais do que qualquer coisa que tivessem a dizer.

Marck pigarreou, chamando a atenção dos dois. Estava vestido com sua roupa de festa e segurava uma capa negra nas mãos.

— Infelizmente, não poderei acompanhá-los — informou.

— Por que não? — Eva indagou, surpresa.

— Eu e Richard vamos ao clube. — Ele avisou. — Combinamos com alguns amigos e hoje um grupo de dança francês vai se apresentar. — Ele foi delicado ao se referir às prostitutas que dançariam nuas como grupo de dança.

Era sempre um homem educado acima de tudo.

Eva estreitou o olhar. Por que sentia que aquela saída de seu amigo fora proposital?

— Espero que não se ofendam — observou, educado. — Afinal, meus pais estão fora, mas os empregados ficarão à disposição.

— Não queremos incomodar. — Eva falou, constrangida. — Podemos sair e...

— Ficaremos bem. — Jeremiah se adiantou. — A não ser que Eva não queira. — Ele a fitou.

— Eu...

— Perfeito! — Marck a cortou e colocou seu chapéu. — Vejo vocês mais tarde.

E se foi sem olhar para trás. Eva olhou para Jeremiah, atordoada.

— Eu... — Ela se rendeu. — Não sabia que ele nos deixaria a sós.

Um sorriso malicioso surgiu nos lábios dele. Adorava vê-la acuada.

— Eu compreendo, Eva.

— Compreende?

— Sim. Ele é um amigo libertino e quer aproveitar a vida — desculpou para que ninguém saísse dali com má impressão.

Ela respirou, aliviada.

— Claro. Marck é um sedutor incorrigível — sorriu. — Não quer passar para a sala?

— Sim.

Mal se acomodaram na sala e Simon entrou, informando que o jantar fora servido. Eva estava tão agitada na presença de Jeremiah que se sentia perdida, não conseguia relaxar. Forçou um sorriso e foram para a ampla sala de jantar. Mas diferente do que Simon indicara, Jerry não se sentou à ponta da mesa. Ele pegou o prato e foi se sentar na outra ponta, ao lado de Eva. Ela sorriu encantada com a displicência dele.

— Não gosto dessas convenções... — Ele informou.

— Pensei que um homem da sua categoria fosse ligado às etiquetas sociais — divertiu-se.

— Um homem da minha categoria — repetiu as palavras dela com sarcasmo. — Foi criado em uma fazenda de gado, em meio ao barro, o feno,

gosto do cheiro da terra. Essas etiquetas sociais me causam tédio.

Sorriram com cumplicidade enquanto os empregados os serviam. Ela relaxou.

— Simon. — Jeremiah o chamou.

— Sim, senhor Clarckson.

— Peça aos empregados que deixem as bandejas em cima da mesa e estão dispensados — avisou como se fosse o dono da casa.

Simon o fitou sem esboçar qualquer surpresa.

— Como quiser, senhor.

— Simon. — Jerry o chamou de novo.

— Sim, senhor?

— Você também pode descansar por essa noite. Eu e a senhorita Joyce cuidamos de tudo.

— Como desejar, senhor. — Simon fez reverência e saiu.

— Ele é britânico. — Eva comentou assim que ficaram a sós. — Por isso é tão correto.

— Assim está melhor, sem ninguém parado me olhando comer.

Ela fez que não.

— Também não gosto.

— Prefiro a paz e a tranquilidade da vida. Minha vida é Shepherd e não isso aqui — olhou ao redor. — Não gosto da cidade, gosto do campo.

Ela o admirou por alguns segundos.

— Você e Timothy eram muito diferentes — comentou. — Seu irmão adorava o glamour e você o despreza. Ele amava dizer que era um... — parou de falar ao notar que fora longe demais.

— O que ele dizia?

Eva comprimiu os lábios, mas acreditou que era um direito de Jeremiah saber a verdade.

— Ele se gabava de ser filho de Alan Joyce e usufruir do dinheiro dos Clarckson.

Jeremiah não esperava por aquela revelação.

— Ele sabia que não era filho de meu pai?

— Sabia, sinto muito.

— Estou surpreso — falou, amargo. — Deve ser por isso que ele se aliou ao seu pai.

— Creio que sim. Eles eram parecidos em muitas coisas e meu pai tinha um orgulho tão profundo de Timothy — lembrou-se de alguns detalhes. — Tim era o filho preferido, mesmo sendo um bastardo e tendo o nome de outro homem. Minha mãe sempre dizia que parte do meu pai sobreviveu a morte de Amanda por causa da existência de Tim.

— Sua mãe sabia?

— Sim. Ele nunca escondeu que amou Amanda intensamente e não pôde se casar com ela porque o pai dele não deixou. Mas ele se vingou do próprio pai e quando meu avô ficou doente, o internou em um hospital para loucos e o deixou morrer lá, sozinho — relatou sem qualquer emoção na voz. — Meu pai fez minha mãe pagar por cada dia que ele ficou longe de Amanda.

— Ela também foi infeliz. — Jerry falou com pesar. — Lembro pouco dela, ela morreu no parto de Donna Mae e eu tinha cinco anos. Mas o pouco que me recordo é de seus gritos, falando irritada comigo e com Bob. E ela separou meu pai e Tia Caroline, eles eram noivos quando ela ficou grávida.

— E descobriram a verdade? Quer dizer, antes do seu pai morrer, ele soube o que sua mãe fez?

— Não. Ele sempre acreditou que Tim era seu filho primogênito e ele o amou tanto — balançou a cabeça. — Meu pai tinha olhos apenas para ele. Irônico, não?

— A morte de Tim abalou muito meu pai. — Ela mexeu na comida com o garfo e o fitou. — Ele ficou fora de si, sumiu por uns dias. Acredito que tenha ido ao enterro, mesmo que sem ser visto. — Então, ela tomou uma decisão. — Preciso lhe contar algo.

Ele passou as mãos pelos cabelos dourados e a encarou.

— O que eu ainda não sei?

— Não tenho muita certeza se é verdade, mas minha mãe me contou que logo após a morte de Timothy, meu pai esteve com o seu.

Jeremiah forçou a memória.

— Não me recordo de Alan Joyce ter ido à Shepherd, mesmo quando eu não estava lá. Minha tia teria contado, ela sabia da história, ou parte dela. Sempre contou que sua irmã fora apaixonada por Alan Joyce antes de se casar com meu pai.

— Eu realmente não sei, mas não posso guardar mais isso para mim.

Ele ficou feliz por ela compartilhar algo tão delicado e sério com ele.

— Vou lhe contar tudo o que sei, tudo — falou, séria. — E quando eu terminar vai me jurar que deixaremos os mortos onde eles estão e ficaremos em paz.

— Sim. — Jerry compreendeu o pedido dela.

— Meu pai jurou vingança contra sua família após a morte de Tim — contou. — A ideia era comprar Shepherd e levá-lo à bancarrota.

Ele franziu o cenho.

— E o que fez? — perguntou, desconfiado.

— Não sei, juro. Saí de casa logo após isso, então não faço ideia de quais eram seus planos. Mas acredito que o fato de eu estar lá, o impediu de agir diretamente contra sua família. Penso que ele tivesse medo que algo respingasse em mim...

Então, ela contou tudo. Desde o início quando começou a ajudar o pai, os livros caixa adulterados, o roubo das terras ao matar pessoas inocentes, os comparsas de seu pai. De como ela conheceu Timothy e das viagens do irmão para Austin e os dias que passavam na propriedade dos Joyce. Da rivalidade dele e de Judson. Sobre Sandy Lee e Adam Palmer. E até mesmo como conheceu Beth Lee. Contou detalhadamente sobre o noivo velho e insuportável e como sentia nojo dele.

Quando terminou se sentia aliviada, livre de toda aquela sujeira.

— Seu pai se matou para livrar a cara de muita gente. — Ele concluiu. — Com a morte dele a história chega ao fim.

— Sim. É o mais provável que durante algum tempo meu irmão, Judson, se aquiete. Ele não vai querer ser alvo de investigações.

Toda a história o deixou preocupado. Eva havia denunciado o pai e sabia demais. Temeu por ela e por sua segurança. Entretanto, achou melhor não a alarmar. Desde aquela manhã no cemitério, não conseguia deixar de ficar preocupado com a segurança dela.

— Estraguei sua noite, não foi? — Ela perguntou com pesar.

— Não. — Ele segurou a mão dela por sobre a mesa. — Estou tentando assimilar o fato de Timothy odiar tanto nossa família.

— Ele tinha ciúme.

— Ciúme?

— Sim. Muitas vezes ele disse que você era o irmão sortudo que



conseguia tudo sem o menor esforço e sempre se dava bem nos negócios!

Jeremiah fez que não.

— Sempre fui bom no pôquer, em domar cavalos selvagens. — Não se gabou. — O que há de honrado nisso?

— Ele dizia que todas as atenções sempre estavam voltadas para você...

— Bobagem... — Ele jogou o guardanapo sobre a mesa e se levantou.

Eva o seguiu.

— Eu lhe contei que ele tentou me matar? — Jerry se voltou para ela. — E Dawson salvou minha vida?

— Não.

Ele lhe contou como tudo ocorreu.

— Achei mesmo que ele fosse atirar em mim e, então, Dawson salvou minha vida. Foi tudo rápido demais. Eu me ajoelhei ao lado dele e ele morreu pedindo perdão — respirou fundo mantendo as emoções controladas. — Não sabia que havia uma competição entre nós — falou, revoltado. — Aliás, vejo que sou o último a saber muitas coisas.

Ela segurou a mão dele e deixou que o calor de ambos se enlaçasse. Sua mão era tão pequena e frágil perto da grande mão bronzada pelo sol da lida.

— Agora sabe de tudo. — Ela sorriu. — Acabou os mistérios.

Jerry levou a mão até seus lábios e a beijou com intensidade.

— A intenção é essa, não existir mais nenhum engano entre nós.

Os olhos azuis queimaram de desejo. Ela tremeu e ele sentiu, mantendo-a presa a ele. Não deixaria Eva fugir mais. Nunca mais. Estar com ela lhe fazia bem, mesmo que ela o tivesse enganado, fosse filha de Alan Joyce e a mulher mais teimosa e louca que conhecera. Nada o demoveria da necessidade de estar com ela, de tocá-la.

— Quero estar com você, Eva — confessou, simplesmente.

— Até alguns dias você me odiava! — recordou.

— Não pode me julgar. — Ele a segurou pelos ombros. — Você sabia tudo, inclusive o que seu pai fazia e não me contou! Como queria que eu reagisse?

— Não sei. — Ela se livrou das mãos dele. — Mas não suporto ter que lidar com sua indiferença.

Ela virou-se e caminhou para fora da sala.

Jeremiah praguejou. Por que tudo com Eva tinha que ser tão complicado? Por que ela simplesmente não cedia e se entregava a ele e pronto? Parecia que quanto mais ele insistia mais ela escorregava de suas mãos, deixando-o atormentado. Sabia que o certo era partir, mas seria um covarde se o fizesse. Era muito complicado entender aquela mulher!

Saiu pelo corredor e movido por sua determinação foi atrás dela.

Era tudo ou nada. Não era homem de esperar a vida jogar ao seu favor, ele dava as cartas e fazia acontecer. Abriu a porta do salão de música repleto das flores que ele lhe enviara, sabia que ela estaria ali.

— Não sou um homem acostumado a deixar para depois o que posso resolver agora! — disse enquanto caminhava ameaçador e ela andava para trás. — Ou você me quer, ou não. Porque eu quero você e...

Ele não conseguiu completar a frase. Eva cobriu o espaço que os separava e ficou na ponta dos pés para puxá-lo pela nuca e beijá-lo. Não queria raciocinar, tinha prometido a si que aquela noite seria a mais inesquecível de sua vida e não deixaria sua insegurança ou o seu passado estragarem tudo. Jerry correspondeu ao beijo e a abraçou.

— Tem certeza que é isso que quer, Eva? — Ele se afastou para perguntar.

— Sim — murmurou em resposta e voltaram a se beijar.

A determinação dela aguçou a necessidade de fazê-la sua. Os olhos azuis se fecharam e mergulharam naquela nova experiência, Eva precisava de Jeremiah, aquela noite seria dele. O beijo seguiu sólido, forte e apaixonado. Queriam estar juntos e ela o abraçou perdendo-se para sempre no amor que sentia por ele.

Ele a beijou como se fosse a primeira mulher que beijava, saboreando cada detalhe de seus lábios, sentindo da delicada língua contra a sua. Era tão intenso e verdadeiro, que ele não conteve o gemido ao estreitá-la em seus braços. Nunca pensou que se sentiria assim. Beijou-a e a arrastou consigo para o sofá. Fez com que ela soubesse o quanto ele a desejava, até vê-la ofegante, lutando para respirar. Afastou-se para encará-la, acariciar o rosto bonito, antes de voltar a beijá-la.

Ele fantasiou tantas vezes com ela e com aquele vestido que tentou se manter tranquilo e não se lançar com ele com a fome selvagem que o tomava. Passou a língua pelos lábios, enquanto projetava o corpo sobre o dela, beijou o delicado queixo, arrastou a boca pelo delicado pescoço, beijando-o com sofreguidão, fazendo-a arcar de desejo. Sorriu maldoso, cego pela paixão,

quando desceu mais um pouco e tomou o colo, antes de abrir os botões, um a um, enquanto beijava pele macia.

A grande mão afastou o tecido e revelou o seio entumecido, era melhor do que havia sonhado. Seus lábios desceram e lambeu o bico e ela gemeu perdida naquelas sensações que ele lhe despertava. Era um escândalo. Jeremiah tomou o delicioso bico entre os lábios e os sugou e Eva sentiu dificuldade em respirar. A fitou rapidamente, antes de passar para o outro e a visão dela com os olhos fechados, os lábios abertos, perdida nas sensações o fez ficar ereto, duro de forma insuportável.

Agora não conseguiria parar. Não mais. Havia passado dos limites de seu controle. Abriu mais alguns botões do vestido, beijando a barriga lisa. Eva se sentou para tirar as mangas do vestido e ele aproveitou para se desfazer da grossa jaqueta e da camisa. Voltou a beijá-la, as mãos segurando firmemente o seio pesado, passando o polegar pelos bicos duros. Eva o enlaçou pelo pescoço e aceitou as carícias como se sua vida dependesse disso.

O vão de suas pernas queimava e ela precisa de mais. As mãos hábeis de Jeremiah desceram pela coluna delicada e pararam no tecido do vestido preso a fina cintura. Com cuidado abriu mais alguns botões, sem deixar de beijá-la. Afastou-se apenas para erguê-la e tirar o resto do vestido e as roupas debaixo. Eva estava completamente nua e tampou o corpo com os braços da forma como podia, enquanto ele tirava as botas e a própria calça. Contudo, ainda não ficou nu, era a primeira vez de Eva e ele não queria que ela se chocasse com a visão de seu órgão sexual.

— Você é linda... — Ele sussurrou abrandando a timidez dela.

Eva tentou sorrir, mas não conseguiu. De repente, foi tomada pelo nervosismo e uma vontade insana de fugir.

— Você é tudo que sempre sonhei, Eva — confessou antes de beijá-la com ardor novamente, segurando os cabelos entre suas mãos, entrelaçando-os para beijar com mais intimidade, para fazê-la sentir o quanto ele a queria.

Aos poucos, ela foi cedendo e quanto notou voltou a abraçá-lo. Deixou que Jeremiah a deitasse sobre o tapete felpudo e então ele desceu os lábios por seu corpo, devorando-a. Ela ergueu os braços acima da cabeça e se permitiu sentir. Naquela noite era apenas os dois, o grande amor da sua vida, o homem a quem confiava todo seu ser. Não houve outro antes de Jeremiah e não haveria depois, tinha certeza disso.

Ele bebeu do corpo de Eva, lambeu os seios, mordeu-os, beijou a barriga lisa e encontrou o centro de suas delicadas pernas úmidos e quente. Beijou a

coxa macia, lambeu a virilha e a ouviu gemer alto. O suficiente para que incentivasse a seguir. O fato de ser o primeiro na vida de Eva despertou nele um desejo forte, separou as pernas e tocou-a com os dedos, sondando.

Ela mordeu os lábios para não gemer mais alto, e ele a tocou em um ponto tão sensível, que ela se encolheu, fechando as pernas. Não suportaria aquilo. Era intenso demais. Jeremiah deitou-se sobre ela e a beijou novamente, entretendo-a, para dar espaço a sua mão e tocá-la outra vez.

Eva tentou se encolher, mas o corpo pesado de Jeremiah a impedia. Ela agarrou os ombros fortes e os apertou com força. Ele moveu os dedos naquele ponto sensível e ela gemeu, sentindo o corpo queimar. Estava perdida quando ele começou a movimentar os dedos em círculos e ela abriu mais as pernas para deixá-lo tocá-la com aquela intimidade tão devassa.

Jeremiah a tocou vendo-a se entregar, até que o corpo delicado convulsionou debaixo dele e ela revirou os olhos, perdendo os sentidos por alguns segundos. Beijou-a, deixando-a mais ofegante, e antes que ela voltasse do torpor que a acometia, ele se colocou entre as pernas dela, abaixou sua roupa e a sondou, movendo-se contra a abertura, lentamente.

Eva ainda sentia o calor dos movimentos e ele voltou a fazê-los, deixando-a inebriada. Ele acabara de fazê-la sentir tudo aquilo e havia mais? Agarrou-se a ele no instante em que ele forçou a entrada e a invadiu. Um misto de dor e prazer a tomou. Ele se moveu dentro dela molhada e deliciosa e se perdeu. Segurou os quadris delicados e se moveu dentro dela, sentindo-a apertada, e não demorou muito para que seu corpo sucumbisse a necessidade de gozar dentro de Eva.

Jogou a cabeça para trás e gemeu o nome dela, quando seu corpo se libertou finalmente de todo aquele desejo que o atormentou por vários dias. Depois caiu sobre ela e a abraçou. Beijou-a ofegante, precisava daquela mulher como do ar para respirar. E jamais se apartaria dela, indubitavelmente. Suas vidas estavam entrelaçadas para sempre.

## Capítulo 11

Jeremiah beijou o ombro nu. Apenas as chamas da lareira brilhavam contra a pele deliciosa de Eva. Ela riu e virou-se para ele e acariciou o rosto bonito. Ele beijou a palma de sua mão e a brindou com o olhar cálido.

— Jurei que resistiria a você...

— Eu também, várias vezes. — Jerry sorriu. — Mas o orgulho me faz um tolo. Não resisto a você...

Eva sorriu ao ouvir aquilo e apoiou o queixo no peito largo.

— Onde tudo isso vai nos levar, Jeremiah?

— Já nos levou, Eva. Estamos juntos e ficaremos juntos até a morte.

Eva suspirou.

— Adorável. — Ele sussurrou antes de beijá-la.

— Pecaminoso, você quer dizer. — Ela o empurrou e corrigiu.

— Chame como quiser. — Ele a fez deitar-se novamente e a beijou com ardor. — Você é minha, Eva.

— Sua. — Ela suspirou e concordou passando as mãos pelos cabelos dourados. — Para sempre.

Ele não tinha dúvidas disso.

— Terei que ir à Dallas por alguns dias. — Ele aconchegou seu corpo morno ao dela e apoiou a cabeça na mão e o cotovelo no chão, enquanto acariciava o braço delicado. — Gostaria de ir comigo?

Ela estava deitada de costas e os cabelos esparramados pelo tapete felpudo marrom que emolduravam a beleza delicada. Jerry guardaria aquela imagem o resto de sua vida.

Eva o fitou, séria.

— Não acha que é precipitado demais que eu vá com você?

— Precipitado? — Ele franziu o cenho. — Mais do que já fomos? — questionou com bom humor.

— Meu pai acabou de morrer, Jerry. Eu deveria estar de luto e não me divertindo com você em Dallas, compreende?

— Não se estiver fazendo isso preocupada com que as pessoas irão pensar — argumentou. — Agora, se não se sentir à vontade por si mesma, entenderei.

— Por mim. Já basta a culpa que carrego por sua morte — falou, sincera.

— Tudo bem. — Ele concordou. — Então, eu irei e quando retornar, vamos para Shepherd.

Eva sabia o que isso significava.

— Quer mesmo que eu vá com você?

— Tem alguma dúvida? Quero você comigo, como minha esposa. — A mão dele segurou a dela com firmeza.

Eva se sentou e ele também.

— Sabe dos riscos de estar comigo?

— Riscos? — Ele não compreendeu.

— Sou filha de Alan Joyce e isso nunca vai mudar. Meu pai matou gente inocente, construiu sua fortuna na mentira, na trapaça. Ele fez mal à sua família.

— Pouco me importa o que dirão! — Ele a cortou. — Não me atenho a opinião dos outros, Eva. Aprenda isso sobre mim!

Ela se ergueu e pegou o vestido no chão para colocar diante do corpo e esconder a própria nudez.

— Pode prejudicar seus negócios!

— Faço outros negócios — tirou o vestido da mão dela e o jogou no chão. — O mundo é vasto, enorme. E sempre vai ter alguém precisando do dinheiro dos Clarkson — piscou para ela.

Ela riu, nervosa.

— Você é louco! Vai se prejudicar por minha causa?

As mãos dele seguraram seu rosto e a obrigaram a encará-lo.

— Eu avisei, Eva. — Ele a olhou dentro dos olhos. — Avisei que se ficasse comigo, seria para sempre.

Eva sentiu uma emoção profunda. Os dedos entrelaçaram os cachos dourados e ele a beijou fazendo-a compreender que não poderia viver sem ele. Jeremiah a arrastou até o sofá e a derrubou, caindo sobre ela.

Mergulhou a cabeça na delícia de seus seios, eram firmes e deliciosos e ele os saboreou como presente dos deuses. Eva deixou-se levar novamente, sentindo a boca dele contra a sua, as mãos que percorriam a extensão do corpo

feminino, com uma fome que apenas ele poderia saciar. Ela se abriu para recebê-lo e Jeremiah a penetrou, sem deixar de beijá-la, engolindo todos os gemidos dela.

Ela o enlaçou com as pernas e deixou que seu corpo seguisse o dele, hipnotizada pelo movimento contínuo dos fortes quadris.

— Jeremiah...

Ela pronunciou perdida na paixão que tomava seu corpo e ele aumentou os movimentos, fazendo com que ela atingisse o paraíso, ou talvez, mais além.

Relutantes, os amantes foram obrigados a se vestir. Logo, Marck chegaria e bastava o que os empregados fofocariam no dia seguinte. Jeremiah fechou a camisa e se aproximou de Eva para lhe roubar um beijo ardente. Sentia que podia fazer isso a vida toda que nunca se cansaria. Ela era sua mulher e seria sua esposa, a mãe de seus filhos e sua companheira até o fim dos seus dias.

— Não precisa ir agora. — Ela falou quando ele se afastou.

— Quer que eu fique? — perguntou, satisfeito por ela ansiar por sua companhia.

— Sim...

Ele riu. E pensar que naquela manhã, ela não queria vê-lo! Como as coisas mudavam. Jeremiah pegou a manta que cobria um dos sofás e, em silêncio, foram para a varanda. Sentaram-se no banco. Ela se aconchegou a ele e encostou a cabeça em seu ombro largo. A noite estava silenciosa e escura, sem lua. Uma coruja piou.

— Sabia que segundo a crença dos índios, o pio da coruja é um sinal. — Ele contou.

— E qual é o sinal?

— De que devemos tirar a roupa. — Ele brincou.

Ela riu.

— Sei. Muito esperta essa coruja, não é? — Ela ajeitou-se debaixo do cobertor. — Já pensou como sua família vai lidar com a minha chegada? — ergueu o olhar para ele.

— Eles não vão lidar com nada — respondeu, cortante. — Não me preocupa o que vão pensar ou dizer.

— Nunca se preocupa com nada? — perguntou, indignada.

— E você sempre se preocupa com tudo? — devolveu.

— Apenas o necessário. — Ela se defendeu.

— Eu me preocupo com o que fará alguma diferença em minha vida.

— Mas eles são sua família — argumentou.

Ele a segurou pelo queixo.

— Quando se casar comigo, seremos apenas você e eu. E nossos filhos. Vou continuar tendo irmãos, mas minha prioridade sempre será você!

Ela se sentiu abraçada pelo paraíso ao ouvir aquilo.

— Que ter muitos filhos?

— Quatro ou cinco — ponderou.

— É um número bom — concordou e moveu a cabeça. — Nunca pensei que seria assim.

— Assim como? Ter filhos?

— Não. — Ela o encarou e tomou coragem para dizer, com o coração aos saltos. — Amar você!

— Eva...

Ele a beijou e ela aceitou o beijo e relaxou em seus braços.

De repente, a vida era perfeita demais e ela não tentou se preocupar com isso. Pela primeira vez, decidiu aproveitar o que a vida lhe oferecia. Jeremiah era o homem que amava e nada mais importava. Ele se afastou para encará-la.

— Também a amo, Eva. Muito.

Ela sabia da importância daquela declaração para ele. Não conseguia imaginar Jeremiah falando isso para outra mulher. Não era do tipo dele expor os sentimentos de maneira tão fácil. Ela o beijou rapidamente e se aconchegou a ele outra vez. Jeremiah a abraçou e beijou seus cabelos, antes de apoiar o queixo em sua cabeça. Aos poucos a respiração dela foi ficando mais lenta, até que sentiu que ela havia adormecido.

Jerry a pegou nos braços e a levou para o quarto, e a colocou sobre a cama com cuidado e carinho. Puxou os cobertores e a cobriu. Quando se virou para sair ouviu a voz macia.

— Onde pensa que vai, cowboy?

Ele se voltou para ela e sorriu.

— Pensei que tivesse dormindo.

— Estava, mas senti falta do seu calor. — Ela empurrou o cobertor, ergueu-se e estendeu a mão. — Fique comigo.

Que homem resistiria a um pedido como aquele?



Jerry tirou o chapéu e jogou do outro lado do quarto, sem prestar atenção. Tirou a jaqueta e a deixou cair. E começou a caminhar em direção a Eva enquanto abria a própria camisa. O corpo de Eva queimou de desejo diante do olhar cobiçoso dele. Jeremiah tirou a camisa, expondo o tórax largo, bronzeado pelo sol da lida.

Parou diante de Eva e pegou a mão delicada e levou ao peito dele. Ela fitou a própria mão e sentiu as batidas do forte coração debaixo de seus dedos. Seu olhar subiu devagar até chegar aos lábios grossos, ligeiramente abertos e ofegantes. Ele a desejava. Ela subiu mais o olhar para aquele par de olhos azuis que eram a imensidão do céu.

Jerry a segurou pela nuca e tomou posse de sua boca com avidez e uma ânsia inexplicável de tê-la mais uma vez. Ele a empurrou contra a parede e esfregou seu corpo ao dela, fazendo-a sentir o poder que tinha sobre ele. Jerry afastou o vestido e beijou o ombro nu, para em seguida, abaixá-lo e tomar posse do seio. Eva gemeu ansiosa por mais. Beijou-a novamente e se esfregou nela, ansioso para possuí-la. Um som curto e áspero saiu dos lábios de Jeremiah quando todo o vestido caiu aos pés de Eva e ela o abraçou, colocando seu corpo nu ao dele.

A sensação era deliciosa, única. Enredou seus dedos nos cabelos para aprofundar o beijo até fazê-la ceder, querer mais e começar a apertá-lo, arranhá-lo. A mão masculina acariciou o centro de suas pernas e ela mordeu os ombros dele, antes de senti-lo segurar seus quadris e puxá-la para cima. Eva o abraçou com as pernas, ele a girou, caminhando em direção a cama para depositá-la.

Beijou-a como se suas almas se tocassem. Eva o ajudou a se livrar das calças, antes dele voltar para cima dela e possuí-la de uma vez, vibrante, forte, delicioso. Ela gemeu alto, e jogou a cabeça para trás. Jeremiah lambeu a curva do pescoço, os seios, o colo enquanto se movimentava sem parar. A cada estocada, o gemido de Eva aumentava e isso o enlouqueceu. Ele a apertou contra seu corpo quando atingiram o orgasmo e então a beijou, sedento por mais.

— Não posso viver sem isso, Eva. — Ele levou a mão ao seio. — Não posso e não quero.

## Capítulo 12

Eva sentia-se a mulher mais feliz do mundo. O que mais importava na vida se Jeremiah a amava? Ela não o viu partir, acordou perto da hora do almoço, imaginando que ele já deveria estar a caminho de Dallas. Já sentia saudades e soltou um longo suspiro, antes de se espreguiçar e sair da cama. Seu corpo tinha o cheiro dele, o prazer que compartilharam era intenso e verdadeiro. Nunca pensou que o amor podia ser tão pleno e forte. Ela amava Jeremiah Clarkson e tinha vontade de gritar isso para o mundo.

Riu de si mesma quando tropeçou no próprio vestido caído no chão. Pegou a peça e riu contra o tecido, sentindo-se a mulher mais sortuda do mundo. Havia encontrado o amor e não nos braços de qualquer homem e sim nos de Jeremiah. O homem mais fascinante, bonito e atraente que ela conhecera em toda sua vida.

Quando desceu, encontrou Marck sentado à mesa posta para o almoço, lendo o jornal que trazia como manchete a morte de Adam Palmer.

LÍDER DO BANDO DA MORTE É ASSASSINADO EM CRESCENTFALLS

— Bom dia. — Ela cumprimentou se sentando ao lado dele.

— Boa tarde. — Ele abaixou o jornal e a fitou com malícia. — Vejo que a noite não foi somente boa para mim.

— Não sei do que está falando — colocou o guardanapo no colo.

Ele se aproximou para murmurar:

— Eu estava entrando em meu quarto quando vi Clarkson saindo do seu.

Eva sentiu o rosto queimar de vergonha.

— Desculpe-me, Marck! Eu não queria desrespeitar sua casa! — lamentou.

— Fique tranquila. — Ele a tranquilizou. — Não desrespeitou em nada. Garanto que mesmo que meus pais estivessem em casa, não teriam notado. E se tivessem, fingiriam não ver. E nossos empregados são extremamente discretos. Eles ganham um bônus para manter a língua trancada dentro da boca. Simon os contrata a dedo, é impossível que o que houve aqui saia dessas paredes.

— Obrigada.

— Não me agradeça. É um prazer vê-la feliz. — Ele segurou a mão dela e a beijou com carinho. — Você merece depois de tudo o que passou. E posso saber onde o príncipe encantado se meteu?

— Foi para Dallas, tratar de negócios alguns dias... Assim que ele voltar, partiremos para Shepherd.

— Hum. — Ele bebeu suco e prosseguiu. — Não esperava outra coisa, visto que estavam perdidamente apaixonados um pelo outro. E por que não foi com ele?

— Para Dallas? — perguntou e ele assentiu. — Não achei prudente. Estou de luto pelo meu pai e é melhor que minha família não saiba de nada até que eu passe a assinar o sobrenome Clarckson.

— Acredita que eles fariam alguma coisa?

— Judson é o filho ressentido de meu pai — explicou. — Está com raiva de mim e pode sim fazer algo contra mim ou Jeremiah.

— Eu lhe farei companhia enquanto Clarckson não retorna. Até que a poeira abaixe é melhor tomar cuidado. — Marck aconselhou.

— Não sei como agradecer tudo que tem feito por mim.

— Preciso ir ao alfaiate encomendar roupas, poderia me acompanhar — convidou. — Assim não fica presa dentro desta casa e faz algo diferente. E soube que abriu uma nova loja de tecidos na cidade.

— Amo loja de tecidos. — Ela sorriu.

— Então, minha cara futura senhora Clarckson, vamos passar o dia fora.

Não demoraram muito em sair. Eva optou pelo vestido de luto em respeito ao seu pai. Acabou acompanhando Marck ao alfaiate e descobriu que um homem podia ser mais exigente com suas roupas do que uma mulher. Passaram pela porta de um modista e ela não se conteve e acabou comprando um lindo vestido para o dia de seu casamento. Pagou o dobro para que ele fosse entregue no prazo de três dias. Seria uma surpresa para o próprio Jeremiah quando ela usasse aquele vestido.

— Não conte para Jeremiah. — Ela pediu. — Vou fazer uma surpresa para ele.

— Clarckson é um homem sortudo e deve agradecer aos céus por ter uma mulher como você...

— Não exagere.

— Você comprou tecidos para uma vida toda. — Ele comentou enquanto

entravam no coche cercados de sacolas.

— Agora que aprendi a costurar, tomei gosto pela coisa. Andei até desenhando uns vestidos! — confidenciou.

— Logo será uma modista, e poderá ter seu próprio negócio.

— Não pensei nisso.

— Mas tem que pensar. Você é uma garota da cidade, vai ficar entediada o dia todo trancada em uma fazenda. Logo vai querer fazer algo diferente e pode ter sua própria loja e costurar para as damas da região.

Ela não havia pensado sobre o assunto. As coisas aconteceram tão depressa entre ela e Jeremiah, que não parou para pensar em sua vida em Shepherd. Não acreditava que se entediaria assim tão fácil, mas o plano de ter uma loja de vestido não lhe parecia estranha ou ruim. Ao contrário, lhe dava grande satisfação.

Encontraram com Richard no Clube de Cavalheiros de Austin e se sentaram para tomar um café. O restaurante ficava aberto durante o dia para que todos os cidadãos de bem, de Austin, pudessem frequentar.

— Pelo visto o dia de vocês foi produtivo. — Richard comentou.

— Foi sim. Preciso apenas encomendar uma máquina de costura e pedir que entreguem em Shepherd.

Richard franziu o cenho.

— Por que em Shepherd? — Ele quis saber com um sorriso, malicioso.

Eva olhou para Marck.

— Ela e Clarckson se acertaram. — Marck se adiantou.

— Meus parabéns! — Richard disse, orgulhoso. — Fico muito feliz que tudo tenha dado certo entre vocês!

— Eu também — sorriu, tímida. — Mas estamos mantendo segredo até que tudo se realize, por causa de minha família.

— Claro. — Richard concordou. — A situação é muito delicada, neste momento.

— Sim. Você conhece Judson e ele está furioso comigo e vai ficar muito mais quando descobrir que me tornarei a senhora Clarckson.

— Marck Andrews! Aí está você!

A voz feminina e alegre os interrompeu e Marck olhou para a linda jovem de cabelos escuros e vestido impecável verde, conforme a moda.

— Laura Stewart. — Marck levantou-se para cumprimentá-la. Tomou a mão da jovem e a beijou, rapidamente. — Conhece meus amigos Richard e Eva?

A jovem muito simpática olhou para eles com doçura. Eva não a conhecia, mas ouvira falar muito bem dela. Laura era a filha do governador e uma moça muito querida pelos que a cercavam. Claro que Laura os conhecia. E sabia que senhorita Joyce estava com a honra manchada por ter fugido de casa há mais de um ano. Contudo, Laura não se importava com essas convenções, acreditava que Eva fez aquilo que precisava fazer e fugir de um casamento indesejado.

Não que fosse certo, mas talvez Laura fizesse o mesmo em seu lugar.

— Como vai, Eva? — Ela se aproximou hesitante. — Sinto muito por seu pai.

— Obrigada.

— Olá, Richard. — Ela sorriu para ele. — Como está Madeleine?

— Muito bem.

— Mande-lhe lembranças. — Ela se voltou para Marck.

— Não quer se sentar conosco? — Marck convidou.

— Agradeço sua gentileza, mas tenho muitas coisas para fazer. — Ela sorriu, feliz. — Aproveitei que o vi e vim lhe fazer o convite para a festa. — Ela olhou para todos. — Claro que estou enviando convite para todos com urgência, mas eu precisava falar com você pessoalmente. Estou muito ansiosa!

Eva sorriu diante da felicidade da moça e olhou para Richard que também sorria.

— E que festa será essa? — Marck perguntou, gentil.

— É minha festa de noivado! E será daqui três dias!

— E podemos saber quem é o noivo da filha do governador? — Marck inquiriu, galante.

— Jeremiah Clarckson! — respondeu rindo e entusiasmada. — Acredito que você o conheça!

O sorriso desapareceu do rosto de Eva. Marck olhou para Eva, tenso e voltou-se para Laura, forçando um sorriso.

— Claro que eu o conheço. — A voz de Marck soou engasgada. — É o fazendeiro, dono de Shepherd.

— Ele mesmo!

Sabia que Laura não estava mentindo e nem fora à mesa dele de propósito. Ela sempre fizera isso com Marck quando o encontrava e estava prestes a dar uma festa. E ela não poderia saber sobre a noite que Eva passara com Jeremiah. A não ser que ele tivesse contado, o que Marck duvidava.

— E desde quando estão comprometidos? Nunca soube de nada!

— Há alguns meses ele vem me cortejando — contou olhando para todos sem notar a expressão de angústia de Eva. — Mas Jeremiah é muito discreto, não gosta de se expor.

Eva não precisava ouvir mais nada. A filha do governador não faria uma festa de noivado se não tivesse um real motivo para isso.

— Você está bem, Eva? — Richard perguntou preocupado ao vê-la ficar pálida.

— Acredito que o bolo não me fez bem — desculpou-se.

Sentia-se nauseada com aquilo tudo. Mal conseguia respirar, queria chorar e gritar até sua voz desaparecer. Como ele pôde fazer isso com ela?

— Espero que esteja bem para a minha festa. — Laura falava sem notar o mal-estar que causara. — Quero muito que Marck vá. As festas de Austin apenas são perfeitas quando você está presente.

— Eu irei. — Marck assegurou.

— Perfeito! — Laura sorriu mais uma vez. — Mandarei os convites para sua casa, hoje mesmo. Foi um prazer revê-lo!

Quando a moça se afastou para voltar à mesa que ocupava com outras pessoas, Eva teve certeza que não fora proposital. Olhou para a garota inocente e apaixonada, a mulher certa para ser a esposa de Jeremiah e seu peito sangrou. Por que ele mentira para ela? Por quê?

— Vamos embora! — Ela murmurou e se levantou.

Richard se apressou para ampará-la. Nenhum dos dois disse uma palavra até chegarem a casa dos Andrews. Eles se entreolharam enquanto Eva entrava pela casa de forma automática e subia as escadas em direção ao quarto.

— Eva, querida...

Ela parou no degrau e o fitou.

— Não diga nada, Marck — pediu. — Não há equívoco, você ouviu tudo.

Marck respeitou a dor de sua amiga. Era óbvio que Jeremiah a enganara da pior forma possível. Aquele cowboy arrogante mentiu covardemente, e ainda

feriu a honra de Eva.

Eva entrou no quarto, seu corpo todo doía. Tirou as luvas e andou de um lado para o outro, tentando entender o que acontecera. Jeremiah a enganou e a usou como bem queria e com o consentimento dela. A dor era tão forte que ela precisou se dobrar enquanto as teimosas lágrimas corriam por seu rosto. Não conteve o soluço e mordeu a mão para não gritar de ódio.

Por que ele fizera isso?

Céus! Ele disse que a amava. Ela se entregou a ele! Enquanto ela agia com sinceridade, ele a usava, estava comprometido com outra moça! Céus! Essa dor era a pior de todas. Nunca pensou que poderia doer tanto.

Ele a havia usado para se vingar do que seu pai causara aos Clarkson, era isso. Apenas isso.



Na manhã seguinte, quando Marck acordou, Simon lhe entregou um envelope.

— O que é isso?

— A senhorita Joyce deixou antes de partir.

— Eva? — Ele ajeitou o roupão enquanto saía da cama. — Por que ela não me entregou pessoalmente?

— Partiu muito cedo, senhor, antes do sol nascer. Ela deixou o palacete antes que os empregados se levantassem. Encontrei esta carta em seu quarto.

— E por que não me avisou logo cedo, homem?

— Eu tentei, senhor, mas a porta de seu quarto estava trancada.

Estava mesmo. Afinal, Richard passara a noite com ele.

— Tudo bem — murmurou abrindo o envelope com raiva e Simon se retirou.

*Querido Marck,*

*Perdoe-me por partir assim de forma repentina, mas sei que de outro modo você não me deixaria ir. É necessário que eu me vá, preciso ficar longe. Espero que compreenda e me desculpe. A dor é mais forte do que eu possa*

*sequer conceber e ter palavras para explicar. Quando as coisas se acalmarem, entrarei em contato. Obrigada por tudo. E não se preocupe, ficarei bem. Não há nada que o tempo não cure.*

*Com carinho,*

*Eva Joyce.*

Ele praguejou. Não podia culpá-la. Jeremiah destruíra a vida de Eva no momento em que ela mais precisava dele. Quando o encontrasse teriam uma conversa de homem para homem.



## Capítulo 13

Jeremiah chegou ao hotel, cansado da viagem. Tentara diminuir sua estadia em Dallas, mas acabou ficando o necessário. Mal havia entrado em seu quarto quando o mensageiro lhe trouxe um bilhete do governador.

*Preciso falar com você com extrema urgência.*

*Venha o mais depressa que puder, sua visita decidirá o futuro de muitos.*

*Phillip.*

Reconheceu a caligrafia como sendo do governador e praguejou, irritado. Já era noite e a única coisa que precisava era de descanso e encontrar Eva. Não havia parado de pensar nela um instante sequer e sentia sua falta. Não queria falar com ninguém além de Eva. O que será que esse homem poderia querer de tão urgente com ele? Futuros de muitos? O que ele queria dizer com isso?

Iria falar com o governador e depois seguiria para a casa de Marck Andrews, onde Eva estava hospedada. Dirigiu-se para lá e se surpreendeu ao ver a casa cheia de veículos e cavalos à porta. Era óbvio que o governador estava dando uma festa, e ele não estava sociável o suficiente para participar de uma. Com o humor péssimo, deixou seu cavalo com o empregado da casa e ajeitou seu chapéu antes de entrar na mansão.

Cumprimentou alguns conhecidos, pegou um copo de uísque da bandeja do empregado parado à porta do salão e tomou para refrescar sua irritação. Aquele burburinho e falatório fazia doer sua cabeça. De repente, Laura surgiu diante dele, com seu vestido de festa, sorrindo como uma princesa diante da coroa. Então se lembrou que o governador o havia convidado para uma festa, dias antes. Como foi esquecer? Não teria ido se tivesse se recordado.

— Você finalmente chegou!

— Finalmente? — perguntou, impaciente. — Onde está seu pai, Laura?

— Por um instante, cheguei a pensar que não viria... — falou, aliviada.  
— Meu pai também estava ansioso com sua chegada.

Ele franziu o cenho, no mesmo instante em que ela segurou seu braço e o puxou para o meio daquela gente. Sabia que Laura sempre acreditaria que qualquer visita feita por ele, era uma tentativa de conquistá-la. Mas não era.

Desde que Eva surgira em sua vida, todas as outras mulheres que conhecera perderam totalmente a graça. E Laura era a principal delas.

Nunca tiveram nada sério, a não ser alguns flertes inocentes, mas Phillip encarava isso como um compromisso. Contudo, quando notou isso, Jeremiah passou apenas a ser educado, evitando a moça de qualquer forma, mesmo sob a insistência do pai que ele a visitasse.

Contudo, aquela gente, todo o excesso de soberba o entediava. Queria estar com Eva, no aconchego de Shepherd. Respirou impaciente e se soltou da mão possessiva de Laura. Ela se voltou para ele, confusa.

— O que foi? — Ela quis saber, preocupada.

— Não vim para a festa, Laura — explicou. — Estou cansado da viagem. Quero falar com seu pai e retornar ao hotel.

Laura olhou para os lados, constrangida. Algumas pessoas ouviram as palavras de Jeremiah. Aproximou-se dele e murmurou:

— É uma festa para você, meu querido. — Ela segurou na casaca dele. — Para nós!

Ele não teve tempo de retrucar, embora sua expressão deixasse claro que havia detestado a surpresa. Phillip se aproximou e bateu nas costas dele e então pediu que fizessem silêncio no salão. Todos se voltaram para o governador, ansiosos por aquele momento.

— Meus amigos! — Phillip falou em voz alta ajeitando a barba branca, com seu sorriso largo. — Nosso convidado de honra chegou. E imagino que esteja ansioso para fazer o pedido.

Jerry olhou ao redor e compreendeu tudo. Phillip queria forçá-lo a pedir Laura em casamento, já que ele se recusara a fazer isso anteriormente. Então, preparou todo aquele circo para constranger Jeremiah e obrigá-lo a ser educado e se enforcar com aquela situação.

Jeremiah desviou o olhar de Phillip para Laura, que aguardava ansiosa o desfecho. Caso fizesse o pedido, estaria preso a um compromisso indesejado. E se não o fizesse, Laura seria humilhada diante de toda a alta sociedade de Austin e seria motivo de piada por um longo tempo. Voltou o olhar frio e carregado de desprezo para o governador. Se havia algo na vida que ele detestava era ser manipulado e pensarem que era um idiota. Afastou o casaco e colocou as mãos nos quadris, como costumava fazer quando estava no limite de sua razão. O silêncio dele provocou burburinhos.

— Não seja tímido, rapaz. — Phillip pediu, constrangido. — Faça logo o

pedido.

Ele não ia fazer pedido algum. Apenas queria terminar com aquilo da forma menos constrangedora para Laura.

— Jeremiah? — Laura insistiu começando a entrar em pânico.

— Nós sabemos que comprou o anel! — Phillip disse em voz alta e todos riram.

Jeremiah não sorriu. Comprara o anel pensando em Eva. Para dar a ela quando retornasse e fizesse o pedido oficial de casamento. Como puderam vigiá-lo a ponto de saberem sobre isso?

Uma brusca movimentação em meio aos convidados chamou sua atenção. Alguém havia esbarrado no garçom e derrubado tudo. Jerry reconheceu os cabelos loiros se afastando em direção a saída.

— Eva...

Ele pronunciou e saiu atrás dela, empurrando as pessoas, sem se importar com o olhar estupefato do governador e da filha que correu do salão aos prantos, em direção oposta. Jeremiah saiu para o corredor da casa e a perdeu de vista. Andou para a saída e viu quando ela pegou o casaco e saiu da casa para o jardim.

— Eva! — Ele a chamou, mas ela correu e entrou no coche.

Enquanto a seguia, imaginou que ela estivesse furiosa com ele. Eva deveria estar pensando que ele a enganara. Com aquele circo montado, qualquer um pensaria dessa forma e não podia culpá-la. Correu atrás do veículo, mas ele seguiu para fora da propriedade, ele voltou correndo e montou o primeiro cavalo que viu, saltando sobre o animal com perícia de um cavaleiro.

Quando finalmente alcançou o veículo, olhou pela janela e não era Eva.

— Desculpe-me — pediu ao ouvir a mulher gritar.

Olhou ao redor e viu outro veículo a frente e depois outro. Não podia ficar abrindo todas as janelas para conferir em qual Eva estava. Decidido, ele se dirigiu para a propriedade de Marck Andrews, onde Eva estava hospedada e seria mais fácil esperá-la.

Simon atendeu a porta e ele entrou procurando por ela, chamando seu nome.

— Ela não está! — A voz de Marck soou fria do alto da escada.

Começou a descê-la, enquanto Jeremiah aguardava. Marck estava de roupão e segurava um copo com uísque nas mãos. Pensou em dar um soco no rosto de Clarckson, mas não era o tipo de homem que gostava de brigas e sabia

que o cowboy o mataria facilmente, por isso, preferiu agir com frieza.

— Quer uma bebida? — ofereceu. — Você vai precisar de uma.

— Vou esperar por Eva se não se importar. — Jerry o seguiu até o móvel com bebidas.

Marck encheu o copo dele e deu outro para Jeremiah.

— Pode esperar — concordou. — Mas vai perder seu precioso tempo — atravessou a sala e abriu uma gaveta, pegou o bilhete que Eva lhe escreva e entregou a Jeremiah. — Leia — pediu.

Jeremiah pegou o papel e o abriu. Seus olhos ficaram estreitos e ele acabou amassando o papel.

— O que significa isso?

Marck se jogou no sofá e cruzou as pernas.

— A farsa acabou, garanhão — explicou, displicente. — Eva soube sobre seu noivado com Laura Stewart.

— Não há farsa ou noivado! — esbravejou andando de um lado para o outro, concluindo a armadilha que havia caído.

— Não é o que as pessoas da festa pensam...

Jeremiah soltou um palavrão.

— Essa maldita festa! Por isso Eva estava lá. — Ele fez que não. — Laura a convidou!

— Eva foi à festa? — Marck perguntou, surpreso.

— Sim, eu a vi e ela desapareceu, não me deixou falar ou explicar. — Ele olhou para Marck. — Você não sabia que ela havia ido?

— Não! Ela deixou esta casa assim que descobriu sobre seu noivado! — pensou por alguns segundos. — Eva deve ter ido para ter certeza que você a tinha enganado!

E agora, não havia dúvidas, dadas às circunstâncias.

— Merda! — Jeremiah esbravejou. — Nunca tive intenção de pedir Laura em casamento.

— Está me dizendo que o governador deixou a filha fazer uma festa de noivado sem que você a pedisse em casamento antes?

— Sim — respondeu sem hesitar e Marck acreditou nele.

— Mas por que motivo ele faria isso?

— Não sei. — Jeremiah falou, nervoso. — O que sei é que Eva estava lá

e entendeu tudo errado. Eles montaram a festa e eu apareci, pensando ser um assunto urgente.

— Pobre Eva! Ela deve estar arrasada! Pensando que você a abandonou.

Jeremiah tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos, nervoso.

— Tenho que encontrá-la! — decidiu.

— Nervoso como está, não vai conseguir!

— Faz ideia de onde ela possa estar? — Ele ignorou o conselho de Marck.

— Não, infelizmente, ela não me deu qualquer pista para onde iria — falou, sincero. — E não acredito que ela procuraria pela mãe.

— Por quê?

— Norma Joyce mora com Judson. Eva não iria atrás dela.

Jeremiah assentiu e fez menção de sair, mas Marck o chamou de volta:

— Antes que se vá, tenho que lhe entregar uma coisa.

Ele seguiu Marck até a outra sala. Marck lhe apontou uma grande caixa branca.

— O que é isso? — Jerry perguntou e abriu a caixa. Ele afastou o papel de seda e tocou o tecido de cetim do vestido verde.

— O vestido de casamento que ela escolheu para quando chegassem a Shepherd — contou e Jeremiah olhou para ele impassível. — Ela o encomendou no dia seguinte a sua partida, antes de saber sobre o noivado.

Jeremiah fechou a caixa e a pegou.

— Farei o vestido chegar a ela. Obrigado. — E estendeu a mão.

Marck apertou a mão dele.

— Cuide de Eva — pediu — Ela precisa de você.

Jeremiah assentiu e saiu a passos largos.

Encontraria Eva nem que fosse no meio do inferno.

## Capítulo 14

Eva estava arrasada. Jamais se esqueceria daquela cena horrível. Durante longos dois dias, ela disse a si mesma que tudo não passara de um grande engano e que Jeremiah jamais poderia ter traído sua confiança. Entretanto, naquela noite, tomou coragem e foi à festa, na casa do governador. Embora não tivesse o convite, sabia que seu nome estaria na lista. Manteve-se à margem dos convidados, tentando se fazer invisível, mas sentia alguns olhares sobre ela, afinal, não estava usando seu luto como deveria ser. Sabia que seria o comentário do dia seguinte, ainda mais por estar sozinha.

Preferiu não avisar Marck, não queria envolver seu amigo em seus problemas mais ainda. Em um primeiro momento da festa, seu coração transbordou de esperança quando notou que os convidados começavam a notar a demora do noivo e suspeitaram que ele não viria. Chegou a sentir pena de Laura, ao vê-la aflita, quase chorando diante de todos.

Eva já estava pronta para partir, quando viu Jeremiah entrar ao salão carregado por Laura, segurando um copo de uísque nas mãos, de forma displicente. O resto da situação foi degradante para Eva e a fez ter certeza que Jeremiah apenas a levou para a cama a fim de se vingar por ela ter mentido para ele. Não havia outra explicação.

Vê-lo ao lado de Laura e do governador foi como uma facada em seu peito. Quando o governador anunciou que todos sabiam que ele havia comprado as alianças e era hora de fazer o pedido, ela fugiu da festa, desesperada.

Jeremiah nunca lhe fizera o pedido. Apenas disse vagamente que a queria como esposa e a levaria para Shepherd quando voltasse de Dallas, naquela noite. Estava tão cega pela paixão e amor que ele lhe despertara que não enxergou a verdade. A certeza que ele a usou caiu sobre ela como um raio e desfez seu coração em mil pedaços.

Sentada dentro da cabine do trem, tinha certeza que nunca mais voltaria ao Texas. Pegaria outro trem em Dallas e de lá sumiria no mundo, em busca de um lugar pacato onde o nome dos Joyce ou dos Clarckson não chegasse. O trem se colocou em movimento e ela deixou as lágrimas caírem, estava dizendo adeus para seu passado e toda a ilusão de que poderia ser feliz.

A porta da cabine foi aberta e um homem bem trajado entrou. Eva o fitou

rapidamente e segurou com firmeza sua bolsa. Ele colocou a mala no pequeno compartimento acima de seu banco, e sentou-se de frente para Eva.

— Com licença. — Ele disse antes de se sentar.

— Toda. — Ela respondeu.

Eva respirou fundo e olhou pela janela. A noite estava escura e era a última viagem de trem. Por sorte havia conseguido a passagem, do contrário, apenas na manhã seguinte e o risco de que a vissem era grande. Não queria ser encontrada.

— Boa noite. — O homem lhe cumprimentou.

— Boa noite — respondeu e o fitou.

Era um homem franzino, do tipo inofensivo, Eva concluiu. Não havia problema em falar com ele.

— Meu nome é Flint Fowler. — Ele se apresentou e estendeu a mão.

Eva olhou para a mão estendida e forçou um sorriso.

— Eva Joyce — apertou a mão dele.

— Nunca viajei à noite — contou. — E estou ansioso.

— Entendo. — Ela acreditava que viajar de noite ou de dia não fazia muita diferença.

— Está viajando sozinha? — Ele quis saber.

O sinal de alerta refletiu em sua cabeça.

— Não. Estou com meu irmão, ele foi falar com um dos funcionários — explicou.

— Claro. Estou viajando sozinho.

Ela sentia que ele estava nervoso e uma mancha de suor começava a espalhar debaixo do braço dele, no casaco bege. Por que ele estaria tão nervoso com uma simples viagem?

— É a primeira vez que viaja de trem? — Eva o questionou.

— Sim. — Ele abriu a gola da camisa. — É um pouco pequeno aqui dentro. Não podemos abrir a janela?

— Melhor não — fez que não. — O vento noturno é muito frio.

— Claro. — Ele assentiu, nervoso.

— Mas os trens são seguros. — Ela tentou acalmá-lo. — Não há o que temer.

— Soube que um trem descarrilhou na Califórnia e todos morreram —

engoliu em seco.

— Oh! Acidentes acontecem, mas não deveria se preocupar.

De repente, Flint sentou-se ao lado de Eva sem a menor cerimônia.

— Poderia segurar a minha mão?

— O quê?

Ele pegou a mão dela e segurou com força.

— Estou com muito medo. — Ele estava prestes a chorar.

Eva tentou se livrar da mão dele, mas em vão.

— Senhor... É melhor se afastar...

— Por favor, me ajude, estou com medo!

— Tire as mãos da minha mulher! — A voz autoritária soou como um trovão.

Eva ergueu os olhos lentamente e achou que fosse morrer.

Jeremiah abriu a porta da cabine e viu aquela cena deplorável. Um frango parvo segurando a mão de Eva de forma possessiva. Eva tremeu e encolheu a mão quando o senhor Fowler a soltou, como se estivesse fazendo algo errado. O homem ficou mais nervoso ao fitar o cowboy de olhar selvagem parado à porta.

— A senhorita o conhece? — A voz de Fowler tremeu. — Ele é o seu irmão?

— Não faço ideia de quem ele seja — falou brava sem tirar os olhos de Jeremiah.

Jeremiah entrou na cabine. Estava mais lindo do que nunca em sua fúria e ciúme.

— O senhor deve estar me confundindo com alguma garota tola que conheceu. — Ela cruzou os braços, e o enfrentou.

O cowboy sabia que ela possuía todos os motivos para estar brava com ele, por isso, precisava ser paciente. Olhou para o desconhecido:

— Saia dessa cabine, agora! — ordenou.

Flint olhou de um para o outro.

— Desculpe-me, senhor, mas eu não o conheço. Meu nome é Flint Fowler e comprei um lugar nessa cabine.

Os olhos frios de Jeremiah caíram sobre o rapaz.

— Sou Jeremiah Clarkson e quero que saia da cabine! — Ele tirou uma nota de cinquenta dólares do bolso e jogou sobre o colo de Flint. — Pode



comprar um lugar no inferno se quiser!

Flint tremia. Pegou o dinheiro, sua mala e saiu da cabine. Jeremiah fechou a porta e se voltou para Eva.

— Não precisava ter falado com o rapaz dessa forma! — Ela o reprovou.

Jerry se aproximou, impassível.

— Aquele frango estava segurando sua mão! — acusou, ofendido. — Teve sorte de não ter atirado nele!

— Você não faria isso! — indignou-se.

— Ninguém toca no que é meu! — alegou, enciumado.

Ela abriu a boca, chocada. Era como se nada tivesse acontecido e ela não o tivesse visto pedindo outra mulher em casamento! Aquele homem era louco!

— Não sou sua! — Ela se ergueu com o dedo em riste. — Nem sua mulher!

— Mas vai ser!

— Não vou. Não quero você ou falar com você. Fui clara?

Ele tentou segurá-la, mas Eva foi mais rápida e lhe deu uma joelhada no meio das pernas.

— Céus! — Ele se curvou, ficando vermelho, as veias saltando em seu pescoço.

— Oh! — Ela ficou com medo de ter exagerado.

Ele se sentou e recuperou o fôlego.

— Se quer me matar, dê um tiro! — pediu com a voz estrangulada.

— É o que eu deveria fazer! — cruzou os braços fingindo não ligar para a dor que lhe causara. — O que faz aqui?

— Não é óbvio? — Respirou fundo.

— Você não pode vir aqui, atrás de mim, como se nada tivesse acontecido! Como me encontrou?

Ele sabia que a verdade poderia fazê-la odiá-lo ainda mais. Entretanto, ele nunca havia mentido para ela e não começaria agora.

— Coloquei a polícia atrás de você — contou.

Eva arregalou os olhos.

— Como?

— Desde o momento em que você deixou a festa, a polícia a procurou

para mim, e a encontraram.

Ela afastou-se para o outro lado da cabine e voltou-se para ele, irritada.

— Que tipo de homem é você? — Ela se alterou. — Por que está fazendo isso comigo?

Ele se ergueu, alto, imponente e foi se aproximando dela, a respiração alterada.

— Eu odeio você, Jeremiah Clarckson! Desde que entrou em minha vida tudo se converteu em um inferno. — Lágrimas teimosas rolaram por seu rosto. Eva tinha raiva por nunca conseguir segurar esse seu lado emotivo. — Não pode vir atrás de mim como se eu pertencesse a você!

A voz dela desafinou no final da frase e Jeremiah começou a rir.

— Pare de rir! — Ela gritou, descontrolada.

Ele não conseguia deixar de achar graça ao vê-la tão nervosa. Eva tinha uma facilidade para ficar descabelada e fora de si, fascinantes. Ele gostava disso e estava aliviado por tê-la encontrado.

— Quando voltarmos para Austin... — Ele começou a falar.

— Não vou voltar com você! Não vou a lugar algum, entendeu?

Ele colocou as mãos nos quadris.

— E o que vai fazer?

— Vou embora para um lugar onde eu nunca mais ouça o seu nome! Irei para bem longe e jamais voltarei!

Jeremiah perdeu o sorriso. Não permitiria que Eva partisse para longe dele.

— Nunca vou consentir isso, Eva.

— Você não pode me coagir!

— Já a obriguei, Eva! — Ele a cortou. — Você vai voltar comigo, gostando ou não da ideia.

— Não vou ser sua amante! Não vou ser aquela mulher que vai manter isolada em sua propriedade e que visita quando não está com sua perfeita esposa! Você é um bastardo!

Eva estava descontrolada. Ele a puxou para um beijo a fim de silenciá-la. Ela estava com ódio dele e não seriam palavras que iriam deixá-la mais calma. Além disso, queria beijá-la, durante horas tensas a procurou por toda Austin, desesperado em encontrá-la, temendo que o pior acontecesse, que talvez o irmão

a encontrasse ou que alguém fizesse mal a ela. Jerry jamais se perdoaria. O beijo foi carregado de desejo e angústia e ele se afastou tão depressa quanto a tomou nos braços.

— Nunca mais me chame de bastardo! — A voz dele soou sombria.

Jerry a empurrou para o banco e sentou-se de frente para ela. Eva calou-se ainda sentindo os lábios queimando com o sabor delicioso de Jeremiah. Havia se descontrolado e perdera a cabeça, o que não era do seu feitio. Ficar perto daquele homem a deixava fora de si.

Prometeu que não falaria com ele o resto da viagem. Sabia que tentar sair daquela cabine estava fora de cogitação, ele a seguiria. Quando chegasse a Dallas fugiria dele e daria um jeito em tudo. Apenas naquele instante, ela notou que a tapeçaria da cabine era coberta de couro marrom e contrastava com a camisa vermelha que ele usava. Jeremiah ficava bonito de vermelho, aliás, ela se perguntou quando ele não estava bonito.

De repente, o trem freou e Eva foi jogada para cima de Jeremiah. Ele a segurou entre os braços, ainda excitado pelo beijo e a fitou com aquele olhar morno que a derretia. O gosto dos lábios dela ainda estavam nos seus e ao sentir o hálito quente contra o seu, quis beijá-la mais uma vez e perder-se naquele corpo que o fazia esquecer até mesmo quem era.

— Não era para o trem estar parando. — Ele falou e franziu o cenho. — Não temos mais que vinte minutos de viagem.

— O que foi? — perguntou, preocupada.

Relutante, ele a colocou de volta sentada no sofá enquanto olhava pela janela. Estavam no meio do nada e o breu os cercava.

— Pode ser um assalto! — concluiu.

— O que vai fazer?

Ele a fitou. A única coisa que conseguia pensar era que precisava protegê-la.

Jeremiah afastou o casaco e olhou suas duas pistolas na cintura.

— Vou nos defender — respondeu, decidido.

Ela se ergueu e ficou diante dele. E se Jeremiah levasse um tiro? Ela jamais se perdoaria.

— Tome cuidado! — disse, aflita.

Ele acariciou o braço dela e a fitou com carinho antes de sair e fechar a porta. Encontrou um dos funcionários do trem que vinha ao corredor, também

segurava um rifle.

— O que está havendo? — Jerry quis saber.

— São assaltantes! — O rapaz respondeu tremendo.

Jeremiah olhou para a arma e para as mãos do rapaz. Ele ia se machucar com aquilo. Pegou a arma dele e verificou se a munição estava cheia: quatro tiros.

— Há algo de valor no trem? — Jerry quis saber.

— Não. Estão procurando por uma moça pelo pouco que vi...

— Em quantos estão?

— Cinco homens — engoliu em seco.

— É melhor se esconder — aconselhou.

— Sim, senhor. — O rapaz não hesitou em obedecer.

Jeremiah sentia aquela velha coceira atrás da orelha. Quando o perigo era eminente. O seu vagão era o último, portanto, os assaltantes levariam algum tempo para chegar e ele poderia surpreendê-los. As pessoas começaram a sair de suas cabines.

— Voltem para suas cabines! — Jeremiah ordenou. — Se tranquem e não saiam!

As portas foram sendo fechadas uma a uma. Voltou para sua cabine e encontrou Eva andando de um lado para o outro. Ele pegou uma pistola e entregou a ela.

— Caso alguém abrir essa porta, atire. — Ele mandou. — Entendeu?

— Sim.

Ela mal conseguia pegar a arma. Jerry lhe deu um beijo rápido nos lábios e se foi. Atravessou o vagão para o outro e se deparou com um dos assaltantes. O criminoso apontou a arma para a cabeça de uma senhora que estava sentada no vagão mais simples. Jeremiah atirou na cabeça do homem sem piedade, jogando-a no chão. Os passageiros começaram a gritar e ele sabia que atrairia a atenção dos outros. E aguardou com o rifle em punho enquanto as pessoas se escondiam atrás dos bancos.

O segundo criminoso surgiu e ao abrir a porta do vagão, Jeremiah atirou bem no meio do peito dele, fazendo-o cair para fora do trem. Agora faltavam três.

— Fiquem calmos. — Jeremiah mandou. — E não saiam de seus lugares.

Com cuidado, ele passou para o vagão seguinte. O tiro pegou em seu chapéu, jogando-o longe.

— Merda! — praguejou.

— Largue a arma ou eu atiro! — O assaltante segurava uma garotinha pelos cabelos e apontava a arma para a cabeça da vítima.

Havia duas coisas que Jeremiah odiava na vida: covardes e covardes que ameaçavam inocentes.

— Calma, amigo. — Jeremiah disse se abaixando para colocar a arma no chão.

Sacou seu revólver e atirou no homem duas vezes e ele caiu. A menina correu para os braços da mãe gritando, desesperada.

Ele ouviu um tiro e o grito estridente e sua nuca arrepiou.

— Eva!

Voltou correndo e encontrou o homem morto de frente para a cabine que Eva ocupava. Estava vazia. A arma fora deixada no chão. Sentiu a fúria acometê-lo, ao mesmo tempo que saiu correndo pela parte detrás do vagão. Viu o último assaltante arrastando Eva em direção aos cavalos que estavam à frente da locomotiva.

Daquela distância, ele poderia feri-la se atirasse. Correu e quando se aproximou viu Eva morder a mão do assaltante. O homem bateu no rosto dela e Eva caiu no chão. Jeremiah esticou o braço e atirou três vezes sem parar de andar, furioso. E teria atirado mais se as balas de seu revólver não tivessem acabado.

Correu até Eva e se ajoelhou ao lado dela.

— Você está bem?

— Sim...

O homem gemeu e Jerry o fitou.

O assaltante de olhos claros e cabelos castanhos os fitou com deboche e morreu.

Eva se agarrou a Jeremiah.

— Era meu irmão Taylor. — Ela revelou.

Jerry olhou para o homem morto. Aquele era Taylor Joyce?

— Merda! — Ele a estreitou contra os braços. Havia matado o irmão de Eva. Beijou os cabelos dela, enquanto ela chorava contra o peito dele.



## Capítulo 15

Jeremiah e os funcionários jogaram os corpos no primeiro vagão onde estavam as bagagens e na primeira parada, em Dalton, a polícia foi notificada do acontecido. Ele arrumou uma pensão para que ele e Eva ficassem e retornassem para Austin, na manhã seguinte. Ela estava tão exausta que não conseguiu sequer brigar por quartos separados ou dizer para que a deixasse em paz. Não podia acreditar que sua própria família tentara matá-la.

— As chaves do quarto. — Ele pediu ao dono da pensão.

— Senhor, aqui não é permitido a entrada de acompanhantes. — O velho olhou para Eva.

Eva ficou extremamente constrangida. Queria matar Jeremiah por fazê-la passar por aquilo.

— Está chamando minha esposa de prostituta? — Jeremiah vociferou, impaciente.

O homem ficou sem graça.

— Não, senhor!

— Então me dê as malditas chaves! — exigiu.

— Jeremiah! — Ela o reprovou.

— Não estão usando aliança. — O homem indicou.

— Fomos assaltados no trem — explicou. — Agora, peça desculpas a minha esposa.

Caso não fosse pela vergonha, Eva o teria desmentido. Mas manteve-se quieta.

— Desculpe-me, senhora.

— Muito bem. — Jerry pegou a chave. — Vamos, querida.

E a levou em direção às escadas. Eva esperou entrar no quarto.

— Você é insuportável! — voltou-se para ele. — Tem que parar de tratar as pessoas assim, Jeremiah! O mundo não tem que servir a você!

Ele tirou o casaco e pendurou no cabideiro. Não mudaria para agradar a Eva ou quem quer que fosse. Olhou ao redor. Era um lugar simples, com uma grande cama de casal, uma cômoda. Era o suficiente para ele. Precisava de um descanso depois da longa noite que tiveram. Sentou-se na cama para tirar as

botas.

— Além disso, não sou sua esposa — falou, séria. — O que Laura vai pensar quando souber que está aqui comigo? Afinal, o que houve no trem logo vai se espalhar — cruzou os braços.

Pela primeira vez a voz de Eva o irritou. Céus! Ela era insuportável quando estava brava.

— Não dou a mínima para a opinião de ninguém. — Ele se deitou na cama e encostou a cabeça nos travesseiros. — Venha, deite-se e descanse.

Ela olhou para o pouco espaço na cama. Ficariam perto demais e ela não queria. Ergueu o queixo e olhou ao redor e não havia outro lugar que pudesse se deitar e estava tão exausta depois de tudo que acontecera. Relutante, ela se sentou aos pés da cama e tirou suas botinhas e as colocou de lado. Também tirou as meias e olhou por cima do ombro. Jeremiah estava com os olhos cravados nela. Ignorando-o, ela se levantou, sentou-se na beirada da cama e deitou-se de costas para ele.

— Foi um dia cansativo. — Ele observou com cuidado. — E você deve estar precisando de um abraço depois do que houve.

Ela não queria que ele a visse chorar. Tinha raiva de ser tão chorona. Respirou fundo e enxugou as lágrimas.

— Não quero um abraço seu — fez que não, magoada.

Não conteve o soluço. Sua vida estava completamente errada. Agora, seus irmãos vieram atrás dela e tentaram sequestrá-la ou, ou quem sabe, matá-la.

Jeremiah tocou seu ombro e a puxou de encontro a ele. Ela tentou se esquivar, mas precisava tanto de um abraço naquele momento, que acabou cedendo e deixou que ele a tomasse entre seus fortes braços. Virou-se e se aconchegou contra o peito dele.

— Estou cansada — desabafou.

— Eu sei, meu amor — beijou sua cabeça. — Eu sei...

Ele a apertou contra si, tentando lhe transmitir todo o amor que sentia. A ideia de que sua vida podia seguir sem Eva era assustadora. Por um instante, naquele trem pensou que havia falhado. Agora, mais do que nunca ele a protegeria de quem quer que fosse. E massacraria os Joyce se eles tentassem tocar novamente em Eva.





Eva acordou na manhã seguinte e deparou-se com o quarto vazio. Não havia nenhum sinal de Jeremiah. Ela mal havia se levantado quando ele abriu a porta e entrou. Estava constrangida por ter passado a noite agarrada a ele. Mas fora tão bom e ela precisava tanto.

— Bom dia. — Ele entrou e tirou o chapéu.

— Bom dia. — Ela respondeu soltando os cabelos para arrumá-los.

Jeremiah adorava aqueles cabelos soltos, trazia lembranças dela em seus braços, louca de paixão. Ela o achou lindo, enquanto ela se sentia atropelada por uma manada de búfalos.

— Imagino que deva estar com fome — observou.

— Nenhuma. — Ela prendeu os cabelos em um coque. — Quero apenas voltar para Austin e descobrir o que houve.

— Antes, precisamos conversar. — Ele deu um passo para ela.

— Se for sobre seu casamento com Laura, não quero falar sobre isso — deixou claro.

— Não vou me casar com Laura — respondeu, firme.

Ela não queria ouvir mais as mentiras dele.

— Eu estava lá — insistiu, nervosa. — Nada do que disser vai mudar a dor que me fez passar.

Tentou passar por ele, mas Jerry não saiu do lugar.

— Você fugiu! Não me deixou explicar!

— E o que há para explicar? Que você me enganou? Por vingança!

— Céus! Eva! — Ele perdeu a paciência. — Não é o que está pensando, você não quer me ouvir!

— Não quero!

Aquelas palavras apenas provavam que não adiantaria dizer nada, ela estava magoada demais para ouvi-lo e as circunstâncias estavam contra ele.

— Independente do que acha, vamos voltar para Austin e nos casaremos!

Ela deu um passo para trás e levou a mão à boca.

— Você é doente! — balançou a cabeça em negativa. — Jamais me casaria com você! Ainda mais nessas circunstâncias humilhantes!

— Eva, não há nada entre mim e Laura — assegurou. — Foi apenas um mal-entendido.

— Ninguém faz uma festa de noivado por causa de um mal-entendido! — gesticulou. Ela o estudou. — Não me diga que você a abandonou no último instante?

— Sim — respondeu.

— Como pode fazer isso com ela?

— Eva... Esqueça Laura e pense em nós!

— Você ia se casar com ela e nunca teve intenção de se casar comigo!

— É nisso que acredita, Eva? — Ele estava irritado. — Que sou um maldito pervertido que deflora senhoritas enquanto está comprometido com outra?

— É o que está acontecendo! Não é? Ou perdi parte da história!

— Pensei que me conhecesse, que soubesse o tipo de homem que sou!

— Eu também!

Eles se encararam, tristes.

— O que acha que eu deveria fazer? — Ela o questionou.

— Acreditar no amor que lhe devotei! — respondeu, ríspido. — Confiar em mim!

— Como pode ser tão egoísta, Jeremiah? Como posso confiar? — Ela hesitou.

— É isso que fazemos quando amamos!

— Não fale em amor comigo, você não sabe o que é isso! — Ela estava cansada daquela discussão. — Por que veio atrás de mim?

— Talvez, se eu não tivesse vindo, uma hora destas você estaria morta! — Ele esbravejou. — Pelo amor de Deus, vamos nos casar e pronto! Como havíamos planejado, nada mudou!

— Não sou seu gado, senhor Clarckson, que você marca e decide o que fazer com ele! — falou firme, mas havia mágoa em sua voz.

— Você pode estar grávida e não sou um homem de cumprir com o meu dever!

Ela não esperava por aquilo. Dever? Então ela era um dever? A frieza

dele em tratar o assunto e grande falta de tato apenas a ofendeu e piorou tudo.

— Milhares de mulheres tem filhos bastardos todos os dias! — devolveu, furiosa.

Jerry a segurou pelos braços.

— Vai mesmo repetir a história? Deixar que nosso filho seja criado por outro homem? Fazê-lo odiar a você e a mim porque não podemos ser adultos e resolver as coisas como devem ser?

Ela se livrou das mãos fortes e passou por ele.

— Aonde pensa que vai? — Ele quis saber.

— Ficar bem longe de você!

Eva saiu correndo da pensão, controlando suas emoções. Caminhou sem rumo até chegar a uma praça onde alguns moradores estavam reunidos. O sol estava alto. Dalton não era uma cidade diferente das demais, a praça, a igreja, o comércio, pessoas andando para lá e para cá. Sentou-se em um banco e pensou no que Jeremiah lhe dissera, ela poderia estar grávida dele. Como nunca pensou nisso? Era tão ingênua nesses assuntos que se esqueceu que por causa do sexo faziam filhos.

— Com licença. — A voz doce soou ao seu lado. — Importa-se se eu me sentar? — Uma jovem perguntou empurrando o carrinho de bebê. — É que aqui há sombra.

— Claro. — Eva chegou para o lado e a moça se sentou.

— Obrigada. Meu nome é Lucy Daniels. — Ela se apresentou.

— Eva Joyce — respondeu com um sorriso.

— Desculpe-me o comentário, mas eu nunca a vi antes aqui em Dalton...

— Estou de passagem — respondeu, educada. — Vou para Austin.

— Austin. — Ela suspirou. — Sempre sonhei em morar lá. Daí me casei e tive filhos, você sabe, a gente nunca mais pode pensar só na gente.

Eva não queria conversar, queria apenas ficar sozinha.

— Meu Deus! Brian! — A moça gritou e saiu correndo.

Eva olhou para os dois meninos se atracando na grama. Naquele instante, o bebê começou a chorar. Eva olhou para a mãe entretida com o outro filho e acabou pegando o bebê no colo para acalmá-lo.

— Mamãe já volta, bebê...

Começou a balançá-lo, e ele foi se acalmando com aquelas bochechas

rosadas e fofas. Eva sorriu para ele e a mãozinha gordinha procurou o rosto dela. Aquele toque a fez imaginar que poderia ser um filho dela e de Jeremiah. E se ele tivesse razão? E se ela estivesse grávida? Era uma grande probabilidade. Ela amaria o filho deles mais do que a própria vida, daria ao bebê todo carinho do mundo e o protegeria. Faria diferente do que seus pais fizeram. Nada poderia ser mais importante no mundo do que o bem-estar de um filho.

O bebê parou de chorar.

Jeremiah poderia ser um mentiroso, mas era um homem honrado o suficiente para ser o melhor pai do mundo. Doía o orgulho tudo o que ele lhe fizera. Contudo, o fato dele querer se casar com ela para protegê-la e honrar o que havia lhe prometido não era humilhante. Era tudo que queria.

— Oh, me desculpe. — Lucy voltou e pegou o bebê. — Meu pequeno Brian vive se metendo em confusão.

Lucy despediu-se e saiu apressada, fazendo o filho empurrar o carrinho, enquanto ela carregava o bebê e o repreendia.

Eva suspirou e se virou. Jeremiah estava parado há alguns metros dela. Odiava amá-lo tanto. Não haveria outro homem em sua vida. Ele salvara a sua vida na noite anterior, como outras vezes e estava disposto a se casar com ela. O modo possessivo como a olhava, já indicava que ele se sentia seu dono, não era amor, ela estava ciente disso, era posse, desejo. Homens como Jeremiah não amavam.

Caminhou até ele, tensa, abraçando o próprio corpo. O vento bagunçou seus cabelos e ela não tentou arrumá-los.

— Posso não estar grávida — supôs.

— Não vou correr o risco — determinou.

Ela sabia que deveria entrar naquele trem e desaparecer, antes que fosse tarde demais. Todavia, já haviam ultrapassado todos os limites e voltar atrás não era uma alternativa. Tinha certeza que se fugisse, ele a perseguiria. Apenas adiaria o inevitável: as coisas sempre eram como Jeremiah queria.

— Vou me casar com você, Jeremiah.

Ele ouviu o que ela disse e aspirou o ar da manhã procurando paciência onde não existia mais. Eva era sua, sempre seria. E depois de casados, ele teria tempo para provar a verdade e reconquistá-la. Ela estava magoada demais para enxergar as evidências que o favoreciam e ele tinha seu orgulho. Não ia dar murro em ponta de faca.

Ela passou por ele e Jerry a seguiu. Acabou se colocando ao lado dela.

Aquele era o seu lugar: ao lado da mulher que amava.

Meia hora depois, estavam dentro do trem em direção a Austin. O vagão deles era o do meio, e Jeremiah preferiu uma cabine para evitar contato com pessoas estranhas. Até que ele descobrisse o que estava acontecendo e se os irmãos de Eva ainda estavam atrás dela. Ele abriu a porta da cabine para que ela entrasse.

— Vou verificar tudo e já volto — avisou.

Jeremiah sentiu uma pancada na cabeça e tudo se apagou sob o grito de Eva.

## Capítulo 16

Eva acordou sentindo o corpo dolorido. Havia lutado contra Judson quando ele acertou a cabeça de Jeremiah e, ele a esbofeteou, deixando-a desacordada. Levou a mão à cabeça e olhou ao redor. Estava em seu antigo quarto na casa de seus pais. Confusa, ouviu a porta ser aberta e sua mãe entrar segurando uma bandeja nas mãos.

— Mãe? — correu para os braços dela, e mãe e filha se abraçaram com saudade.

A mulher de fartos cabelos castanhos estava emocionada. Usava o luto, como era esperado e seu penteado era austero como sempre.

— Minha pequena Eva.

— Mãe. — Ela a beijou no rosto. — Como é bom vê-la novamente.

— Digo o mesmo, querida — acariciou o rosto. — Como você está? — Norma perguntou, preocupada.

— Estou bem — assegurou. — O que fizeram com Jeremiah?

— Nada — garantiu.

— Então, por que o atacaram? Por que me trouxeram para casa?

Norma fez que não.

— Não deveria ter se envolvido com essa gente, Eva. — Ela a censurou. — Com tantos lugares no mundo, você foi cair em Shepherd?

Eva encolheu os ombros.

— Acredito que foi inconsciente. Não fiz de propósito, eu precisava de um emprego e a cooperativa estava oferecendo — explicou. — Nunca imaginei que eles me descobririam.

— Foi um golpe muito forte para o seu pai — contou.

— Imagino que sim. — Eva comentou, triste. — Mas eu não podia continuar deixando-o matar pessoas inocentes, mãe.

— Eu sei disso, querida. E a compreendo perfeitamente.

— Compreende?

— Sim. É o mesmo sentimento de revolta que tive todos esses anos em que fui casada com seu pai.

— Sei que a culpa foi minha pela morte dele — admitiu, angustiada.

— Não foi, Eva — falou, segura. — Você não teve culpa de nada.

— Mãe — segurou a mão de Norma com força. — Por que me trouxeram para cá? O que eles querem de mim?

Norma respirou, cansada.

— O testamento de seu pai foi aberto, ele deixou a maior parte dos bens para você — contou.

— O quê?

— Judson enlouqueceu e seus outros irmãos concordaram com ele que você precisava ser eliminada...

Eva levou a mão ao peito e se afastou da mãe.

— Eles vão me matar?

— Não — garantiu. — E os convenci a agir de outra forma.

— O que fez, mãe? — perguntou, desconfiada.

— Você vai assinar um documento abrindo mão de sua herança.

— Eu faria isso sem precisar me raptar! — devolveu.

— E Judson vai poder se vingar dos Clarckson — completou.

Eva arregalou os olhos e se aproximou da mãe.

— Vingar?

— Judson vai pedir Shepherd em troca de você — finalizou.

— O quê?

— Não é segredo que Jeremiah Clarckson abandonou Laura Stewart por sua causa e vamos nos aproveitar disso para conseguirmos a vingança contra essa família que nos fez tão mal!

Eva não podia acreditar no que ouvira.

— Por que isso? O que Jeremiah tem a ver com o passado de nossos pais?

— Ele é um Clarckson! — A mãe se afastou, ofendida. — E são nossos inimigos.

— Nunca foram. — Eva negou. — E os interessados nessa história já morreram, mãe. Amanda, meu pai e Timothy se foram. Restou apenas nós e agora somos livres!

— Está defendendo aquele maldito? — Norma perguntou, revoltada.

— Sim! — Eva enfrentou a mãe. — Eu o amo e não vou deixar que façam mal a ele!

Norma bateu no rosto da filha.

— Ficou louca? Ele matou seu irmão! Como pode defende-lo? — Ela a questionou e a fitou com desprezo - Mas eu sei uma maneira de consertar isso! — falou e foi em direção à porta.

Eva ficou olhando a mãe sair e trancar a porta por fora. Não podia acreditar que ela a havia batido e ainda a ameaçado! Correu para a porta e tentou abri-la, mas em vão. Precisava fugir e falar com Jeremiah. Não podia deixar que tirassem tudo dos Clarckson e Shepherd era o coração da família. Jamais se perdoaria se fosse o motivo da destruição para eles. Desesperada, abriu a janela e olhou para baixo. Era alto para saltar, mas ela podia descer nos lençóis amarrados.

Rapidamente, ela amarrou um ao outro e prendeu ao pé da cama. Eva pulou para fora da janela e começou a descer. Apenas não contava que a cama fosse se mover com o peso dela e fazê-la descer mais depressa do que esperava até bater o corpo contra o chão. O problema não foi a queda, mas o grito que soltou ao ver o corpo deslizar muito depressa. Sabia que a ouviram, então, ergueu-se com dificuldade e saiu correndo pelo jardim.

Não demorou muito e ela ouviu o grito de Judson atrás dela. Eva correu o mais depressa que podia para alcançar a saída, mas quando chegou diante dos portões, dois homens surgiram. Virou à direita e correu, mas sabia que seria seu fim. Estava correndo em direção ao rio e Eva não sabia nadar. Ou ela se jogava no rio e morria afogada, ou enfrentava o irmão. Por um instante, cogitou qual caminho deveria seguir, mas então, pensou que viva poderia ajudar mais Jeremiah do que morta.

Parou na beira do rio e voltou-se para o irmão. Judson se aproximou com seu jeito brusco e a pegou com raiva, obrigando-a a voltar para casa. Ela se livrou das mãos dele com violência, e seguiu na frente. Entrou em casa e encontrou a mãe aguardando por eles. Eva não olhou para a mãe, estava magoada com ela por tê-la esbofeteado.

Cruzou os braços e ficou de pé. Mas Judson a obrigou a se sentar.

— Você tem sorte de nossa mãe ainda gostar de você! — Ele cuspiu as palavras.

— Não tenho medo de você, Judson!

— Deveria ter. — Ele colocou o dedo em riste. — Posso acabar com



você a hora que eu quiser!

— Crianças! — Norma os reprovou. — Não quero discussão dentro da minha casa. Vocês são irmãos e tem que se respeitar.

— Respeito? Vocês querem me manter presa contra a minha vontade!

— Ela nos traiu! — Ela acusou Eva.

— E as centenas de pessoas que vocês mataram? — devolveu. — Isso não conta?

— Eles estavam no nosso caminho! — justificou.

— Que absurdo! Matar pessoas inocentes agora é certo?

— Deveria cortar sua língua! — Judson ameaçou com a palma da mão aberta. — Você fala demais!

— Pode fazer o que quiser ou até me matar, mas vai ter que conviver com o fato de que o papai preferiu confiar em minha sua fortuna do que a você, o capacho dele!

Judson ia bater nela, mas Norma o impediu, se colocando entre eles.

— Chega! Temos um assunto sério a tratar.

— A minha morte? — Eva cruzou os braços e olhou para a mãe.

— Mais respeito com a nossa mãe! — Judson a reprovou.

— Não sei o que houve entre você e Clarckson, mas vamos fazer a troca. — A mãe decidiu e Judson sorriu vitorioso.

— Vão perder tempo, não vou ficar com ele! — relutou, tentando proteger Jeremiah.

— Não vai mesmo! — Judson se aproximou e colocou o dedo em seu rosto. — Você vai assinar a maldita procuração passando tudo que herdou para mim!

— E por que eu faria isso?

— Se não fizer, eu a mato de qualquer forma e herdaremos o que é seu!

Eva sentiu um calafrio pelo corpo ao notar a determinação do irmão em conseguir o que queria. Ele ia matá-la agora ou depois, não importava. Judson a odiava com todas as forças, era nítido e a culpava pela desgraça que os assolava.

— Está ficando louco — olhou para a mãe. — Vai deixar que eles me machuquem?

— Você pediu por isso, Eva. — Ela defendeu a família. — Eu lhe mandei dinheiro para sumir no mundo e não para ficar em Austin, sendo prostituta de

um Clarkson!

— Vocês são loucos! Essa guerra não é nossa! — Se não fosse Jeremiah Clarkson, Tim estaria vivo e seu pai não teria se matado! — Norma justificou.

— Não há lógica, já que não foi Jeremiah que apertou o gatilho!

— Mas provocou e fez seu pai sofrer! — Norma insistiu. — Além disso, não menos importante, ele matou Taylor, meu menino!

— Para salvar minha vida! — defendeu. — Taylor ia me matar.

Eva desesperou-se ao notar que matariam ela e Jeremiah de qualquer forma.

— Mãe! — Eva se aproximou dela. — Eu devolvo o dinheiro para a família e vocês me deixam ir e acabamos com essa guerra. Não há motivo para isso!

Norma fitou a filha com desprezo.

— Vejo que se vendeu para aquele homem! — olhou para Judson. — Traga o papel para que ela assine!

Judson fez sinal e o empregado se retirou e trouxe um monte de papéis.

— Agora, sente-se aí e assine tudo!

Ela não o fez e ele a obrigou a se sentar, machucando o braço dela.

— Não vou fazer...

— Claro, que vai... Por bem ou por mal...

Judson foi para cima dela, mas a porta foi aberta e Noah surgiu trazendo um envelope. O segundo irmão Joyce ignorou a presença de Eva. Desde do que acontecera, ela se tornara ninguém para eles.

— O que foi?

— O Clarkson respondeu — entregou o bilhete para Judson.

O coração de Eva acelerou ao tentar imaginar o que Jeremiah teria respondido a seu irmão.

— O que foi que ele disse? — Norma perguntou, ansiosa.

Judson amassou o papel com raiva.

— O maldito me desafiou para um jogo de pôquer, valendo Shepherd e Eva.

— O quê? — Eva ficou perplexa, por que Jeremiah faria isso?

— Ótimo! — Noah riu. — Quando ele chegar aqui, o mataremos, simples! Enterramos os corpos e nunca saberão que fomos nós.

— Não seja tolo, Noah. — Judson o repreendeu. — Com certeza, as pessoas já sabem que estamos por detrás do ataque ao trem e que estamos chantageando Clarckson. Acha que aquele maldito ia ficar calado?

— O que vai fazer? — Norma insistiu em saber.

— O que ele quer! — Judson falou com desprezo. — Ele marcou o jogo no Clube dos Cavalheiros, sabe o que isso significa?

— Você foi desafiado. — Eva respondeu. — É como um duelo.

— Sim. — Judson concordou, irritado. — Significa que teremos testemunhas e terá que ser um jogo limpo.

— É só não aparecer. — Norma supôs.

— Não tem jeito de faltar, mãe. É minha honra que foi posta à prova. Caso eu não compareça, sou considerado um perdedor e Jeremiah fica com Eva...

— Apostar pessoas é ilegal! — Eva tentou acabar com aquela situação.

— É e não é. — Judson deu um sorriso, maldoso. — E pelo visto o Clube dos Cavalheiros abriu uma exceção para seu namorado.

— O que vai fazer? Não podemos deixá-lo vencer! — Norma quis saber.

— Garantir que Clarckson não ganhe esse jogo — falou, sério. — Por que se ele ganhar, há apenas uma solução.

— Qual?

— Matar você, Eva! — assegurou.

## Capítulo 17

Acordar naquela cabine de trem sozinho, em Austin, deixou Jeremiah furioso e frustrado. Fora pego de surpresa, mas bateram o suficiente para deixá-lo desacordado a viagem toda. Havia um bilhete no chão:

*Shepherd por Eva, simples assim. J.J.*

Ele ia matar Judson Joyce por ter se metido em seu caminho e encostado a mão em Eva. Amassou o papel e foi direto para a casa de Marck.

— O que houve? Onde está Eva? — Marck perguntou ao descer as escadas.

— É uma longa história. — Jeremiah respondeu, impaciente. — Mas preciso da sua ajuda.

— Claro. — Marck notou a seriedade do assunto.

— Judson sequestrou Eva. Tentou matá-la ontem à noite e hoje de manhã, me apagou e a levou — falou, irritado. — E deixou um bilhete dizendo que quer Shepherd em troca de Eva.

— Aquele merda! — Marck falou bravo. — O que vai fazer? Invadir a casa dele?

— Não, ele pode machucar Eva. Preciso que interceda junto ao Clube dos Cavalheiros.

— Para quê?

— Vou desafiar Judson Joyce no pôquer!

— O quê?

— Não vou desafiá-lo para um duelo, seria fácil demais e preciso ganhar tempo para salvar Eva... E o desafio do pôquer leva tempo e teria testemunhas, ele não poderia trapacear.

— É arriscado... — Marck ponderou. — Como pode ter certeza que vai ganhar?

Jeremiah ergueu uma sobrancelha em desafio.

— Sou o melhor no pôquer e não vou perder Shepherd e nem Eva — garantiu.

E teve que lutar contra o ímpeto de sair atrás de Eva e colocar a vida dela

em risco, mais do que já estava, porque não confiava nos Joyce nenhum um pouco. Contudo, precisava ser frio e agir da maneira certa para salvá-la.

Recebeu o bilhete de Judson confirmando o encontro.

O clube não abriu aquela noite para o público e apenas um grupo seletivo pode participar. Homens da confiança de Mark e Jeremiah. A sala verde, especial para jogos de grandes apostas, foi aberta para os homens que vestiam seus fraques como era exigido. A sala fora iluminada o suficiente para que a mesa estivesse nítida a ponto de não haver nenhum tipo de trapaça.

E havia tantos expectadores que seria impossível que algum homem roubasse nas cartas. Jeremiah sentou-se à mesa pensando na briga que estava prestes a viver. Era por Eva, por ele, por sua família e pela honra que tinha de não deixar que um homem ignóbil como Judson Joyce tomasse o que era seu.

Judson Joyce chegou acompanhado de seu irmão Noah e mais um capataz. Jeremiah se ergueu e olhou para Marck e depois em direção a porta esperando a entrada de Eva, mas isso não ocorreu. Ele franziu o cenho.

— Onde está Eva? — perguntou a Judson.

Ele o fitou com ar despreocupado.

— Por que ela viria se este lugar é um Clube para Cavalheiros...

Arthur Brooklyn, o presidente do clube e banqueiro muito influente, olhou de um para o outro. Notava que Joyce poderia agir de má fé, a fama daquela família não era boa e tinha que ser justo.

— A senhorita é parte da aposta, estar presente de nenhum modo interferiria no jogo. — Arthur sentenciou.

Judson ficou tenso, o rosto tomou uma cor avermelhada pela raiva em ser contrariado e então ele assentiu.

— Como quiserem — olhou para o capataz. — Vá buscar minha irmã, por favor.

O rapaz assentiu e saiu.

— Podemos dar início ao jogo? — Judson perguntou, impaciente.

— Talvez, devemos esperar a dama chegar. — Marck ponderou.

— Então, eu deveria esperar que trouxessem Shepherd até mim. — Judson falou com sarcasmo. — O que acham? Que matei minha própria irmã? — riu. — Podemos dar início ao jogo e aguardar a chegada dela e de meu empregado, não vão demorar.

Jeremiah e Arthur se entreolharam e o cowboy concordou. A decisão ter

sido tomada por Clarckson irritou Judson, profundamente. Era como se sua opinião de nada valesse.

— Daremos início ao jogo. — Arthur avisou.

Eles se sentaram à mesa. Um funcionário trouxe uma caixa de madeira lacrada e a colocou sobre a mesa.

— Como podem ver, o baralho está intacto. — Arthur disse quebrando o lacre. — Serão os primeiros a tocá-los.

Abriu a caixa e as cartas brancas com suas letras coloridas brilhavam sobre a luz das velas. Aquelas cartas muito mais que o baralho de uma cigana, diriam o futuro não apenas de Eva, mas da fortuna de duas famílias.

Jeremiah jamais subestimaria um adversário mesmo que o pôquer fosse para ele o mesmo que andar a cavalo, ou tomar banho no rio, ou até mesmo fazer uma refeição. Fazia parte dele, por isso, sempre ganhou e todos o invejavam. O jogo de pôquer era algo agressivo, forte e dava a Jeremiah a chance de mostrar seu poder. Em uma mesa como aquela, ele se sentia o rei. E também era um jogo de tática em que o segredo era descobrir a estratégia do outro jogador e como ele agia com as cartas que possuía.

O *Dealer* se aproximou e se sentou entre os dois para embaralhar as cartas e distribuí-las conforme a regra.

Jerry tomou seu uísque e acabou acendendo um charuto para aliviar a tensão. Em nenhum momento hesitava, não podia, não era uma simples aposta de dinheiro que estava fazendo em um bar, em Crescentfalls, era não apenas seu futuro e o de Eva, mas destruir todas as possibilidades de Judson Joyce de voltar a ameaçá-lo um dia.

— Faremos quatro rodadas. — Arthur informou. — Mas sabemos que a última rodada é decisiva.

Eles assentiram.

Judson e Jeremiah se encararam. Clarckson ia acabar com aquele idiota metido que havia tirado Eva dele e ainda o ferido na cabeça.

— As cartas serão dadas, senhores. — Arthur finalizou. — Que vença o melhor.

Judson tinha certeza que se ganhasse ou não aquele jogo, a vitória seria sua. Com a morte de Eva, ele herdaria tudo. E nada que um acidente a caminho do clube não pudesse resolver seus problemas, pensou maldoso enquanto o *Dealer* jogava as primeiras cartas à mesa.



Eva andava de um lado para o outro trancada em seu quarto. Judson colocara homens debaixo da sua janela para vigiá-la. Ele saíra há mais de uma hora para o jogo de pôquer, no Clube dos Cavalheiros. Queria tanto reencontrar com Jeremiah, dizer para ele não jogar nada, que não importava o que acontecesse, Judson a mataria! E também queria dizer que o amava. Que apesar de todas as diferenças, problemas, mentiras e intrigas, que ela o amava muito e teria muita honra em ser sua esposa.

Queria abraçar Jeremiah e lhe pedir perdão por todas ofensas, tapas e por sua indiferença nos últimos dias por causa do que acontecera na festa de noivado dele com Laura. Porque, na verdade, ela não se importava com o que acontecera e mesmo sabendo que a probabilidade de sair dali era impossível, jurou a si que se reencontrasse Jeremiah, o perdoaria daquela gafe e seguiriam em frente sem olhar para trás. Ela seria a melhor esposa, a mais devota, a mais apaixonada e fiel. E nunca mais brigaria com ele.

Talvez, ela brigasse, algumas vezes. Mas não seria tão ruim para ele.

A porta foi aberta e Norma Joyce surgiu.

— Mãe. — Ela se aproximou, aflita. — Já tem notícias?

A mulher fez que não.

— Albert veio buscá-la — avisou, fria.

Eva soube que seria seu fim.

— Jeremiah ganhou o jogo? — quis saber com o coração aos saltos.

— Não, ainda. Não sei. Mas você tem que ir com Albert. — Norma falava sem conseguir encarar a filha.

Eva derramou algumas lágrimas.

— Mãe, não faça isso.

— É como deve ser. — Norma finalmente a encarou. — Perdemos muito por sua causa e não podemos perder mais, Eva.

— Por favor... — Eva implorou. — Sou sua filha.

— Deixou de ser quando se uniu aquele homem e deixou que ele matasse Taylor.

— Não! — Eva a segurou pelos braços. — Você é minha mãe! E uma mãe não deixa a filha ser morta por causa de dinheiro!

Norma fraquejou e lágrimas escorreram por seu rosto.

— Por favor, mãe. Eu não quero morrer.

Norma abraçou Eva.

— Amo você, Eva. — Ela murmurou.

— Eu também amo você, mãe...

Norma se afastou e a encarou.

— Mas não posso ir contra seu irmão. Do contrário, ele matará a nós duas...

Eva fez que não.

— Venha comigo, Jeremiah não deixará que ele a toque!

O semblante de Norma ficou sério.

— Não quero nada de Jeremiah Clarckson! — disse com desprezo. — Deveria ter entendido isso!

Ela se afastou e Eva fez que não.

Albert entrou no quarto e foi em direção a Eva. Ela gritou e correu, mas ele a segurou pela cintura e começou a arrastá-la, enquanto ela se debatia e gritava por socorro.

— Mãe! — Ela gritava. — Por favor! Mãe!

— Matei seu pai, querida — confessou—Não me custa nada fazer o mesmo com você!

— Mãe! —Eva não podia acreditar.

Norma apenas olhou para Albert e murmurou:

— Que seja rápido e indolor, por favor.

— Sim, senhora.

— Não! — Eva gritou tentando se livrar da mão dele. — Me solte!

Ela batia nele, mas seus braços pareciam de ferro e ele a arrastava pelos corredores da casa sob o olhar assustado dos empregados. Eva o mordeu, mas de nada adiantou. Céus, ela não queria morrer! Ele a arrastou até a carruagem e ela se debateu, fazendo força para não entrar.

— Solte-me!

— Solte a moça! — A voz soou ao lado deles e Eva parou de lutar, mas



Albert continuava segurando-a.

Olhou para o lado e viu Raymond Shawn, o Texas Ranger.

— Quem você pensa que é? — Albert devolveu. — Isso aqui é uma propriedade particular!

— Nós sabemos e a moça não é propriedade sua, então é melhor soltá-la, agora!

Albert afastou para que Eva colocasse os pés no chão. Ela firmou os pés e ele a soltou. Porém, Albert era rápido no gatilho e atirou contra Raymond que caiu do cavalo. Eva aproveitou para correr. Estava escuro, o jardim mal iluminado pelas tochas, mas ela conhecia aquele caminho como a palma de sua mão. Quantas vezes brincou a noite e se escondeu dos irmãos? Ouviu mais um tiro e correu o máximo que pôde, sabia que estava se aproximando do rio, o som da correnteza se misturava aos passos que estavam atrás dela.

Ela não tinha alternativa dessa vez, teria que pular. Era isso ou morrer nas mãos de Albert, e ela preferiu a primeira opção. Escutou o homem chamar seu nome, mandou que parasse, mas ela não ia parar. Ouviu mais um tiro e imaginou que era para acertar nela, mas haviam errado. O temor percorreu seu corpo, sua boca ficou seca e seu coração bateu tão depressa, avisando a si mesma do perigo eminente: a água.

E como uma louca, desesperada, ela pulou na água gelada.

Seu corpo bateu e afundou no rio. Voltou a submergir e tentou respirar. Estava escuro e ela não sabia nadar. A morte era sua companheira naquele momento, podia senti-la chegando. Pensou em tudo que vivera, e dedicou seu último pensamento a Jeremiah.

## Capítulo 18

O jogo estava tenso. Jeremiah ganhara a primeira rodada, mas perdera as duas seguintes. Agora era tudo ou nada. Caso perdesse a quarta, a fazenda Shepherd seria dos Joyce e ele teria perdido Eva para sempre. Olhou para suas cartas e encarou Judson. Independente do que acontecesse naquela mesa, ele estava disposto a fazer o filho de Joyce pagar por tê-lo afrontado daquele modo.

Judson fitou o irmão parado ao seu lado com ar de vitória e encararam Jeremiah que se manteve impassível. Não ia aceitar provocações, estava acostumado a perdedores que agiam daquela forma, no desespero. Seu sexto sentido lhe dizia que Judson estava desesperado e blefando.

E o empregado dele estava demorando para retornar com Eva.

— Antes de mostrar as cartas, vamos esperar. — Jeremiah determinou.

— O que foi, Clarckson? Está fugindo da derrota?

— Não — respondeu, seco. — Apenas quero esperar que o pagamento chegue.

Judson ficou sério e tenso, se ajeitou na cadeira. Jeremiah não gostou daquilo, havia algo errado.

— E que diferença faz? Ela vai chegar de qualquer jeito, não vai?

— Sem ela, eu não termino o jogo. — Jerry o enfrentou.

— Isso é desistência! — Judson olhou para Arthur. — Eu sou o vencedor aqui!

— Desculpe-me, senhor Joyce, mas o jogo não termina até que eu diga.

— Arthur disse com sua costumeira tranquilidade, ajeitando os óculos.

— Vocês estão do lado dele! — Judson se ergueu, alterado.

— Sente-se, senhor Joyce. — Arthur pediu, tranquilo. — Ou terei de expulsá-lo e dar fim ao jogo.

Noah segurou o braço do irmão e o fez se sentar. Havia regras de educação no Clube dos Cavalheiros e Judson devia respeitá-las ou perderiam tudo naquela mesa. Contudo, os irmãos Joyce sabiam que precisavam terminar com aquele jogo o quanto antes, afinal, Eva nunca chegaria. Provavelmente, naquele momento, Albert já teria dado cabo à vida dela e maquiado um acidente

durante o trajeto.

Houve uma movimentação do lado de fora da sala e eles ouviram, mas não deram atenção.

— Eles devem ter chegado. — Joyce deu um sorriso de satisfação. E ansioso para finalizar colocou suas cinco cartas. Todas do naipe de ouros: J, 10, 9, 8, 7 – Straight Flash — falou sortudo, se sentindo o melhor nas cartas.

Todos olharam para as cartas à mesa. Judson havia ganhado e ele se ergueu para abraçar Noah.

— Shepherd é minha! — disse a Jeremiah.

Com uma calma invejável, Jeremiah fitou as cartas dele sobre a mesa com desprezo.

— Shepherd nunca será sua!

— Ganhei o jogo!

— Deveria ter aprendido a nunca contar vitória antes de ver as cartas de seu adversário, Joyce.

— Está blefando... A probabilidade de fazer algo maior que o meu jogo é zero!

A tensão se formou. Jeremiah manteve os olhos presos no rosto de Judson, enquanto ele baixava suas cartas. Marck e Arthur prenderam a respiração.

De espadas: 10, J, Q, K, A.

— Isso é impossível! — Judson bateu a mão contra a mesa.

— Por favor, senhor Joyce, controle-se! — Arthur ordenou.

— Isso é trapaça! — Joyce gritou.

— Não houve trapaça. O jogo foi monitorado por vários cavalheiros que confirmavam isso.

Judson precisava sair dali, ou descobririam que não haveria pagamento por parte dele. Eva já deveria estar morta, naquele momento.

A porta da sala foi aberta e um homem uniformizado entrou para falar com Arthur. Cochichou no ouvido dele e Arthur o olhou, estupefato, e depois assentiu. O empregado se retirou e ele se voltou para os demais.

— Houve um acidente. — Arthur anunciou e Judson ficou aliviado.

Sem a irmã em seu caminho, ele teria sua herança por direito de volta.

— Acidente? — Jerry se ergueu.

— Parece que um Texas Ranger foi ferido ao tentar resgatar a senhorita Joyce...

Resgatar? Judson ouviu atentamente. Caso isso houvesse ocorrido, sua irmã estava viva e o testamento de seu pai teria validade. Merda! Não podia sair daquela mesa sem nada!

— Resgatar? — Judson perguntou, indignado. — Você tentou trapacear, Clarckson?

— Isso não é trapaça. — Jeremiah afirmou, friamente.

Judson olhou para Arthur.

— Eu exijo que anule a participação de Clarckson! Ele trapaceou.

Arthur olhou para os homens e prosseguiu:

— Essa deve ser a última coisa que os preocupa, agora. — Arthur olhou de um para o outro. — A senhorita Joyce foi perseguida por um dos empregados do senhor Joyce e caiu no rio.

Jeremiah praguejou e foi para cima de Joyce, segurando-o pelo colarinho.

— Quer falar sobre trapaça? — Ele o sacudiu e o levantou no ar. — O que foi que fez com ela?

Marck e Richard seguraram Jeremiah e tentaram afastá-lo de Judson, mas era impossível. Ele segurava o irmão de Eva com ódio e o estava sufocando.

— Acalme-se, Clarckson. — Richard pediu. — Temos que encontrar Eva.

— Não sei o que houve, Judson, mas se alguma coisa aconteceu a ela, juro que vou caçar você e depois de torturá-lo entrego seu corpo para os Sioux. — O soltou com violência, derrubando-o no chão.

— A culpa foi sua! — Judson jogou. — Você tentou libertá-la e meus homens agiram para protegê-la — acusou.

— Cale a boca, Joyce! — Marck mandou. — Não piore as coisas! O importante é encontrar Eva!

Marck segurou Jeremiah pelo braço.

— Vamos...

Jeremiah encarou Joyce com ódio antes de acompanhar os homens para fora.



Raymond levava um tiro no ombro, mas estava bem. Então relatou exatamente como aconteceu já no hospital.

— O homem estava sendo violento com a senhorita Joyce quando cheguei. Mandeí que a largasse e ele o fez e atirou em mim. A senhorita Joyce correu em direção ao rio. Eu os persegui. O empregado do senhor Joyce atirou na moça, mas fui mais rápido e atirei nele. Eu a chamei, mas ela estava desesperada e pulou no rio. A correnteza estava muito forte e a levou depressa, não pude fazer nada.

Albert estava morto, o tiro de Raymond o acertara na cabeça.

E Eva desaparecida.

Amanheceu em Austin e nenhum sinal de Eva.

Jeremiah colocou todas as pessoas que podia atrás dela. Desceram o rio de barco, bem como vasculharam as margens do rio, matas, propriedades. Ele ficou louco, transtornado, precisava encontrar Eva, sua vida dependia disso. E mesmo quando as autoridades desistiram de encontrá-la, dando seu corpo como desaparecido, ele persistiu. Vasculhou cada centímetro de Austin. O fracasso o corroía por dentro.

A voz grave de Marck o acordou. Havia chegado no meio da noite e caído na cama do hotel, ainda vestido. Levou alguns segundos para notar o amigo e sentou-se. Era o décimo dia desde o desaparecimento de Eva e ele não desistia de encontrá-la. Caso parasse, seria o mesmo que admitir que ela estava morta e isso ele não faria. Não conseguia.

— O que foi? — passou a mão pelo rosto.

— O governador Stewart quer falar com você.

— E mandou você aqui para me avisar? — inquiriu, impaciente.

As noites mal dormidas estavam lhe rendendo uma enorme dor de cabeça. Precisava de um uísque para começar o dia. Ele se levantou e foi para o armário e se serviu de uma bebida.

— O que ele pode querer falar comigo?

— É sobre os Joyce. — Marck adiantou.

— O quê? — Jeremiah bebeu e se voltou para Marck. — Que eles não

prestam? — debochou.

— É sobre o testamento de Alan Joyce. Parece que o velho deixou mais de cinquenta por cento do patrimônio para Eva — revelou.

Jeremiah bebeu o conteúdo do copo e o bateu sobre o móvel.

— Por isso, eles planejaram matá-la. — A veia pulsou em seu pescoço. — Judson estava blefando quando aceitou o jogo.

— É o que parece.

Jeremiah passou a mão pelos cabelos em um gesto nervoso.

— E o que Stewart quer com tudo isso?

— Não faço ideia, mas ele me pediu para levá-lo até a casa dele — avisou.

Jeremiah estava com a paciência por um fio. Não encontrara com o governador desde sua saída na festa de noivado e não estava disposto a escutar sermão de um pai que lutava pela honra da filha. Mas não ia fugir de um encontro com aquele homem. Já havia passado da hora.

— Tudo bem, eu vou — falou, curioso. Foi até o móvel e tirou um monte de cartas amareladas. — Pode levar isso até Raymond?

— O Texas Ranger?

— Sim. Meu irmão não é mais da corporação e Dawson voltou para casa. Preciso que isso chegue às autoridades certas e sei que ele faria isso por Eva.

Marck pegou o escrutínio.

— O que é isso?

— Essas cartas incriminam Alan Joyce, Eva e toda sua família pelos crimes que cometeram — contou.

— Vai envolver Eva nisso, também?

— Preciso pegar Judson e seus irmãos e não há outro jeito — falou, decidido.

— E colocá-la no meio do fogo cruzado? Depois de tudo pelo qual ela passou?

— Eu não sei se ela está viva! — Jeremiah vociferou. — Não entende? — andou até Marck e colocou o dedo em seu peito. — Eva morreu porque eu não a protegi. Nós sabemos que ninguém sobrevive por dez dias naquele rio!

Marck entendia o desespero dele. Jeremiah andou de um lado para o outro como uma fera enjaulada.

— Tenho que fazer isso por ela, Marck. Não posso deixar Judson sair ileso e ainda ficar com tudo que pertence a Eva.

— Está aceitando que ela se foi?

— Não! — esbravejou. — Maldito, seja! Não! Eu prefiro morrer a aceitar que ela não está aqui comigo! — comprimiu os lábios para conter a emoção. — Contudo, ou faço isso, ou mato Joyce e a família toda e serei enforcado.

Marck compreendeu a dor dele. Também não gostava de pensar que Eva se fora e não aceitaria até ver um corpo.

— Vai parar de procurá-la?

— Nunca, passarei minha vida toda fazendo isso — falou, cansado. — Mas preciso ir à Shepherd, tenho negócios a resolver. Não posso protelar minhas responsabilidades. Vou deixar homens procurando por ela — avisou.

— Estarei à disposição se precisar...

— Obrigado.

— É melhor ir ver o governador. — Marck mudou de assunto.

— Claro, vamos. — Jeremiah pegou o chapéu e o seguiu para fora do quarto.



Phillip o esperava em seu escritório principal. A última vez que Jeremiah colocara os pés ali, havia luzes acesas, risadas. Agora, tudo parecia apagado e morto, e os empregados se moviam como espectros. Tudo era triste e ele sabia que a culpa era dele. Caminhou apressado pelos corredores, seus passos ecoando pelo vazio. Abriu a porta e entrou.

O governador estava de pé atrás de sua grande mesa. Voltou-se para ele sério, sem o sorriso amistoso de sempre. Phillip passou a mão pelo bigode e respirou fundo, como se estivesse se controlando para não dar um tiro em Jeremiah.

— Vamos direto ao assunto. — Jeremiah deu um passo para ele. — O que quer?

— É assim que me trata, Clarckson? — Phillip o questionou. — Rude?

— Estou com pressa, Phillip, tenho milhões de coisas para resolver...

— Procurar por Eva Joyce, presumo.

— Exatamente.

Phillip assentiu.

— Sabe que a probabilidade de a encontrar viva é mínima — salientou.

— O que não lhe diz respeito — retrucou. — Diga o que quer.

Phillip deu a volta na mesa e o encarou de perto.

— Tenho meios de acabar com Judson Joyce — revelou. — Tenho provas que o farão ser enforcado junto com seus irmãos.

Jeremiah sentiu novamente aquele arrepio na nuca que o deixava tenso. Que lhe mostrava que era uma grande enrascada.

— E o que quer em troca?

— Que se retrate. Que peça desculpas a Laura — exigiu. — E que a peça em casamento e a faça a mulher mais feliz do mundo.

O cowboy não podia acreditar no que ouvira. Afastou-se de Phillip e foi para perto da janela. Balançou a cabeça e riu da situação.

— Nunca prometi nada a ela, Phillip.

— Mas também nunca a rechaçou!

— Não pedi que fizessem aquela maldita festa!

— Você comprou o anel — acusou.

— Era para Eva, não para Laura!

— Não tem o direito de trocar minha filha por essa moça! Provavelmente, ela está morta!

Cada vez que ouvia aquela frase, Jerry sentia uma dor no peito e uma vontade insana de matar alguém. Respirou fundo. Caso, Eva realmente estivesse morta, isso também não o faria ficar com Laura.

— Por quê? — Jeremiah quis saber.

— Por que o quê?

— Com tantos homens decentes nesse mundo, políticos jovens que serão excelentes maridos para Laura — voltou-se para o governador. — Por que me quer como genro?

— Minha filha o ama desesperadamente. Está doente, ela quer você! —



explicou a contragosto.

— E vai me comprar de presente para ela?

— É o que ela quer, se isso vai mantê-la feliz e viva, pouco me importa o preço.

Aquilo era um absurdo.

— Nunca tive intenção de me casar com Laura, sabe disso. O fato de achá-la bonita e inteligente, não me faz o pretendente certo!

— É só um casamento. Minha filha é linda, perfeita, ela o fará feliz.

— Não duvido disso, Phillip. Mas ela merece mais que um homem que acabou de perder a mulher que ama com desespero — falou sem emoção na voz.

— Laura fará com que a esqueça — insistiu.

— Eu gosto muito de sua filha para reduzi-la a isso — garantiu. — Pode comprar muitas coisas, Phillip. Mas não a minha honra.

Os dois se encararam friamente.

— Vai se arrepender disso, Clarckson.

— Não vou — garantiu. — E ainda vai me agradecer um dia.

Acenou com o chapéu e abriu a porta. Laura estava do lado de fora e Jeremiah ficou surpreso com sua palidez, as lágrimas que escorriam pelo rosto. Era triste vê-la daquela forma por causa dele, todavia, casar-se com ela não solucionaria o problema, apenas criaria mais.

— Laura... — Ele começou a falar.

Ela o abraçou de forma inesperada e se afastou em seguida.

— Obrigada. — Ela murmurou entre lágrimas e fitou o pai com mágoa. Então, voltou-se para Jeremiah. — Obrigada por me proteger de mim mesma. Eva é uma mulher de sorte!

Jeremiah assentiu e saiu.

Ele tinha um longo caminho para casa.

## Capítulo 19

O sol nascia no horizonte avermelhado de Shepherd. Os primeiros peões começavam a sair de suas casas para a lida, a brisa da manhã soprava sobre os lírios que balançavam no campo. Um cavalo selvagem relinchou preso dentro da cerca e os homens se aproximaram para admirá-lo, ver o pelo negro brilhar sob a luz do amanhecer.

Caroline desceu as escadas ouvindo os gritos vindos do escritório. Desde que Jeremiah voltara de Austin há alguns dias, uma nuvem negra pairava sobre Shepherd. Ele estava insuportável e embora muitos compreendessem o motivo, Caroline acreditava que já era hora de ter uma conversa com ele.

Esperou pacientemente que o cavaliariço saísse do escritório cabisbaixo e praguejando, para entrar em seguida.

— Não vou receber ninguém! — Jeremiah ergueu a cabeça e viu a tia. Mas seu mau humor não diminuiu. — O que quer?

Ela ergueu uma sobancelha e cruzou os braços.

— Que olhe para mim e preste bem atenção no que vou lhe dizer...

— Tia, eu estou trabalhando! — falou tentando ser paciente.

— Percebo, mas se continuar assim, vai morrer. — Ela deu a volta na mesa e ficou de frente para ele. — É isso que quer, morrer?

Jeremiah largou os papéis e virou a cadeira para a tia.

— O que quer de mim?

— Que pare de agir como um louco e respire fundo. — Ela colocou o dedo em riste. — Eu sei o quanto é difícil o que está passando, mas não pode despejar toda sua raiva em cima das pessoas!

— Não sei do que está falando!

— Eu sei, Jeremiah, o quanto é difícil perder alguém que amamos, mas não é gritando ou humilhando que a dor vai passar!

Ele abriu a boca para falar, mas a voz não saiu.

— Você não está sozinho, você tem a mim, Donna, Bob. — Ela o abraçou. — E pode contar com nosso abraço, querido.

Jeremiah sentiu o abraço da tia e respirou fundo, como fazia quando era

criança e se sentia seguro. Não fora criado para ser um homem emotivo, contudo, havia momentos em que a dor precisava ser colocada para fora. Chorar não era do seu feitio, mas naquele momento, era insuportável. Estava sufocado. Mas não ia ceder, não ainda.

— Eu tenho que voltar para Austin. — Ele afastou a tia e a encarou. — Não posso aceitar que acabou.

— Então, vá. Tenho certeza que Bob e Donna cuidarão de tudo, meu querido. O que não pode é ficar aqui, se matando aos poucos.

— Já morri um pouco com ela — confessou.

— E vai morrer totalmente? Por que se continuar assim, seu coração não vai aguentar, e o que vai ser de Eva quando ela aparecer?

Os olhos dele sorriram.

— Obrigado, tia.

Caroline beijou a testa dele como se fosse um menino.

— Já tomou seu café?

— Não, estou sem fome. — Ele voltou a atenção para os papéis. — E depois vou à cidade resolver algumas coisas, falar com Dawson.

— Está bem. — Ela sabia que ele era teimoso demais para ouvi-la. Mas havia tentado.

Jeremiah sabia que a tia tinha razão. Gritar com todo mundo, não ia trazer Eva de volta. Levantou-se se sentindo sufocado e decidiu ir até a cidade. Precisava saber se Dawson tinha alguma notícia vinda de Austin. Assim que terminasse de ajear tudo para que Robert tomasse conta, ele voltaria para a cidade e retomaria as buscas sobre Eva.

Deixou seu cavalo em frente à delegacia e entrou. Dawson estava conversando com um morador da cidade quando viu Jeremiah entrar.

— Conversamos depois — disse ao rapaz e voltou-se para o cunhado. — Resolveu sair da toca?

— Consegui resolver a maioria das coisas — apertou a mão de Bradford. — Como estão as coisas por aqui?

— Calmas — meneou a cabeça. — Um forasteiro ali, uma briga no bar dos rancheiros, mas nada que faça sua irmã pensar que vou voltar para casa baleado.

— Então tudo se acalmou desde que o bando da morte se foi, não é?

— Sim. Com certeza. As denúncias contra Allan Joyce acalmaram os

ânimos, como era esperado.

Jeremiah assentiu.

— Entreguei as cartas à corporação de Texas Ranger — comunicou.

— As de Sandy Lee? As que dei a você?

— Sim.

Bradford ficou surpreso.

— Fiz isso para colocar Judson e seus irmãos onde eles merecem.

— Você foi corajoso — ficou impressionado. — Eva pode responder processo junto com os irmãos.

— Eu a defenderei se for necessário — garantiu. — Mas alguém precisava fazer Judson pagar.

— Em seu lugar teria feito o mesmo.

— Se eu o matasse como queria, não estaria livre para procurar por Eva.

— Vai voltar para Austin?

— Sim, assim que Robert estiver pronto para assumir tudo. Não volto para casa enquanto não a encontrar.

— Caso precise de ajuda, tenho contatos. — Dawson falou, sério.

— Obrigado.

— Por que não aparece lá em casa esta noite para jantar? — convidou. — Donna vai ficar feliz em te ver.

— Eu irei — aceitou o convite.

Era melhor do que ficar em casa sozinho bebendo.

— Caso tenha qualquer notícia de Austin, me avise, por favor. — Jeremiah pediu.

— Sim, eu avisarei.

— Vou até a igreja. Prometi ao padre uma reforma e me esqueci — bufou. — Desde que cheguei, ele me manda recados todos os dias que precisa falar comigo.

— Ainda bem que sou protestante — riu.

Jerry também riu e apertaram as mãos.

— Até mais ver.

— Até. — Dawson se despediu e viu o cunhado sair.

Sentiu imensa pena dele por imaginar que Eva tivesse morrido naquele

acidente, e Jeremiah estivesse buscando por amor que não existia mais. Por isso, Donna queria que o irmão jantasse aquela noite com ela, queria conversar e fazê-lo entender que as coisas talvez não saíssem como ele planejava.

Jeremiah saiu pelas ruas de Crescentfalls cumprimentando as pessoas. A igreja ficava no fim da rua, do outro lado da praça. Perguntou a si mesmo há quanto tempo não ser confessava. A porta de igreja estava aberta e ele entrou, caminhou pela nave. O som de suas botas ressoando. Uma senhora vestida de luto o cumprimentou e saiu. Ele olhou ao redor e constatou que estava sozinho.

Aproximou-se do altar iluminado por velas. A imagem de Cristo crucificado se encontrava ao centro. Há muito tempo Jeremiah não rezava, fazia bastante tempo que não falava com Deus. Tirou seu chapéu e o levou ao peito, abaixou a cabeça, fechou os olhos e fez uma prece.

— Deus, me perdoe por ser um pecador. Não sei rezar direito e dizer palavras bonitas, mas dizem que o Senhor ouve o que está em nosso coração. E meu coração sangra de saudade e de medo por Eva. Também dizem que o amor vem do céu, então o que sinto por ela é seu, foi plantado em mim pela sua Santa mão. Eu lhe imploro que não me tire esse amor, que permita que ela esteja viva, por um milagre ou não. Eu preciso dela para viver, meu Pai, me ajude. Dói demais!

— Senhor Clarckson?

A voz do padre interrompeu a oração e Jeremiah respirou fundo e se voltou para o padre grisalho e franzino com sua batina negra.

— O senhor demorou. — O padre reclamou.

— Estava ocupado — justificou. — Desculpe-me.

— Da próxima vez, não demore. — O padre foi ríspido.

Jeremiah havia aprendido a nunca responder mal a um padre. Trazia má sorte e era a última coisa que ele precisava.

— E qual é a urgência, padre?

— Tenho uma lista de reformas a fazer, o último padre foi muito displicente — reclamou e seguiu para os fundos da igreja, Jeremiah foi atrás dele.

*O que Dawson diria se soubesse que o padre o chamara de displicente?* Jeremiah pensou, debochado. Afinal, fora o xerife o último padre e isso não tinha mais que uns dois anos.

— Preciso que troque algumas telhas. — Ele procurava pela lista em sua sala paroquial. — Acredito que esqueci a lista na casa, venha comigo —

convidou. — Além disso, preciso de mais algumas coisas para o próximo casamento.

Jeremiah franziu o cenho enquanto entravam na diminuta casa paroquial.

— Casamento?

— Sim. — O padre procurava nos armários. — Deve estar no quarto.

— E por que eu tenho que pagar pelos custos do casamento? — A voz de Jeremiah desapareceu.

Deitada na cama estava Eva.

Viva.

O padre a ajudou a se sentar.

Jeremiah ficou parado na porta do quarto, olhando sem poder acreditar, sem forças para seguir em frente e acreditar que o milagre acontecera. Ela estava pálida, mais magra, olheiras escuras debaixo dos lindos olhos. O cowboy caminhou pé ante pé. O padre se afastou enquanto ele se aproximava bem devagar, com medo que ela sumisse, que fosse uma miragem.

Sentou-se na cama e sua mão trêmula tocou o rosto dela. Por Deus! Ela era real!

— Eva... — A voz saiu carregada de uma emoção singular. Algo que ele não pretendia sentir novamente na vida.

— Sou eu. — Ela segurou a mão dele e a beijou com carinho. — Vim por você.

Ele a abraçou com todo o carinho do mundo, beijou seus cabelos, seu rosto.

— É você mesmo? — Ele se afastou para encará-la. — Meu Deus, Eva! — Ele a abraçou e pela primeira vez na vida deixou que lágrimas escorressem por seu rosto.

Eva chorou contra o ombro de Jeremiah, apertando-o contra si. Foram dias de tormento, angústia e desespero.

Ela havia pulado na água. O corpo afundou, submergiu e afundou outra vez. Eva pensou em tudo que havia vivido e ainda faltava muito, era jovem e não podia morrer. Novamente, seu corpo subiu e bateu os braços tentando não afundar e ficou presa a um galho grande de uma árvore que descia a correnteza. Eva se agarrou a ele, enquanto engolia água e sentia o corpo batendo contra as pedras na água gelada. Ela não sabia dizer quanto tempo desceu e ficou presa aquele galho.

Acordou na margem do rio. Não sabia onde era, mas pelo que notou, estava bem longe de Austin. Encontrou uma família mexicana que tentava a vida no Texas, Juan e Maria. Eva lhes ofereceu dinheiro para que a levassem até Shepherd, prometeu que lhes daria emprego e uma moradia.

— Não tenho nada aqui comigo, mas se me levarem onde preciso, darei o que quiserem...

Na confiança e sem garantia alguma, eles aceitaram. Eva ficou doente, teve febre e o casal cuidou dela e a levou até o padre, Arthur, em Crescentfalls. Ele cuidou dela em segredo e quando Eva voltou a si, pediu que avisasse Jeremiah que estava ali e viva. E assim que ele colocou os pés na fazenda, o padre vinha lhe enviando mensagens para que viesse visitá-lo.

— Deveria ter me dito que era você... — Ele a censurou. — Eu teria vindo no mesmo instante.

Jeremiah estava encostado na cabeceira da cama, seu corpo imponente protegia o de Eva. Ela estava entre seus grandes e fortes braços. Lugar de onde ela jamais sairia.

— Achei arriscado, não sabia como estavam as coisas, sobre Judson e minha família...

— O que eles fizeram com você foi imperdoável, Eva. — Ele a segurou pelo queixo e a obrigou a encará-lo. — Eu entreguei as cartas aos Rangers, provavelmente, eles serão presos.

Ela assentiu.

— Foi o melhor a fazer. Eles nunca vão parar. Minha mãe pensa como eles. Ela acha que eu deveria morrer para que meus irmãos ficassem com tudo — contou, triste. — Ela deixou que me levassem para morrer e ainda confessou ter matado meu pai.

— Você está segura, agora — pegou a mão dela e a beijou. — Não vou deixar que nada lhe aconteça. Cometi o erro de deixá-la desprotegida, não vou cometer duas vezes.

— A culpa não foi sua — sentou-se e virou-se para ele, encarando-o. — Chega de culpas, Jeremiah. As minhas, as suas. Chega. Não temos culpa pelos erros dos outros. Vamos viver em paz assim que tudo isso se resolver — disse com carinho.

— Está bem — concordou. Mas a paz somente viria quando Judson estivesse preso e toda sua família.

— A primeira coisa que vamos fazer, é nos casar. — Ela o atraiu de seus

profundos pensamentos.

Ele sorriu.

— Está com tanta pressa de ser a senhora Clarckson? — inquiriu com seu sorriso charmoso.

— Sim. — Ela também sorriu.

— Vamos esperar você melhorar e...

Ela fez que não.

— Não?

— Eu estou ótima. — Ela sorriu. — Estava esperando apenas você chegar. E vamos nos casar, agora.

— Agora?

— Sim. Sempre vivi com tanto medo que não sei outra forma de viver. Nunca fui destemida como Donna Mae e Beth Lee e sempre me senti uma tola. Mas descobri que mais poderosa que uma arma, é a inteligência de uma mulher...

Ele estreitou o olhar.

— Quer se casar comigo por qual motivo, então?

— Por vingança, Jeremiah. Quero me vingar de minha família e ser feliz ao seu lado para sempre.

Ele sorriu com malícia para Eva.

— E o que tem em mente?



Apenas com a presença dos Clarckson, na casa da fazenda Shepherd, o Padre realizou o casamento de Jeremiah e Eva. Era óbvio que no dia seguinte, todos saberiam do acontecido, mas levaria algum tempo para que a notícia chegasse em Austin e era disso que precisam. Tempo.

Eva não usara o vestido que havia comprado e muito menos fora uma grande festa como Jeremiah havia planejado. Mas estavam ligados para sempre e nada poderia separá-los. Eles receberam os parabéns dos familiares e Jeremiah estendeu a mão para Eva. Ela o fitou com grande ternura e aceitou a mão quente que cobriu a sua e juntos deixaram o salão e subiram ao quarto dele.



Por enquanto, Eva havia se contentado com sua noite de núpcias na casa e com uma lua-de-mel para dali algumas semanas. Ela queria conhecer Nova Iorque e Jeremiah queria levá-la até mais longe, Europa.

— Não acha que deveríamos jantar com todos? — Ela quis saber quando entraram no quarto. — Não estamos sendo indiscretos deixando-os lá embaixo e subindo para ficar a sós?

— Quero ficar com você, Eva, nada mais. Estou morto de saudade. — E então a beijou.

Eva estremeceu com aquele beijo.

Por um instante, dentro daquele rio, pensou que jamais voltaria a ver Jeremiah e esse pensamento quase a enlouqueceu. Jamais voltaria a ficar longe dele.

Jeremiah prendeu o corpo feminino ao seu, explorando os lábios, em uma urgência indescritível.

O sabor de Eva era único, o cheiro dela, ele não sabia explicar, o embriagava. Estava ansioso para fazê-la sua e começou a despi-la de forma frenética, enquanto se livrava das próprias roupas. As mãos dele passeavam pelo corpo dela, excitavam-na, experimentavam dos seios pesados e entumecidos. Ao ouvir os gemidos constantes dela, ele perdeu-se no prazer, suas mãos agarraram a fina cintura e a empurrou contra a cama, apoiando seu corpo sobre o dela. Virou-se na cama e a trouxe para cima de seu corpo. Ela beijava-o, quando ele ergueu os redondos quadris e a fez sentar-se sobre ele.

Foi uma experiência diferente para Eva. Ela jamais poderia imaginar que seria tão bom assim, movimentar-se sobre ele. Ela o apertou, ardente e começou a se mover lentamente, com a ajuda dele, perdendo-se, rendendo-se. Os gemidos selvagens de Jeremiah a incentivaram a ir mais além, sem perder o ritmo, deixando-o louco.

Ela ergueu o corpo e ele também, abraçando-a, lambendo os peitos, o colo, o queixo. Ele moveu-se cada vez mais fundo até que ficou insuportável e gozaram juntos, agarrados um ao outro. Jeremiah deitou Eva contra o colchão e voltou a beijá-la. Ela abriu-se para ele novamente, surpresa com o fato de seu corpo precisar tanto do dele.

— Será que vai ser assim até envelhecermos? — Ela perguntou entre os beijos.

— Que Deus me dê a eternidade, então... — murmurou contra os lábios dela, antes de mergulhar em seu corpo mais uma vez.



## Capítulo 20

Judson Joyce estava sentado diante do advogado da família com um sorriso largo. Com a morte de Eva, ele era o principal beneficiado, tendo que dividir em pequenas partes com seus outros dois irmãos. Cuidaria de sua mãe, mas não podia deixar nada para ela, afinal, era uma mulher e mulheres não eram confiáveis.

Perguntava-se porque o pai cometera o erro de deixar tudo para Eva. Era fora uma tola, uma traidora que se apaixonara pelo homem errado. E por pouco Judson também não ficou com Shepherd. Mas o maldito Clarckson tinha sorte no pôquer, era famoso por isso, e deveria ter imaginado que perderia. Todavia, com o passar do tempo encontraria uma forma de acabar finalmente com aquela maldita família.

O advogado tirou a carta e entregou a ele. Judson olhou para os demais irmãos e para a mãe, sorriu satisfeito e começou a ler. Contudo, não estava entendendo bem o que dizia.

— Acho que há algo errado aqui, Morris. — Judson fez que não e devolveu a carta. — Aqui, minha irmã deixa tudo para os hospitais, orfanatos e instituições de caridade do Texas. Além disso, devolve aos herdeiros as terras que compramos. Isso é impossível!

Morris pegou a carta, a olhou atentamente e devolveu a Judson.

— Está tudo certo — garantiu.

— Como? — Ele folheou as páginas. — Está assinada por minha irmã. Ela está morta.

— O senhor está enganado. A senhora Clarckson está muito viva.

Judson sentiu um golpe frio pelo corpo.

— O que foi que disse?

— O senhor me ouviu bem. Eu disse que a senhora Eva Clarckson está viva e me entregou essa carta há alguns dias, registrada em cartório como pode ver. Ela abriu mão de toda a sua herança em nome dos mais necessitados.

— Mentira! — Judson gritou, nervoso e se ergueu. — Aquela maldita está morta — rasgou o papel. — Isso aqui não vale nada!

— Pode rasgar, senhor Joyce, é apenas uma cópia para sua ciência. O senhor e sua família tem que deixar esta casa ainda esta semana, pois ela vai a leilão.

— Eva não pode estar viva! — Ele relutou em aceitar.

— Acalme-se, Judson. — A mãe pediu.

— Acalmar? — Ele se livrou da mão dela com violência. — A culpa é sua por essa prostituta ter arruinado a nossa vida! Eu deveria tê-la matado quando pude, mas você me convenceu a esperar!

Morris se ergueu. Já estava farto de trabalhar com aquela família. E agora, que estavam falidos, ele não tinha motivos para prosseguir.

— Fiz meu trabalho, com licença. — E se foi.

Judson andou de um lado para o outro, furioso e deu um murro na parede, machucando a própria mão. Norma tremeu ao ver o filho daquele jeito. Ele se parecia muito com Alan, ainda mais quando ficava violento.

— Como essa prostituta sobreviveu? — perguntou, enfurecido olhando para os irmãos. — Como? — olhou para a mãe. — Sabia disso?

— Não — respondeu engolindo em seco. — Juro que não sabia, também pensei que ela tivesse morrido.

— Está viva e se tornou esposa de Clarckson! E doou todo o nosso patrimônio para os pobres! — Ele gritava e espumava.

Norma estava com medo do filho, temia que ele fizesse uma besteira.

— Podemos procurar uma forma de reverter isso. — Noah sibilou.

— Como, imbecil? Não sei o que vamos fazer, mas precisamos planejar algo e obrigá-la a assinar um novo documento nos dando tudo. Vou atrás de Clarckson e vou ameaçá-lo. — Ele andava de um lado para o outro. — Não sei o que vou fazer, mas não vou ficar na miséria depois de todo o sacrifício que fiz!

Batidas na porta interromperam o grito dele. Norma apressou-se a abri-la.

— Desculpe-me, senhora. — O empregado falou. — Mas há visita.

— Não vamos receber visitas...

Um homem alto e robusto, empurrou a porta e entrou. Raymond estava segurando um mandato na mão e estava acompanhado de mais cinco Texas Rangers.

— Quem é você? — Judson o enfrentou.

— Meu nome é Raymond Shawn e tenho um mandato de justiça contra

os senhores...

— O quê?

Noah arrancou o papel da mão de Raymond.

— Isso não é possível!

— Por que estamos sendo presos?

— Pela morte e assassinato de várias pessoas e por participação na criação e manutenção do Bando da Morte, além de tomada ilícita de terras. — Raymond explicou e fez sinal para que os pegassem.

Ninguém resistiu, além de Judson. Ele tirou a arma do coldre e apontou para os demais.

— Se alguém se aproximar de mim, eu atiro — ameaçou.

— Abaixе a arma, senhor! — Raymond gritou.

— Fique longe de mim, eu não vou para a cadeia! — Ele foi se afastando em direção a janela.

— O senhor está cercado, não tem para onde ir...

Judson olhou ao redor. Do lado de fora havia mais Texas Rangers esperando para prendê-los. Foram pegos, não havia como fugir. E ele não ia aceitar que o tocassem, não ia para a cadeia. A culpa era de sua irmã e aquele maldito Clarckson. Mas ele não ficaria ali para que o prendessem.

Olhou para a mãe sendo presa, e seus outros dois irmãos. Eles não resistiram à prisão. Sua mãe chorava e os irmãos estavam cabisbaixos. Eram fracos. Judson não era. Jamais seria um fraco, pensou decidido.

— Senhor, abaixe essa arma!

Então, ele pensou no pai. E que havia mais honra na morte. Judson ergueu a arma e o tiro ecoou, fazendo os pássaros que se escondiam no carvalho voarem. O grito de Norma veio em seguida, ela tentou se livrar das mãos do Texas Rangers e conseguiu, correndo para o filho caído no chão e morto. Judson Joyce acreditou estar seguindo o mesmo caminho de seu pai.



Eva estava parada do lado de fora da casa, usando seu belo vestido azul,

segurando sua sombrinha, para se esconder do sol ameno quando os Texas Rangers passaram com os prisioneiros. Ela sentiu tristeza, mas justiça tinha sido feita. Sua mãe ainda a olhou, mas virou o rosto, envergonhada. Eles perderam.

Jeremiah Clarckson segurou a mão da esposa com firmeza e a levou aos lábios.

— Apesar de tudo, não há prazer na vingança — falou, triste.

Jeremiah assentiu.

— A vingança de seu pai e de minha mãe destruiu sua família, Eva. E quase destruiu a minha...

Ela viu o veículo se afastar com os prisioneiros e o corpo de Judson.

Era o fim de mais um capítulo.

Jeremiah a ajudou a subir no coche e também saíram dali.

— Vai contar para sua família sobre Timothy? — Ela quis saber.

— Não. — Ele decidiu. — Isso apenas deixaria tia Caroline arrasada e não mudaria nada.

— Entendo. — Ela concordou. — O segredo morre conosco.

— Sim, eu prefiro.

Eles almoçaram com Marck. Desta vez, Richard levou a noiva Madeleine para se juntarem a eles. E apesar de Marck ser um perfeito anfitrião, junto com seus excêntricos pais, Eva sabia que ele estava sofrendo.

Jeremiah e Richard estavam discutindo negócios, enquanto Madeleine acompanhava a senhora Andrews em um tour pela mansão. Eva aproveitou e se aproximou de Marck.

— Como você está? — Ela perguntou dando o braço a ele e caminhando pelo jardim.

— Eu deveria lhe fazer a mesma pergunta...

Ela sorriu.

— Essa tristeza pela minha família vai passar — comentou. — Mas estou feliz por mim e Jeremiah.

— Você foi muito corajosa, Eva. Outra teria sucumbido ao desespero.

— Eu não podia morrer, Marck. Jeremiah precisa de mim e eu dele. Viemos a esta vida para completarmos a existência um do outro, nada pode mudar isso.

O amigo suspirou.

— O que vai fazer? Logo Richard se casará.

— Vou viajar um pouco e seguir com a vida, minha amiga. Não há outro meio.

— Sinto muito.

— Eu também. Mas a minha felicidade não pode resultar na infelicidade de outros — comentou.

Ela acariciou o braço dele, tentando consolá-lo.

— Com licença. — Jeremiah se aproximou. — Mas posso roubar minha esposa um instante?

— Claro. — Marck sorriu para os dois. — Com licença.

— O que foi, querido?

— Venha aqui, comigo, por favor.

Ele segurou a mão dela e a levou para dentro da casa. Logo, estavam na sala de música. Entraram e ele trancou a porta.

— Por que me trouxe aqui? — perguntou, ansiosa.

— Nostalgia. Foi aqui que a possuí pela primeira vez — lembrou se aproximando dela com aquele olhar malicioso.

— Jeremiah Clarckson não está pensando em fazer amor comigo em plena luz do dia! Na casa de Marck com pessoas transitando pela casa! — Ela o reprovou andando para trás.

— Não há hora para o amor. — Ele sibilou e riu quando ela caiu sentada no sofá.

Jeremiah aproveitou e foi para cima dela.

— Lembra-se de como se entregou a mim?

— Isso é indecoroso! — Ela tentava empurrá-lo, mas começou a rir. — Eles vão sentir nossa falta e perguntarão o que estamos fazendo aqui...

— Não importa...

Ele tomou seus lábios. Era somente os dois e uma desmedida paixão sôfrega. Jeremiah lhe levantou as saias e tocou o centro de suas pernas, ela ofegou e abaixou o próprio decote para que lhe tomasse os seios. Ela gemeu úmida e pronta para ele. Jeremiah abaixou a calça e a possuiu, sua testa colada a dela, os gemidos se misturando, os lábios se tocando ávidos. O clímax chegou e Jeremiah perdeu o controle, abraçando-a com força, dizendo seu nome.

Batidas na porta os apressaram a arrumar e quando Jeremiah a abriu, Eva

estava ao piano tocando uma linda música. Eles sorriram para a senhora Andrews e para Madeleine e elas entraram para se unir a eles. Eva torceu para que nenhuma delas notasse o cheiro de sexo que tomara o ambiente. Estava ruborizada e tocava como nunca, apaixonada pelo marido, como se nada tivesse acontecido.

Mas havia.

Como sempre, Jeremiah a encantava e a fazia a mulher mais feliz do mundo. Quando foi que achou que isso não era possível? Não se recordava.

A caminho do hotel naquela noite, ele lhe contou como fora a conversa com o governador e ela sentiu pena de Laura por amar e não ser correspondida, mas também ficou feliz por ela ter se apaixonado por um homem honrado como Jeremiah que não se aproveitou de seus sentimentos.

Partiram na manhã seguinte de volta à Shepherd e qual não foi a surpresa ao ver que Marck lhe enviara um presente: a máquina de costura.

— Eu havia comentado com ele que queria uma para começar um negócio... — contou ao marido, quando chegaram ao quarto e começaram a se arrumar para dormir.

— Negócio?

— Sim.

— Vai se unir a Donna Mae na cooperativa?

— Não, pensei em ter uma loja de roupas — sorriu, tímida. — Tomei gosto pela costura e por desenhar vestidos.

Ele estreitou o olhar.

— Não sabia deste seu dom.

— Por quê? Algum problema?

— Nenhum.

— Vai me impedir de trabalhar? — perguntou, curiosa.

— Eu? — fez que não. — Por que eu faria isso? Construí os galpões para a cooperativa de Donna Mae, por que eu a proibiria de ter seu investimento?

— Apoiou Donna Mae? — inquireu, surpresa.

— Sim, meu amor.

— Isso é incrível. A maioria dos homens que conheci sempre acharam as mulheres inferiores.

Ele a beijou de leve nos lábios.



— Então é porque você conviveu com o tipo de homem errado.

Eva o fitou com carinho.

— Ainda bem que encontrei você! — acariciou o rosto do marido. — Tenho tanto a aprender sobre você.

— Temos muito tempo para isso... — Ele a beijou e sentou para tirar as botas.

Ela ajoelhou-se para ajudá-los com as botas. Acabou montando em uma das pernas dele para auxiliá-lo e ele vislumbrou o traseiro bonito da esposa. Jeremiah acariciou as nádegas macias e, em seguida, a puxou com força contra seu colo, arrancando um grito de susto.

— Gosta de provocar, senhora? — inquiriu levando as mãos aos seios dela, enquanto a língua passava pelo pescoço.

— É essa a intenção — murmurou, lânguida com o toque dele.

Ele gemeu e a virou em seu colo, obrigando-a a abraçá-lo com as pernas.

— Diga. — Ele pediu.

— Quero você, Jeremiah...

— Isso — esfregou-a sobre ele. — Seja minha, Eva.

— Sempre, meu querido, sempre!

E beijaram-se com volúpia rolando pela cama com paixão.

— Amo você, Jeremiah — confessou mais uma vez.

— Desde o princípio, querida, eu também...

Ela sorriu feliz e deixou que o marido a fizesse a mulher mais feliz do mundo, outra vez.

## Epílogo

Alguns anos mais tarde...

Caroline Clarckson sentou-se a sua cadeira de balanço na varanda da casa grande. Ela ajeitou o xale sobre os ombros e respirou o ar puro de Shepherd. Logo chegaria novamente o inverno seco do Texas.

— Está vendo, John? — Ela disse ao homem que se sentou ao seu lado. — Nossos meninos cresceram.

A mão enrugada de John tocou a sua e a beijou.

— Tenho sentido a sua falta. — Ele lhe falou.

— Também sinto a sua... Você se foi há muito tempo... É horrível ficar neste mundo sem o seu calor.

Ele assentiu e olharam para o amplo jardim.

Donna Mae e Bradford Dawson tinham o Haras Dawson e Donna estava grávida do segundo filho. O primeiro nascera há seis anos e se chamava Connor Dawson. A cooperativa continuava a todo vapor.

Robert e Betty Lee cuidavam do Benjamin, que agora estava com dez anos, e tinham Clara de sete anos, Robert Júnior de cinco anos e Sandy de dois anos.

Jeremiah e Eva, tiveram gêmeos: John e Mary. E então veio a segunda gravidez, mais dois gêmeos: Trevor e Martin.

E as crianças brincavam no jardim, correndo de um lado para o outro. Caroline sabia que a vida chegava ao fim para ela, mas não daquela forma triste que as pessoas viam, ela estava feliz, porque John viera buscá-la.

— Acho que Robert e Betty Lee deviam contar a Benjamin sobre os pais dele. — John aconselhou.

Caroline franziu o cenho.

— Acha mesmo, querido?

— Olhe para ele. — John pediu e Caroline olhou para o menino de cabelos ruivos que corria atrás de Clara. — Um dia ele vai questioná-los o motivo de amar Clara mais do que pode porque pensa que são irmãos.

— Oh! — Caroline fez que não. — Caberá ao destino escolher o

caminho melhor para esses nossos jovens. Não podemos controlar tudo, não é?

John ergueu-se.

— Está na hora de ir, meu amor. Precisamos descansar.

Ela sorriu para ele e segurou sua mão.

— Está bem. — Caroline deu um forte abraço em John, ela o amava tanto.

Ainda podia se recordar da primeira vez em que o viu e a paixão explodiu em seu peito.

— Eu o amo, John.

— Você é meu motivo para existir, Caroline.

E abraçados caminharam pelo jardim até desaparecerem.

Donna Mae subiu a varanda e notou que a tia estava dormindo. Aproximou-se e ao tocar sua face fria, soube que ela havia partido.

— Brad! — Ela gritou para o marido.

Ele veio correndo de dentro da casa e constatou que Caroline se fora. Ele abraçou a esposa que chorou contra o seu ombro.

O enterro de tia Caroline foi em uma manhã ensolarada, com toda a família reunida: os Dawson e os Clarkson.

— Tia Caroline foi uma mulher exemplar, que amou os seus incondicionalmente e acima de tudo. — Donna discursou emocionada — Espero que todos nós tenhamos aprendido com ela o quanto amar é importante na vida de alguém.

Eva plantou cravos vermelhos em frente a lápide, sabendo que ela gostava. Donna ficou abraçada ao marido, enquanto os irmãos se foram. Ela olhou para a lápide de sua tia e depois fitou Brad.

— Acha mesmo que nossas lápides estarão aqui daqui uns cem anos, querido?

— O que importa é que exista amor sob o céu dos Dawson. — Ele a beijou de leve nos lábios e foram em direção à carroça.

E as famílias seguiram para casa, certas que o amor vence todas as coisas. O amor é forte, é poderoso e sua glória resplandece para sempre.

\*\*\*Fim\*\*\*

## **OUTROS LIVROS DA AUTORA**

### **SÉRIE DAWSON WESTERN**

#### **A FORÇA DO AMOR** <http://a.co/d/1kEcQ01>

Donna Mae Clarckson é uma mulher à frente do seu tempo, preocupada em tornar o vilarejo em que mora no velho oeste, em uma cidade próspera que conste no mapa. Ela não está ansiosa para encontrar um marido e ter filhos, ao contrário, há muito tempo esse detalhe foi riscado de sua lista de prioridades. Entretanto, a chegada do novo padre no povoado, não vai somente mudar a rotina das pessoas, mas fazer com que a destemida Donna Mae tenha medo dos desejos de seu coração e passe a querer mais do que pode ter...

Bradford Dawson foi enviado para Crescentfalls para averiguar as mortes misteriosas dos últimos cinco padres e, nada melhor do que se passar por um pároco para fazer sua investigação. Mas de todos os perigos, o mais temível deles resolve bater a sua porta: a bela e corajosa Donna Mae Clarckson, que ameaça os planos de Brad de nunca entregar seu coração a uma mulher...

#### **O PODER DO AMOR** <http://a.co/d/1VyS2eT>

Robert Clarckson e Beth Lee Malick são noivos, completamente apaixonados um pelo outro, até que o ciúme e a insegurança dele os separam, em meio à amargura e o ódio entre suas famílias. Os anos passam e ambos acreditam que nunca mais ficarão juntos, até que o destino resolve uni-los novamente de uma forma inesperada e surpreendente. Eles já não são os mesmos, as feridas os transformaram em novas pessoas e a mágoa ainda persiste entre eles. Entretanto, o velho sentimento está lá, e o amor insiste em aparecer nos momentos mais inoportunos. Poderão superar suas diferenças e as amarguras para ficarem juntos? Poderá Beth Lee aprender a perdoar e Bob a confiar cegamente na mulher que sempre será dona de seu coração e sua alma? Será que o amor tem poder suficiente para curar e seguir rumo à felicidade?

#### **A GLÓRIA DO AMOR**

Jeremiah Clarckson é um homem teimoso e destemido, e isso o fez levar a fazenda de sua família ao topo e tornar-se um homem influente no Texas. Eva Joyce manteve-se escondida na fazenda Shepherd, longe dos problemas de sua família, até que um lindo cowboy cruza seu caminho e eles se apaixonam. E

quando Eva descobre quem ele é, é tarde, está apaixonada para contar a verdade: que ela é filha do maior inimigo dos Clarckson, Alan Joyce. Contudo, a verdade nunca fica escondida e Jeremiah descobrirá sua identidade. Pode o amor superar mentiras e traições?

## **SÉRIE DAWSON CONTEMPORÂNEA**

### **UMA SEGUNDA CHANCE** <http://a.co/d/4fb>

Mitchell Dawson está fora de casa há dez anos. Quando retorna ao haras Dawson, ele é recebido a tiros por uma linda morena de temperamento um tanto hostil, Terence Reynolds. Através dela descobre que as terras de sua família estão endividadas e destruídas, e que seu irmão Steve está preso, acusado de matar a ex-mulher e o amante. Para completar ainda tem dois sobrinhos gêmeos precisando de seu carinho. Terence era babá dos gêmeos no haras e está disposta não somente a ajudar Mitchell a recuperá-los, mas também salvar as terras e provar a inocência de Steve, mesmo que segredos de seu passado tão obscuros viessem à tona. Em meio a intrigas, mentiras e morte, o que ambos não esperavam é que um momento de solidão fosse despertar um sentimento tão forte, que levaria Mitchell a lutar por esse amor com todas as suas forças.

### **O FALCÃO DO DESERTO** <http://a.co/d/hd7JhwH>

Depois de ser acusado da morte da esposa e de ficar sete meses em uma prisão, a única coisa que Steve Dawson queria era apenas trabalhar no haras da família, criar seus filhos gêmeos, James e John e viver em paz. Entretanto, quando a jovem Dakota Seymour precisa de sua ajuda, ele percebe que é impossível estar alheio ao desejo natural que os homens sentem pelas mulheres. Ele vai lutar contra esse sentimento com todas as forças que possui, até perceber que o que está escrito ninguém pode mudar.

## FLÁVIA PADULA

É jornalista, filha, irmã, mãe, esposa, amiga, dona de casa, mulher e escritora.

Escreveu o livro jornalístico *Quisisana, uma história, uma vida*.

Recebeu vários prêmios literários no Brasil.

Também é autora dos romances históricos *O Duque, O Yankee, O Plebeu, A Casa da Colina, De Volta à Casa da Colina, O Cavaleiro de Shetwood, A Carta, Conde de Denbigh, Sublime, A Força do Amor, O Poder do Amor, A Glória do Amor, Danior, Vladimir, O Pirata e a Prisioneira, Maldição do Rei, O Feitiço da Princesa*. De literatura contemporânea iniciou com *Uma Segunda Chance, O Falcão do Deserto* e do conto *Escolhas, O Pescador, Ralph, O Vira-Lata*. Estreou na Literatura Erótica com os Contos *O Baile de Carnaval, Fim de Semana* e com a Comédia Romântica *Quero Me Casar e o O Editor*.

### Facebook

<https://www.facebook.com/flaviapadulaescritora>

**Instagram**  
@flaviapadulaescritora

# Table of Contents

[NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Instagram](#)